

HORACIO
QUIROGA



Passado Amor
e outras histórias

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

HORACIO QUIROGA

1878-1937

Passado Amor
E OUTRAS HISTÓRIAS

Edição

LUCIMAR CORREA

ARCA LITERÁRIA

O autor

Horacio Silvestre Quiroga Forteza, nasceu em Salto, Uruguai, e tem como poucos o direito de não ser nem uruguaio nem argentino, mas sim rio-platense. Por sua tradição, por seu sangue, pelo resumo de sua vida, pertence à região do Rio da Prata, essa região que também abarca, geográfica e culturalmente, todo o sul do Brasil, todo o Paraguai e boa parte da Bolívia.

Pode-se dizer que Horacio Quiroga (1878-1937) é um desses escritores que, caso não conheçamos sua vida, então não compreenderemos sua obra. Somente assim entende-se por que em seus contos, gênero que cultivou com presteza e que lhe rendeu a justa atribuição de pai do conto latino-americano, mortes violentas, inesperadas e absurdas acontecem a todo o momento.

Dizer que somente pela biografia dele é possível compreender sua obra de forma alguma é exagero quando, sabendo o nome de seu livro mais famoso, *Historias de amor, de locura y de muerte*, somos informados de que o pai de Quiroga se suicidou quando esse tinha ainda três anos; que o seu padrasto, após uma hemorragia cerebral o deixar parcialmente paralítico, segue o mesmo caminho e se suicida na frente dele de uma forma horrenda (mordeu a boca do cabo de uma espingarda e apertou o gatilho com o pé); que poucos anos depois Quiroga, examinando umas pistolas de duelo, mata com um tiro acidental seu melhor amigo; que dois de seus irmãos se suicidam; que sua primeira mulher, vítima de uma depressão terrível, também põe fim a própria vida; e como uma espécie de sina macabra, de um Destino que permanece insondável para a compreensão humana, após a morte de Quiroga os seus três filhos, um após o outro, também se suicidam.

Sua extensa obra (onze livros, intensa atividade epistolar, incursões no teatro e no cinema, diversos artigos e contos espalhados em revistas variadas) inicia-se em 1901 com *Los arrecifes de coral*, obra um tanto irregular, reunindo poesias e prosas poéticas com uma franca veia decadentista. É ainda o jovem

Quiroga, a quem Jorge Lafforgue, coordenador da edição crítica lançada pela Alca XX e Edusp, considera nessa época como uma espécie de dândi latino-americano, recém-chegado de uma temporada européia onde teve contato com a boemia literária de Paris – experiência vital para Quiroga, por permiti-lo reconhecer a si mesmo como um estranho para aquele mundo intelectual, antecipando o desenvolvimento de seu itinerário algo misantrópico.

É nessa mesma época que mata acidentalmente seu melhor amigo, e também quando muda para Buenos Aires, morando junto a sua irmã mais velha, na busca de um pouco de tranqüilidade. Estamos em 1903: ano decisivo, participa como fotógrafo em uma expedição de estudos às ruínas jesuítas de Misiones, no norte argentino. É o primeiro contato com a selva, com a desolada e solitária região fronteiriça, com as margens do grandioso Rio Paraná e a desafiadora natureza que o circunda.

O deslumbramento de Quiroga com a região o fez mudar-se para lá, em uma desastrosa experiência como cultivador de algodão; do ponto de vista empresarial foi um fracasso absoluto, mas lhe proporcionou a imersão em larga escala em uma natureza dura e intratável. Não obstante, é em meio aos trabalhos braçais em sua propriedade que escreve o seu primeiro livro de contos, *El crimen del otro* (1904). Aqui sua escritura já se mostra livre das dengüices decadentistas: torna-se árida, concisa, demolidora. Já não é mais um autor em aprendizagem: a geografia do norte argentino impregna suas páginas e a infrutífera ação humana perante a Natureza comparece como seu principal tema.

De volta a Buenos Aires em finais de 1905, insere-se novamente na vida cultural portenha. Retorna ao magistério, atividade que desempenhara em sua primeira temporada na cidade. Colabora com inúmeras revistas. Publica um romance, *Historia de um amor turbio* (1908). E em fins do mesmo ano casa-se com Ana María Cirés, uma aluna de quinze anos (tinha ele então trinta). Logo após a união matrimonial, muda-se para Misiones, onde atuará como um juiz de paz, cargo administrativo federal que seria algo entre um prefeito e um delegado. A atividade lhe garante algum dinheiro e, principalmente, uma reserva de tempo livre para dedicar-se à

exaustão em atividades manuais em sua propriedade (Quiroga construiu sozinho um sobrado em frente ao Rio Paraná) e, claro, escrever seus contos. "A la deriva", provavelmente um de seus melhores contos, data desse período, que se estendeu até 1915, ano em que sua esposa se suicida.

Volta para Buenos Aires em 1916 com os dois filhos desse primeiro casamento. Sua obra torna-se gradualmente reconhecida. No ano seguinte publica *Cuentos de amor, de locura y de muerte*, cuja rápida e entusiástica aceitação lança Quiroga como um importante escritor. Está em sua maturidade: os contos, brevíssimos, contém tão somente o essencial, em uma segura vocabular que apresenta situações onde o homem se depara com a morte em suas mais variadas facetas. E como pano de fundo para essas mortes (sempre) violentas, a selva *misionera*, o implacável clima do norte argentino, que cumpre um papel que arrisco a dizer metafísico, no sentido de mostrar-se não como uma natureza virgem e intocada, mas como uma manifestação da pura solidão, do isolamento e da impenetrabilidade da Natureza pelo entendimento humano. Nisso se difere, e radicalmente, a escritura de Quiroga em relação à tradicional prosa regionalista, que muitas vezes se restringe a tão somente esmiuçar os "costumes" e a suposta "cor local" de regiões rurais. Sobre isso, cito o cronópico Cortázar no ensaio "Alguns aspectos do conto":

"Quiroga, Güiraldes e Lynch eram escritores de dimensão universal, sem preconceitos localistas ou étnicos ou populistas; por isso, além de escolherem cuidadosamente os temas de suas narrativas, submetiam-nos a uma forma literária, a única capaz de transmitir ao leitor todos os valores, todo o fermento, toda a projeção em profundidade e em altura desses temas. Escreviam tensamente, mostravam intensamente. Não há outro modo para que um conto seja eficaz, faça alvo no leitor e se crave em sua memória"

Dissemos no começo que Quiroga é um escritor que se define pela sua biografia, e que as constantes mortes que presenciou influenciaram completamente a escritura de seus contos. Diante disso, seria lógico dizer que o tema de Quiroga é a morte. Porém,

uma leitura mais atenta de sua obra mostra que não é exatamente isso. Um de seus críticos, Pedro Luis Barcia, diz:

"O tema do conto de Quiroga não é, como se diz habitualmente, a morte; é a perplexidade do homem ao enfrentar-se com ela; mais ainda, é a resistência tenaz do homem que reconhece que morre, a negação dessa idéia, a não aceitação dessa consciência"

Tiro certo, fio do machado, inseto sanguinário, veneno de cobra, malária, febre fulminante, sol incandescente: seja qual for o agente produtor, o que unifica essa diversidade é a casualidade da morte. Porque seja qual for o seu momento, a morte cai como um raio, como um lance de dados, como uma roleta russa. O homem é um bicho jogado no mundo que observa a morte com assombro e incredulidade; cotidianamente tenta, de todas as formas, convencer-se de que ela não acontecerá; que é possível ocultá-la da consciência e, assim, colocá-la sempre para o futuro (cremes anti-idade, cirurgias plásticas e demais processos de rejuvenescimento não são apenas estéticos, mas desesperadas e frustradas tentativas de afirmar-se como inapto para a morte).

A vontade humana luta sem cessar contra esse aniquilamento derradeiro: é pela vontade que conseguimos compreender esse Quiroga, um homem da cidade, um escritor que visitou Paris com ares de dândi latino-americano, de repente se transformou em um gaúcho que trabalha sob o sol avassalador do Norte; que leva sua família a morar literalmente no meio do nada; que constrói sua casa com as próprias mãos; que tem que remar por dois dias seguidos para alcançar o povoado mais próximo; que abandonado pela segunda esposa, mulher que se sentia sufocada em Misiones, refugia-se ainda mais em seu isolamento; parece mesmo que estava desafiando alguma coisa, que não queria se render. Assim entendemos o seu suicídio em Buenos Aires, no ano de 1937, quando os médicos diagnosticam que um câncer já estava em grau avançado e nada mais poderiam fazer; a ingestão de um copo de cianureto é seu gesto de negação das humilhações do momento final, da incapacidade humana perante o Irremediável; seu suicídio, enfim, como um último (e contraditório) gesto de vontade e revolta contra a morte.

Os contos

- Uma Estação de Amor: Primavera/Verão/Outono/Inverno
- A Galinha Degolada
- Os Imigrantes
- A Insolação
- O Travesseiro de Penas
- As Meias dos Flamingos
- Em Declive
- O Filho
- O Mel Silvestre
- À Deriva
- O Solitário
- Passado Amor

Uma estação de amor

Primavera

Era terça-feira de Carnaval. Nébel acabava de entrar no curso já ao escurecer e, enquanto desfazia um pacote de serpentinas, olhou para a carruagem da frente. Surpreendido por uma cara que não tinha visto no carro na tarde anterior, perguntou aos companheiros:

— Quem é? Não parece feia.

— Um demônio! É lindíssima. Acho que é sobrinha, ou qualquer coisa assim, do doutor Arrizabalaga. Chegou ontem, creio...

Nébel fixou atentamente os olhos na bela criatura. Era uma rapariga ainda muito jovem, não teria mais de catorze anos, mas já era núbil. Tinha, por baixo do cabelo muito escuro, um rosto de suprema brancura, desse mate e cetim que é patrimônio exclusivo das cútis muito finas. Olhos azuis, rasgados, perdendo-se em direção às têmporas entre negras pestanas. Talvez um pouco separados, o que, por baixo de uma fronte tersa, dá um ar de grande nobreza ou de grande obstinação. Mas os seus olhos, tal como eram, enchiam aquele rosto em flor com a luz da sua beleza. E Nébel, ao senti-los detidos, por um momento, nos seus, ficou deslumbrado.

— Que encanto! — murmurou, ficando imóvel com um joelho sobre o almofadão do vice-rei. Um instante depois as serpentinas voavam para a vitória. As duas carruagens estavam já enlaçadas por uma ponte suspensa de papel e a responsável por isso sorria de vez em quando ao galante rapaz.

Mas tudo aquilo roçava já a falta de respeito para com as outras pessoas, para com os cocheiros e até para com a carruagem: as serpentinas choviam sem cessar. Tanto assim que as duas pessoas sentadas atrás se voltaram e, mesmo sorrindo, examinaram atentamente o esbanjador.

— Quem são? — perguntou Nébel em voz baixa.

— O doutor Arrizabalaga... Certamente não o conheces.

A outra é a mãe da tua rapariga... É cunhada do doutor.

Depois do exame, Arrizabalaga e a senhora sorriram francamente perante aquela exuberância de juventude. Nébel sentiu-se na obrigação de os saudar, ao que o terceto respondeu com jovial condescendência.

Este foi o princípio de um idílio que durou três meses, no qual Nébel investiu quanta adoração cabia na sua apaixonada adolescência. Enquanto o curso continuou e em Concórdia se prolongou até horas incríveis, Nébel estendeu incessantemente o braço para a frente, tão bem que o punho da sua camisa desabotoada bailava sobre a mão.

No dia seguinte a cena repetiu-se; e como desta vez o curso recomeçava de noite com uma batalha de flores, Nébel esgotou num quarto de hora quatro imensos cestos. Arrizabalaga e a senhora riam-se, voltando a cabeça frequentemente, e a jovem quase não afastava os seus olhos de Nébel. Este lançou um olhar de desespero aos seus cestos vazios. Mas sobre o almofadão do vice-rei restava ainda um pobre ramo de sempre-vivas e jasmims do país. Nébel saltou com ele sobre a roda do vice-rei, quase deslocou um tornozelo, e, correndo para a vitória, ofegante, empapado em suor e com o entusiasmo à flor dos olhos, estendeu o ramo à jovem. Ela, atordoada, procurou outro, mas não o tinha. Os seus acompanhantes riam-se.

— Mas, louca! — disse a mãe assinalando-lhe o peito. —

Tens aí um!

A carruagem arrancava a trote. Nébel, que tinha descido aflito do estribo, correu e apanhou o ramo que a jovem lhe estendia com o corpo quase fora do carro.

Nébel tinha chegado há três dias de Buenos Aires, onde concluía os estudos secundários. Tinha lá permanecido sete anos, de tal modo que o seu conhecimento da atual sociedade de Concórdia era mínimo. Deveria ficar ainda quinze dias na sua cidade natal, gozados em pleno sossego de alma, senão também de corpo. E logo ao

segundo dia perdia toda a sua serenidade. Mas, em compensação, que encanto!

— Que encanto! — dizia a si mesmo pensando naquele raio de luz, flor e carne feminina que lhe tinha chegado da carruagem. Reconhecia-se real e profundamente deslumbrado e apaixonado, obviamente.

E se ela quisesse!... Querê-lo-ia? Para se elucidar, Nébel confiava, mais do que no ramo do seu peito, na precipitação aturdida com que a jovem tinha procurado algo para lhe dar. Lembrava-se do brilho dos seus olhos quando o viu chegar a correr, da inquieta expectativa com que o aguardou; e, noutro plano, da languidez do seu jovem peito, ao estender-lhe o ramo.

E agora, está tudo acabado! Ela partia no dia seguinte para Montevideo. Que importância tinha o resto, Concórdia, os seus amigos de antes, o seu próprio pai? Pelo menos iria com ela até Buenos Aires.

Efetivamente, fizeram a viagem juntos e nela Nébel atingiu o mais alto grau de paixão a que pode chegar um romântico rapaz de dezoito anos que se sente amado. A mãe acolheu o quase infantil idílio com afável condescendência, e ria-se frequentemente ao vê-los, falando pouco, sorrindo sem cessar, e admirando-se infinitamente.

A despedida foi breve porque Nébel não quis perder o último vestígio de sensatez que lhe restava, evitando correr atrás dela.

Elas voltariam a Concórdia no Inverno, talvez durante uma temporada. Iria ele? O quê? Não voltar eu? E enquanto Nébel se afastava devagar pelo cais, voltando-se a cada momento, ela, de peito apoiado na amurada, a cabeça baixa, seguia-o com os olhos, e na prancha os marinheiros levantavam os seus, risonhos, àquele idílio e ao vestido, ainda curto, da terníssima noiva.

Verão

A 13 de Junho Nébel voltou a Concórdia e, embora desde o primeiro momento soubesse que Lídia estava lá, passou uma semana sem se inquietar nem muito nem pouco com ela. Quatro meses é tempo de sobra para um relâmpago de paixão, e apenas na água parada da sua alma um último resplendor conseguia criar ondas no seu amor-próprio.

Sentia, isso sim, curiosidade em vê-la. Até que um nímio incidente, picando a sua vaidade, o arrastou de novo. No primeiro domingo, Nébel, como qualquer bom rapaz da aldeia, esperou à esquina pela saída da missa. Por fim, e por acaso as últimas, altivas e olhando em frente, Lídia e a mãe avançaram por entre a fila de rapazes.

Nébel, ao vê-la de novo, sentiu que os seus olhos se dilatavam para sorver em toda a sua plenitude a figura bruscamente adorada. Esperou com ânsia quase dolorosa o instante em que os olhos dela, num súbito resplendor de ditosa surpresa, o reconheceriam entre o grupo.

Mas passou com o seu frio olhar fixo em frente.

— Parece que já não se lembra de ti — disse-lhe um amigo que a seu lado tinha acompanhado o incidente.

— Não muito! — sorriu ele. — E é pena porque gostava realmente da miúda.

Mas quando ficou sozinho chorou para si mesmo a sua desgraça. E agora que a tinha voltado a ver! Como, como a tinha amado sempre, ele que pensava nem se lembrar mais!

Acabou-se! Pum, pum, pum! — repetia sem se aperceber.
— Pum! Tudo se acabou!

De repente: E se não me tivesse visto?... Claro! É claro!

O seu rosto animou-se de novo, e acolheu esta vaga probabilidade com profunda convicção.

Às três batia à porta do doutor Arrizabalaga. A sua intenção era elementar: com qualquer mísero pretexto consultaria o advogado e talvez a visse.

Foi para lá. Uma súbita corrida pelo pátio foi a resposta à campainha e Lídia, para deter o impulso, teve de se agarrar violentamente à porta de vidro. Viu Nébel, soltou uma imprecação,

e, ocultando com os braços a ligeireza da sua roupa, fugiu ainda mais velozmente.

Um instante depois a mãe abria o consultório e acolhia o seu antigo conhecido com uma complacência ainda mais viva do que quatro meses antes. Nébel não cabia em si de prazer e como a senhora não parecia inquietar-se com as preocupações jurídicas de Nébel, este também preferiu um milhão de vezes a sua presença à do advogado.

Com tudo isto, Nébel sentia-se sobre brasas vivas de uma felicidade demasiado ardente. E como tinha dezoito anos, desejava ir-se embora rapidamente para gozar a sós e sem timidez a sua imensa felicidade.

— Tanta pressa! — disse-lhe a senhora. — Espero que tenhamos o gosto de o voltar a ver... Não é verdade?

— Oh, sim senhora!

— Em casa todos teríamos muito prazer... Suponho que todos! Quer que consultemos? — sorriu com maternal ironia.

— Oh, do fundo do coração! — concluiu Nébel.

— Lídia! Vem cá um momento! Está aqui uma pessoa tua conhecida.

Lídia chegou quando ele já estava de pé. Avançou ao encontro de Nébel, os olhos cintilantes de felicidade, e estendeu-lhe um grande ramo de violetas, com adorável torpeza.

— Se não for incômodo — prosseguiu a mãe, — poderia vir todas as segundas-feiras... Que lhe parece?

— Que é muito pouco, senhora! — respondeu o rapaz.

— Às sextas-feiras também... Permite-me?

A senhora desatou a rir.

— Que apressado! Eu não sei... Vejamos o que diz Lídia.

O que achas, Lídia?

A criatura, que não afastava os seus sorridentes olhos de Nébel, disse-lhe sim! mesmo na cara, uma vez que a ele devia a sua resposta.

— Muito bem: então até segunda-feira, Nébel!

Nébel objectou.

— Não me permitiria vir esta noite? Hoje é um dia extraordinário...

— Bom! Esta noite também! Acompanha-o, Lídia.

Mas Nébel, com uma louca necessidade de movimento, despediu-se ali mesmo e fugiu com o seu ramo, cujo caule já quase tinha desfeito, e com a alma projectada para o último céu da felicidade.

*

* *

Durante dois meses, em todos os momentos em que se viam, em todas as horas que os separavam, Nébel e Lídia adoraram-se. Para ele, romântico até sentir o estado de dolorosa melancolia que provoca um simples chuveiro que acinzentava o pátio, aquela criatura, com a sua cara angelical, os seus olhos azuis e a sua precoce plenitude, encarnava a soma possível do ideal. Para ela, Nébel era varonil, bom moço e inteligente. Não havia, no seu mútuo amor, outra nuvem senão a menoridade de Nébel.

O rapaz, pondo de lado estudos, cursos e outras coisas supérfluas, queria casar-se. De certeza absoluta só havia duas coisas: que para ele era absolutamente impossível viver sem Lídia e que enfrentaria tudo o que se lhe opusesse. Pressentia — ou melhor, sentia — que ia fracassar rudemente.

O seu pai, com efeito, profundamente desgostado com o ano que Nébel perdia, depois de um namorisco de Carnaval, pretendia pôr os pontos nos is com terrível vigor. Um dia, em finais de Agosto, falou por fim com o filho:

— Disseram-me que continuas com as tuas visitas à casa de Arrizabalaga. É verdade? Porque tu não te dignas dizer-me nem uma palavra.

Nébel viu toda a tormenta nessa forma de dignidade, e a voz tremeu-lhe imperceptivelmente ao responder:

— Se não te disse nada, papá, é porque sei que não gostas que te fale nisso.

— Bah! Como hei-de gostar; podes, de facto, poupar-te a esse trabalho... Mas gostaria de saber qual é o teu estado.

Vais a essa casa como noivo?

— Sim.

— E recebem-te formalmente?

— Acho que sim...

O pai olhou-o fixamente e tamborilou com os dedos sobre a mesa.

— Está bem! Muito bem!... Ouve-me, porque tenho o dever de te mostrar o caminho. Sabes bem o que estás a fazer? Já pensaste no que pode acontecer?

— Acontecer?... O quê?

— Que te cases com essa moça. Mas repara: pelo menos já tens idade para refletir. Sabes quem é? De onde vem?

Conheces alguém que saiba que vida leva em Montevideo?

— Papá!

— Sim, o que é que fazem lá! Bah! Não faças essa cara...

Não me refiro à tua... noiva. Essa é uma criança e como tal não sabe o que faz. Mas sabes de que vivem?

— Não! Nem me importa, porque embora sejas meu pai...

— Bah, bah, bah! Deixa isso para depois. Não te falo como pai, mas como qualquer homem honrado poderia falar-te. E, uma vez que te indigna tanto aquilo que te pergunto, averigua junto de quem te quiser contar que tipo de relação tem a mãe da tua noiva com o cunhado, pergunta!

— Sim, já sei que foi...

— Ah! Sabes que foi a querida do Arrizabalaga? E que ele ou outro qualquer sustentam a casa de Montevideú?

E ficas tão fresco!... Sim, bem sei! A tua noiva não tem nada a ver com isto, já sei! Não há impulso mais belo junto do que o teu... Mas anda com cuidado porque podes chegar tarde...

Não, não, acalma-te! Não tenho a menor intenção de ofender a tua noiva, e acho, tal como já te disse, que ainda não está contaminada pela podridão que a rodeia. Mas se a mãe quer vendê-la em matrimônio, ou melhor, à fortuna que vais herdar quando eu morrer, diz-lhe que o velho Nébel não está disposto a esses negócios

e que antes o levará o diabo do que consentir esse casamento. Nada mais te quero dizer.

O rapaz gostava muito do pai, apesar do seu caráter; saiu cheio de raiva por não ter podido desafogar a sua ira, tanto mais violenta quanto ele próprio a sabia injusta. Há bastante tempo que não o ignorava. A mãe de Lídia tinha sido a querida de Arrizabalaga em vida do marido e ainda durante quatro ou cinco anos depois. Viam-se de tarde em tarde, mas o velho libertino, agora amarfanhado na sua artrite de solteirão doentio, distava muito de ser, relativamente à sua cunhada, aquilo que se pretendia; e se mantinha a mãe e a filha, fazia-o por uma espécie de agradecimento de ex-amante, e sobretudo para fomentar os atuais boatos que engordavam a sua vaidade.

Nébel recordava a mãe da noiva; e com um estremecimento de rapaz, louco por mulheres casadas, recordava certa noite em que, juntos e reclinados, folheando uma *Illustration*, tinha acreditado sentir, sobre os seus nervos subitamente tensos, um profundo hálito de desejo, que surgia do corpo em plenitude que se roçava nele. Ao levantar os olhos, Nébel sentiu o olhar dela, embriagada, cair pesadamente sobre o dele.

Ter-se-ia enganado? Era terrivelmente histérica, mas com raríssimas crises explosivas; os desordenados nervos repicavam para dentro e daí a doentia tenacidade num qualquer disparate e o súbito abandono de uma convicção; e nos preliminares da crise, a crescente obstinação, convulsiva, aumentando com grandes tijolos de absurdos.

Abusava da morfina com angustiante necessidade e por elegância. Tinha trinta e sete anos; era alta, com lábios muito grossos e acesos que se umedeciam sem cessar.

Sem serem grandes, os olhos pareciam-no pela forma e por ter longas pestanas; mas eram admiráveis de sombra e fogo. Pintava-se. Vestia, tal como a filha, com perfeito bom gosto, e esta era, sem dúvida, a sua maior sedução.

Como mulher, devia ter tido um profundo encanto; agora a histeria tinha trabalhado muito o seu corpo — sendo, obviamente, doente do ventre. Quando a chicotada da morfina passava, os olhos

embaciavam-se-lhe e da comissura dos lábios, do lábio globoso, pendia uma fina redinha de rugas. Mas, apesar disso, a mesma histeria que lhe desfazia os nervos era o alimento, um pouco mágico, que sustinha a sua tenacidade.

Amava Lídia de forma entranhável; e com a morbidade das burguesas históricas, teria envilecido a própria filha para a fazer feliz — isto é, para lhe proporcionar aquilo que teria feito a sua própria felicidade.

Assim, a inquietação do pai de Nébel a este respeito tocava no mais fundo das cordas de amante do seu filho.

Como escapou Lídia? Porque a limpidez da sua cútis, a franqueza da sua paixão de rapariga, que surgia com adorável liberdade, dos seus olhos brilhantes, eram, não só uma prova de pureza, mas também um degrau de nobre gozo pelo qual Nébel subia triunfal a arrancar brutalmente a planta podre na flor que o solicitava.

Esta convicção era tão intensa, que Nébel nunca a tinha beijado. Uma tarde, depois de almoçar, quando passava pelas terras de Arrizabalaga, tinha sentido um louco desejo de vê-la. A sua esperança foi realizada pois encontrou-a só, em robe, os caracóis sobre a face. Como Nébel a reteve contra a parede, ela, envergonhada e rindo-se, recostou-se no muro. E o rapaz, à sua frente, tocando-a quase, sentiu nas suas mãos inertes a elevada felicidade de um amor imaculado, que tão facilmente poderia sujar.

Mas depois, quando fosse sua mulher! Nébel precipitava o seu casamento tanto quanto lhe era possível. A sua maioridade, obtida nesses dias, permitia-lhe por herança materna suportar os gastos. Faltava o consentimento do pai, e a mãe de Lídia apreciava este detalhe.

A situação dela, sobejamente equívoca em Concórdia, exigia uma aprovação social, que desde o princípio deveria começar pela do futuro sogro da sua filha. E, sobretudo, aguentava-a o desejo de humilhar, de forçar a moral burguesa a dobrar os joelhos perante a mesma inconveniência que a desprezou.

Já várias vezes tinha tocado no assunto com o futuro genro, com alusões a «o meu sogro»... «a minha nova família»... «a cunhada da

minha filha». Nébel calava-se, e os olhos da mãe brilhavam então com mais fogo.

Até que um dia a chama se levantou. Nébel tinha marcado o seu casamento para 18 de Outubro. Faltava mais de um mês, mas a mãe fez entender claramente ao rapaz que queria a presença do seu pai essa noite.

— Será difícil — disse Nébel, depois de um mortificante silêncio.
— Custa-lhe muito sair à noite... Nunca sai.

— Ah! — limitou-se a excluir a mãe, mordendo rapidamente o lábio. Outra pausa se seguiu, mas esta já de presságio. — Mas você não vai fazer um casamento clandestino, pois não?

— Oh! — sorriu Nébel com dificuldade. — Meu pai acha o mesmo.

— E então?

Novo silêncio, cada vez mais tempestuoso.

— É por mim que o senhor seu pai não quer assistir?

— Não, não senhora! — exclamou por fim Nébel, impaciente. — É a sua forma de ser... Se quiser falarei novamente com ele.

— Eu, querer? — sorriu a mãe, dilatando as narinas.

— Faça o que lhe parecer... Quer sair agora, Nébel? Não me sinto bem.

Nébel saiu, profundamente desgostoso. Que poderia dizer a seu pai? Este sustinha sempre a sua rotunda oposição a tal casamento, e o filho já tinha empreendido as gestões necessárias para prescindir da sua autorização.

— Podes fazer isso e tudo o que te der na gana. Mas o meu consentimento para que essa depravada seja tua sogra, nunca!

Três dias depois, Nébel decidiu acabar com esta situação de uma vez por todas, e para tal aproveitou um momento em que Lídia não estava.

— Falei com meu pai — começou Nébel — e disse-me que lhe será completamente impossível assistir.

A mãe pôs-se levemente pálida, enquanto os seus olhos, num súbito fulgor, se alongavam para as fontes.

— Ah! E porquê?

— Não sei — ripostou Nébel com voz surda.

— Ou seja... o senhor seu pai teme sujar-se se puser aqui os pés.

— Não sei! — repetiu ele, por sua vez obstinado.

— Então é uma ofensa gratuita o que nos faz esse senhor?

O que é que ele pensa? — acrescentou com a voz já alterada e os lábios trementes. — Quem é ele para se dar esses ares?

Nébel sentiu então a chicotada da reação na cepa profunda que era a sua família.

— O que é, não sei! — concluiu por sua vez, de forma precipitada. — Mas não só se nega a assistir, como nem sequer dá o seu consentimento.

— O quê? Nega-se? E porquê? Quem é ele? O mais autorizado para isto!

Nébel levantou-se:

— Você não...

Mas ela também já se tinha levantado.

— Sim, sim! Você é uma criança! Pergunte-lhe como fez a sua fortuna, roubada aos seus clientes! E com esses ares! A sua família irrepreensível, sem nódoa, enche a boca com isso! A sua família!... Peça-lhe que lhe diga quantos muros tinha de saltar para ir dormir com a mulher antes de se casar! Sim, e vem-me com a sua família!...

Muito bem, vá-se embora; estou farta de hipocrisias!

Divirta-se!

*

* *

Nébel viveu quatro dias no mais profundo desespero.

O que poderia esperar depois de tudo o que acontecera?

Ao quinto dia, e ao anoitecer, recebeu um bilhete:

Octávio: Lídia está bastante doente e só a sua presença poderia acalmá-la.

Maria S. de Arrizabalaga

Era um ardil, não havia dúvidas. Mas se a sua Lídia na realidade...

Foi lá nessa noite e a mãe recebeu-o com uma tal discrição que surpreendeu Nébel; sem afabilidade excessiva, nem ar de pecadora que pede desculpas.

— Se quer vê-la...

Nébel entrou com a mãe e viu o seu adorado amor na cama, o rosto com essa frescura sem pós que unicamente dão os catorze anos, e as pernas encolhidas.

Sentou-se a seu lado, e em vão a mãe esperou que dissessem algo; não faziam nada senão olhar-se e sorrir.

De repente, Nébel sentiu que estavam sós, e a imagem da mãe surgiu nítida: «Vai-se embora para que, no transporte do meu amor reconquistado, perca a cabeça e o casamento seja forçado.»

Mas nesse quarto de hora de gozo final que lhe ofereciam adiantado às custas de uma promissória de casamento, o rapaz de dezoito anos sentiu — como da outra vez contra a parede — o prazer sem a mais ténue nódoa de um amor puro em toda a sua auréola de poético idílio.

Só Nébel pôde dizer o quanto foi grande a sua felicidade recuperada depois do naufrágio. Ele também esquecia o que na mãe tinha sido explosão de calúnia, ânsia raivosa de insultar aqueles que não o merecem. Mas tinha a mais firme decisão de afastar a mãe da sua vida, uma vez casados.

A lembrança da sua terna noiva, pura e sorridente na cama, acendia a promessa de uma voluptuosidade íntegra, à qual não tinha roubado prematuramente o mais pequeno diamante.

Na noite seguinte, ao chegar a casa de Arrizabalaga, Nébel encontrou o saguão escuro. Muito tempo depois a criada entreabriu a janela.

— Saíram? — perguntou ele, admirado.

— Não, vão para Montevideo... Foram a Salto dormir a bordo.

— Ah! — murmurou Nébel, aterrado. Tinha ainda uma esperança.

— O doutor? Posso falar com ele?

— Não está; foi para o clube, depois de comer...

Uma vez na rua escura, Nébel levantou e deixou cair os braços com mortal desalento. Acabou-se tudo! A sua felicidade, a sua dita

reconquistada um dia atrás, perdida de novo e para sempre! Pressentia que desta vez não havia redenção possível. Os nervos da mãe tinham saltado como loucos, como teclas, e ele já não podia fazer mais nada.

Caminhou até à esquina e dali, imóvel sob o farol, contemplou com estúpida fixação a casa rosada. Deu uma volta ao quarteirão e voltou a parar por baixo do farol. Nunca, nunca mais!

Até às onze e meia fez a mesma coisa. Por fim, foi para casa e carregou o revólver. Mas uma recordação deteve-o: meses antes tinha prometido a um desenhador alemão que antes de algum dia se suicidar — Nébel era adolescente ... — iria vê-lo. Unia-o ao velho militar de Guillermo uma viva amizade, alicerçada sobre longas conversas filosóficas.

Na manhã seguinte, muito cedo, Nébel batia à porta do pobre quarto do amigo. A expressão do seu rosto era sobejamente explícita.

— É agora? — perguntou-lhe o paternal amigo, estendendo-lhe firmemente a mão.

— Pff! De qualquer maneira!... — concluiu o rapaz, olhando para outro lado.

O desenhador, com grande calma, contou-lhe então o seu próprio drama de amor.

— Vá para casa — concluiu — e se às onze ainda não tiver mudado de ideias, volte para almoçar comigo, se é que temos o quê. Depois fará o que quiser. Jura?

— Juro! — respondeu Nébel, devolvendo-lhe o seu caloroso aperto de mãos, com uma grande vontade de chorar.

Em casa esperava-o um bilhete de Lídia:

Idolatrado Octávio: o meu desespero não pode ser maior; mas a mamãe acha que se eu me casar contigo, estarão reservadas para mim grandes dores; compreendi, como ela, que o melhor seria separar-nos, e juro não esquecê-lo nunca.

Sua, Lídia

— Ah, tinha de ser assim! — exclamou o rapaz, vendo ao mesmo tempo, com espanto, o seu rosto alterado no espelho.

A mãe é que tinha inspirado a carta, ela e a sua maldita loucura!

Lídia devia ter-se limitado a tê-la escrito e a pobre rapariga, transtornada, chorava todo o seu amor nessa redação. — Ah! Se pudesse vê-la algum dia, dizer-lhe de que forma a amei, quanto a amo agora, adorada da minha alma!...

Tremendo, foi até à mesa de cabeceira e pegou no revólver; mas lembrou-se da sua nova promessa e, durante um infundável tempo, permaneceu ali de pé, limpando obstinadamente com a unha uma mancha no tambor.

Outono

Uma tarde em Buenos Aires, acabava Nébel de subir para o eléctrico, quando o carro se deteve um momento mais do que o conveniente, e Nébel, que lia, voltou por fim a cabeça.

Uma mulher, com lento e difícil andar, avançava entre os assentos. Depois de uma rápida olhadela à incômoda personagem, Nébel voltou à leitura. A dama sentou-se a seu lado e, ao fazê-lo, olhou atentamente para o seu vizinho. Nébel, embora de vez em quando sentisse o estrangeiro olhar pousado sobre ele, prosseguiu a sua leitura; mas por fim cansou-se e levantou o rosto, admirado.

— Bem me parecia que era você — exclamou a dama — embora ainda duvidasse... Não se lembra de mim, não é verdade?

— Sim — concluiu Nébel, abrindo os olhos. — A senhora de Arrizabalaga...

Ela reparou na surpresa de Nébel e sorriu com ar de velha cortesã que tenta ainda agradar a um rapaz.

Dela — quando Nébel a tinha conhecido onze anos antes — só restavam os olhos, embora muito fundos e já apagados. A cútis amarela com tons esverdeados nas sombras gretava-se em poeirentos sulcos. Os pomos saltavam agora, e os lábios, sempre

grossos, pretendiam ocultar uma dentadura toda cariada. Por baixo do corpo consumido via-se a morfina viva, correndo entre os nervos esgotados e as artérias aquosas, acabando por ter convertido naquele esqueleto a elegante mulher que um dia folheara a *Illustration* a seu lado.

— Sim, estou muito envelhecida... e doente; já tive ataques nos rins... E você — acrescentou, olhando-o com ternura, — sempre na mesma! A verdade é que ainda não tem trinta anos... Lídia também está igual.

Nébel levantou os olhos.

— Solteira?

— Sim... Como ficará contente quando lhe contar!

Porque não lhe dá esse gosto, à pobre? Não quer ir ver-nos?

— Com muito gosto... — murmurou Nébel.

— Sim, vá depressa; já sabe aquilo que fomos para si...

Enfim, Boedo 1483, apartamento 14... A nossa posição é tão mesquinha...

— Oh! — protestou ele, levantando-se para se ir embora.

Prometeu ir brevemente.

Doze dias depois Nébel devia voltar à obra, mas antes quis cumprir a sua promessa. Foi até lá — um miserável apartamento dos arrabaldes. A senhora de Arrizabalaga recebeu-o enquanto Lídia se arranjava um pouco.

— Com que então, onze anos! — observou novamente a mãe. — Como passa o tempo! E você que poderia ter tido uma infinidade de filhos de Lídia!

— Seguramente — sorriu Nébel, olhando à sua volta.

— Oh! Não estamos muito bem! E sobretudo como deve estar montada a sua casa... Estou sempre a ouvir falar dos seus caniçais... É essa a sua única propriedade?

— Sim... Em Entre Rios também...

— Que feliz! Se uma pessoa pudesse... Sempre desejando ir passar uns meses ao campo, e sempre e só o desejo!

Calou-se e lançou um fugaz olhar a Nébel. Este, com o coração apertado, revivia nitidamente as impressões enterradas há onze anos na sua alma.

— E tudo isto por falta de relações... É tão difícil ter um amigo nessas condições!

O coração de Nébel contraía-se cada vez mais, até que Lídia entrou.

Ela estava também muito mudada, porque o encanto da candura e da frescura dos catorze anos não se volta a encontrar na mulher de vinte e seis. Mas sempre bela.

O seu olfacto masculino sentiu, no seu pescoço delicado, na mansa tranquilidade do seu olhar, e em tudo quanto é indefinível mas que denuncia ao homem o amor já gozado, que devia guardar escondida para sempre a recordação da Lídia que tinha conhecido.

Falaram de coisas muito triviais, com a total discricção das pessoas já maduras. Quando ela voltou a sair por um momento, a mãe prosseguiu:

— Sim, está um pouco debilitada... e quando penso que no campo se recuperaria rapidamente... Veja, Octávio: permite-me ser franca consigo? Já sabe que lhe quis como a um filho... Não poderíamos passar uma temporada na sua propriedade?

Faria tão bem a Lídia!

— Sou casado — concluiu Nébel.

A senhora fez um gesto de viva contrariedade e por momentos a sua decepção foi sincera; de seguida, cruzou as suas cômicas mãos:

— Você casado! Oh, que desgraça, que desgraça! Desculpe, já sabe!... Nem sei o que digo... E a sua senhora vive consigo na propriedade?

— Sim, normalmente... Agora está na Europa.

— Que desgraça! Quer dizer... Octávio — acrescentou abrindo os braços e com lágrimas nos olhos — a si posso contar-lhe, você foi quase como meu filho... Estamos praticamente à beira da miséria! Porque não quer que eu vá com Lídia? Vou fazer-lhe uma confissão de mãe — concluiu, com um pegajoso sorriso e baixando a voz. — Você conhece bem o coração de Lídia, não é verdade?

Esperou pela resposta mas Nébel permanecia calado.

— Sim, você conhece-a! E acha que Lídia é capaz de esquecer, quando amou?

Agora tinha reforçado a sua insinuação com um lento piscar de olhos.

Nébel avaliou então, de repente, o abismo em que poderia ter caído antes. Continuava a ser a mesma mãe; mas agora envilecida pela sua própria alma velha, pela morfina e pela pobreza. E Lídia... Ao vê-la de novo tinha sentido um brusco golpe de desejo pela atual mulher de voz grave e já marcada pela vida. Perante o que lhe propunham, lançou-se nos braços daquela estranha conquista que o destino lhe apresentava.

— Não sabes, Lídia? — interrompeu a mãe, alvoroçada, ao voltar a filha. — Octávio convida-nos a passar uma temporada na sua propriedade. Que te parece?

Lídia contraiu o sobrolho, fugitiva e inconscientemente, e recuperou a sua serenidade.

— Muito bem, mamãe...

— Ah! Sabes o que está a dizer? Está casado. Tão jovem ainda! Somos quase da sua família...

Lídia voltou então os olhos para Nébel e olhou-o por um momento com dolorosa gravidade.

— Há muito tempo? — murmurou.

— Quatro anos — concluiu ele em voz baixa. Apesar de tudo, faltou-lhe coragem para a olhar.

Inverno

Não fizeram a viagem juntos, por causa de um último escrúpulo de Nébel, que era muito conhecido naquela linha; mas, ao sair da estação, subiram todos no brec da casa. Quando Nébel ficava sozinho na propriedade não mantinha no serviço doméstico mais do que uma velha índia, pois — para além da sua própria sobriedade — a sua mulher levava sempre consigo todos os serviçais. Assim, apresentou as suas acompanhantes à fiel nativa como sendo uma tia anciã e a sua filha, que vinham recuperar a saúde perdida.

Nada mais credível, por outro lado, pois a senhora debilitava-se vertiginosamente. Tinha chegado desfeita, o pé incerto e pesadíssimo, e na sua fâcies angustiada, a morfina, que a pedido de Nébel tinha sacrificado quatro horas seguidas, pedia a gritos uma corrida por dentro daquele cadáver vivente.

Nébel, que tinha abandonado os seus estudos com a morte do pai, sabia no entanto o suficiente para prever uma rápida catástrofe; o rim atacado tinha por vezes paragens perigosas, que a morfina não fazia senão precipitar.

Já no carro, não podendo aguentar mais, a dama tinha olhado para Nébel com transida angústia:

— Se me permite, Octávio... Não posso mais! Lídia, põe-te à minha frente.

A filha, tranquilamente, ocultou um pouco a mãe e Nébel ouviu o restolhar da roupa violentamente recolhida para picar a coxa.

Os olhos acenderam-se e uma plenitude de vida cobriu como uma máscara aquela cara agônica.

— Agora estou bem... Que felicidade! Sinto-me bem.

— Deveria deixar isso — disse cruelmente Nébel, olhando-a de lado. — Quando chegar estará pior.

— Oh, não! Antes morrer aqui mesmo.

Nébel passou todo o dia desgostoso e decidido a viver tudo quanto lhe fosse possível, sem ver em Lídia e na sua mãe mais do que duas pobres doentes. Mas ao cair da tarde, e tal como as feras que a essa hora começam a afiar as garras, o cio de macho começou a relaxar-lhe a cintura em cansados arrepios.

Comeram cedo porque a mãe, debilitada, desejava deitar-se de uma vez por todas. Não conseguiram que ela tomasse exclusivamente leite.

— Ui! Que repugnância! Não consigo bebê-lo. E quer que sacrifique os últimos anos da minha vida, agora que poderia morrer contente?

Lídia não pestanejou. Tinha trocado com Nébel poucas palavras, e só no fim do café o olhar dele se fixou no dela; mas Lídia baixou o seu de seguida.

Quatro horas depois, Nébel, sem fazer ruído, abria a porta do quarto de Lídia.

— Quem é? — soou de repente a voz sobressaltada.

— Sou eu — murmurou apenas Nébel.

Um movimento de roupas, como o de uma pessoa que se senta bruscamente na cama, seguiu-se às suas palavras e o silêncio reinou de novo. Mas quando a mão de Nébel tocou, na escuridão, um fresco braço, o seu corpo tremeu então numa profunda sacudidela.

*

* *

Depois, inerte ao lado daquela mulher que já tinha conhecido o amor antes que ele chegasse, subiu do mais recôndito da alma de Nébel o santo orgulho da sua adolescência, de nunca ter tocado, de não ter roubado nem sequer um beijo à criatura que o olhava com radiante candura. Pensou nas palavras de Dostoievski, que até esse momento não tinha compreendido: «Nada há de mais belo e que mais fortaleça a vida do que uma recordação pura.»

Nébel tinha guardado essa recordação sem nódoa, pureza imaculada dos seus dezoito anos e que agora jazia ali, enlameada até ao cálice, sobre uma cama de criada.

Sentiu então sobre o seu pescoço duas lágrimas pesadas, silenciosas. Ela, por seu lado, recordaria... E as lágrimas de Lídia continuavam uma após outra, a regar, como uma sepultura, abominável fim do seu único sonho de felicidade.

*

* *

Durante dez dias a vida prosseguiu em comum, embora Nébel estivesse quase todo o dia fora. Por tácito acordo, Lídia e ele poucas

vezes se encontravam a sós; e, embora à noite se voltassem a ver, permaneciam ainda longo tempo calados.

A própria Lídia tinha muito que fazer cuidando da mãe, por fim prostrada. Como não havia possibilidade de reconstruir o que já estava podre, mesmo em troca do perigo imediato que causara, Nébel pensou em suprimir-lhe a morfina.

Mas absteve-se numa manhã em que, ao entrar bruscamente na sala de jantar, surpreendeu Lídia, que baixava precipitadamente as saias. Tinha na mão a seringa, e fixou em Nébel o seu olhar assustado.

— Há muito tempo que usas isso? — perguntou-lhe por fim.

— Sim — murmurou Lídia, dobrando a agulha numa convulsão.

Nébel ainda a olhou e encolheu os ombros.

No entanto, como a mãe repetia as suas injeções com uma frequência terrível para afogar as dores dos seus rins, que a morfina acabaria por matar, Nébel decidiu tentar a salvação daquela desgraçada, subtraindo-lhe a droga.

— Octávio! Vai matar-me! — clamou ela com rouca súplica.

— Meu filho Octávio! Não poderia viver nem um dia!

— É que não viverá duas horas se lhe deixo isso! — respondeu Nébel.

— Não me importo, meu Octávio! Dá-me, dá-me a morfina!

Nébel deixou que os braços se estendessem para ele inutilmente e saiu com Lídia.

— Tu conheces a gravidade do estado de tua mãe?

— Conheço... os médicos tinham-me dito...

Ele olhou-a fixamente.

— É que está muito pior do que imaginas.

Lídia ficou lívida e, olhando para fora, afogou um soluço mordendo os lábios.

— Não há médico aqui? — murmurou.

— Aqui não, nem em dez léguas à volta; mas procuraremos.

Nessa tarde chegou o correio, quando estavam a sós na sala de jantar, e Nébel abriu uma carta.

— Notícias? — perguntou Lídia, inquieta, levantando os olhos para ele.

- Sim — concluiu Nébel, prossequindo a leitura.
- Do médico? — voltou a perguntar Lídia, ainda mais ansiosa.
- Não, da minha mulher — concluiu ele com voz dura, sem levantar os olhos.

Às dez da noite, Lídia chegou correndo ao quarto de Nébel.

- Octávio! A mamãe está morrendo!...

Correram para o quarto da doente. Uma intensa palidez cadaverizava já seu rosto. Tinha os lábios desmesuradamente inchados e azuis, e por entre eles escapava um arremedo de palavras, gutural:

- Pla... pla... pla...

Nébel viu imediatamente sobre a mesa de cabeceira o frasco de morfina, quase vazio.

- É claro que vai morrer! Quem lhe deu isto? — perguntou.

- Não sei; Octávio! Há pouco ouvi um barulho...

Certamente foi buscá-lo no teu quarto quando tu não estavas...

Mamãe, pobre mamãe! — caiu, soluçando, sobre o miserável braço que pendia até ao chão.

Nébel tomou-lhe o pulso; o coração não batia mais e a temperatura caía. Poucos segundos depois os lábios calaram o seu pla... pla, e na pele apareceram grandes manchas arroxeadas.

À uma da manhã morreu. Nessa mesma tarde, depois do enterro, Nébel esperou que Lídia acabasse de se vestir enquanto os trabalhadores levavam as malas para a carruagem.

— Toma isto — disse, com ela já a seu lado, estendendo-lhe um cheque de dez mil pesos.

Lídia tremeu violentamente e os seus olhos, avermelhados, fixaram-se em cheio nos de Nébel, porém ele susteve o olhar.

- Toma, então! — repetiu surpreendido.

Lídia apanhou-o e baixou-se para recolher a sua mala.

Então Nébel inclinou-se sobre ela.

— Perdoa-me — disse-lhe. — Não me julgues pior do que aquilo que sou.

Na estação esperaram pouco tempo, sem falar, junto às escadas do vagão, pois o trem ainda não ia sair. Quando o sino tocou, Lídia

estendeu-lhe a mão, que Nébel reteve durante um momento em silêncio.

Depois, sem soltá-la, agarrou Lídia pela cintura e beijou-a profundamente na boca.

O trem partiu. Imóvel, Nébel seguiu com o olhar a janela que se perdia.

Mas Lídia não assomou.

A galinha degolada

*Obra-prima do autor uruguaio, incluída na coletânea “Contos de Amor, Loucura e Morte”, tem clima perturbador.

O dia inteiro sentados num banco do pátio, ficavam os quatro filhos idiotas do matrimônio Mazzini-Ferraz. Tinham a língua entre os lábios, os olhos estúpidos vazios e se voltavam com a boca aberta. O pátio era de chão batido, fechado a oeste por um muro de ladrilhos. O banco ficava paralelo a ele, a uma distância de cinco metros, e ali os filhos se mantinham imóveis, com os olhos fixos nos ladrilhos. O sol desaparecia detrás do muro e, ao declinar, os idiotas faziam festa. A princípio, a luz alucinante chamava sua atenção e, pouco a pouco, seus olhos se animavam: riam finalmente estrepitosos, congestionados pela mesma hilaridade ansiosa, contemplando o sol com uma espécie de alegria bestial..

Outras vezes, alienados no banco, zumbavam horas inteiras, imitando o bonde elétrico. Os ruídos violentos sacudiam desta forma sua inércia e então corriam, mordendo a própria língua e bramando, ao redor do pátio. Contudo, quase sempre estavam apagados, imersos na profunda letargia do idiotismo, e passavam todo o dia sentados em seu banco, com as pernas suspensas e quietas, empapando a calça de uma saliva grossa.

O mais velho tinha doze anos e o menor, oito. Em todo seu aspecto sujo e miserável, notava-se a falta absoluta de um mínimo cuidado maternal..

Esses quatro idiotas, no entanto, tinham sido um dia o encanto de seus pais. Com três meses de casados, Manzzini e Berta orientaram seu estreito amor de marido e mulher, mulher e marido, para um futuro muito mais vital: um filho. Que maior felicidade para dois apaixonados que essa honrosa consagração de seu carinho,

libertado já do vil egoísmo de um mútuo amor sem fim nenhum e o que é pior para o amor mesmo, sem esperanças possíveis de renovação?

Assim estavam Mazzini Berta, e quando o filho nasceu, aos catorze meses de casamento, acreditaram cumprida sua felicidade. A criança cresceu bela e radiante, até um ano e meio. Porém, no vigésimo mês, sacudiram-na uma noite convulsões terríveis, e na manhã seguinte não conhecia mais seus pais. O médico examinou-o com essa atenção profissional de quem está visivelmente buscando o mal nas enfermidades dos pais.

Depois de alguns dias, os membros paralisados recuperaram o movimento; porém a inteligência, a alma, até o instinto se haviam ido tudo: tinha ficado profundamente idiota, babão, pendente, morto para sempre sobre os joelhos da sua mãe.

— Filho, meu filho querido!— soluçava esta, sobre aquela espantosa ruína de seu primogênito.

O pai, desolado, acompanhou-a ao médico.

— A você se pode dizê-lo. Creio que é um caso perdido. Poderá melhorar, educá-lo com todas as limitações de seu idiotismo, porém não mais longe.

— Sim...! Sim — assentia Mazzini. — Porém, diga-me: você acredita que é hereditário, que...?

— Quanto à hereditariedade paterna, já lhe disse o que acreditava quando vi seu filho. Respeito sua mãe, mas há ali um pulmão que não sopra bem. Não vejo nada mais, porém há um sopro um pouco áspero. Faça com que ela o examine bem.

Com a alma destroçada pela aflição, Mazzini redobrou o amor a seu filho, o pequeno idiota que pagava pelos excessos do avô. Teve assim mesmo que consolar, prestar apoio sem trégua a Berta, ferida no mais profundo por aquele fracasso de sua jovem maternidade.

Como é natural, o casamento pôs todo seu amor na esperança de outro filho. Nasceu este, e sua saúde e seu riso límpido reacenderam o futuro entinto. Porém, aos dezoito meses as convulsões do primogênito se repetiram, e no dia seguinte amanheceu idiota.

Desta vez, os pais mergulharam em profundo desespero. Logo seu sangue, seu amor estavam malditos! Seu amor, sobretudo! Vinte e oito anos ele; vinte e dois, ela, e toda sua apaixonada ternura não conseguia criar um átomo de vida normal. Já não pediam mais beleza e inteligência como no primogênito; mas apenas um filho! Um filho, como todos!

Do novo desastre brotaram novas labaredas do dolorido amor, um louco desejo de redimir uma vez para sempre a santidade de sua ternura. Vieram gêmeos, e ponto por ponto, repetiu-se o processo dos dois mais velhos.

Mas, por cima de sua imensa amargura, ficava em Mazzini e Berta uma grande compaixão por seus quatro filhos. Teve que arrancar do limbo da mais funda animalidade, não já suas almas, senão o instinto mesmo abolido. Não sabiam deglutir, trocar de lugar, nem mesmo sentar-se. Aprenderam finalmente caminhar, porém se chocavam contra tudo, por não se dar conta dos obstáculos. Quando os banhavam, mugiam até injetar-se de sangue o rosto. Animavam-se somente ao comer, ou quando viam cores brilhantes ou quando ouviam trovões. Riam-se, então, jogando para fora a língua e rios de baba, radiantes de frenesi bestial. Tinham, em troca, certa faculdade imitativa; porém não se pode obter nada mais. Com os gêmeos parecia haver-se concluído a aterradora descendência. Contudo, transcorridos três anos, desejaram de novo ardentemente outro filho, confiando em que o longo tempo transcorrido houvesse serenado a fatalidade.

Não satisfaziam suas esperanças. E nesse ardente desejo que se exasperava, em razão de sua infrutuosidade, acidularam-se. Até esse momento, cada qual havia tomado sobre si a parte que lhe correspondia na miséria de seus filhos; porém a desesperança de redenção ante as quatro bestas que haviam nascido deles, jogaram fora essa imperiosa necessidade de culpar aos outros, que é patrimônio específico dos corações inferiores..

Iniciaram-se com a troca do pronome: teus filhos. E, além do insulto, havia a insídia, a atmosfera se carregava.

—Me parece — disse-lhe uma noite Mazzini, que acabava de entrar e lavava as mãos— que poderias deixar mais limpos os

meninos.

Berta continuo lendo como si não o houvesse ouvido.

— É a primeira vez — refez-se a tempo— que te vejo inquietar-te pelo estado de teus filhos.

Mazzini voltou um pouco a cara para ela com um sorriso forçado:

— De nossos filhos, me parece?

— Bom; de nossos filho. Fica bem assim? —levantou ela os olhos.

Desta vez, Mazzini expressou-se claramente:

— Creio que não vais dizer que eu tenho a culpa, não?

—Ah, não! — sorriu Berta, muito pálida — porém eu tampouco, suponho...! Não faltava mais...! —murmurou

— O quê, não faltava mais?

— Que se alguém tem a culpa, não sou eu, entenda-o muito bem! Isso é o que queria te dizer.

Seu marido olhou-a por um momento, com um brutal desejo de insultá-la.

— Deixemos! — articulou, secando-se por fim as mãos.

— Como quiseres; porém se quiseres dizer...

— Berta!

— Como quiseres!

Este foi o primeiro choque, e lhes sucederam outros. Porém, nas inevitáveis reconciliações, suas almas uniam-se com duplo arrebatamento e loucura por outro filho.

Nasceu assim uma menina. Viveram dois anos com a angústia à flor da pele, esperando sempre outro desastre. Nada aconteceu, entretanto, e os pais puseram nela toda sua complacência, que a pequena levava ao mais extremos limites do mimo e da má criação.

Se assim nos último tempo Berta cuidava sempre de seus filhos, ao nascer Bertita, esqueceu-se quase de todo dos outros. Só sua recordação a horrorizava, como algo atroz que a houvessem obrigado a cometer. A Mazzini, bem que em menor grau, acontecia o mesmo.

Não por isso a paz havia chegado a suas almas. À menor indisposição de sua filha, corria para fora, com o terror de perdê-la, os rancores de sua descendência podre. Tinham acumulado

ressentimento de sobra para que o vaso ficasse tenso, e ao menor contato o veneno o veneno se esvaziava para fora. Desde o primeiro desgosto inoculado, haviam-se perdido o respeito; e se há algo que o homem se sente trasladado com cruel gozo é quando já se começou a humilhar de todo a uma pessoa. Antes se continham pela mútua falta de êxito; agora que este havia chegado, cada qual, atribuindo-o a si mesmo, sentia maior a infâmia das quatro aberrações que o outro lhe havia forçado a conceber.

Com estes sentimentos, não houve já para os quatro filhos maiores nenhum afeto possível. A empregada doméstica os vestia, dava-lhes de comer, deitava-os, com visível brutalidade. Quase nunca os banhava. Passavam quase todo o dia sentados de frente para o muro, abandonados de qualquer remota carícia.

Deste modo, Bertita cumpriu quatro anos, e nessa noite, por causa dos doces que era aos pais absolutamente negar-lhe, a menina teve calafrios e febre. O temor de vê-la morrer ou tornar-se idiota, tornou a reabrir a eterna ferida.

Fazia três horas que não se falavam e o motivo foi, como quase sempre, os fortes passos de Manzini.

— Meu Deus! Não podes caminhar mais devagar? Quantas vezes...?

— Bem, é que me esqueço. Acabou-se. Não o faço de propósito. Ela sorriu com desdém:

— Não, não te acredito tanto!

— Nem eu, jamais, tinha acreditado tanto em ti....tisiquinha!

— Quê! Quê disseste...?

— Nada!

— Sim, ouvi algo de ti! Olha, não sei o que disseste; porém te juro que prefiro qualquer coisa a ter um pai como o que tens tido tu! Manzini ficou pálido.

— Por fim! —murmurou com os dentes cerrados.— Por fim, víbora, hás dito o que querias!

— Sim, víbora, sim! Porém eu tive pais sadios! Ouves? Sadios! Meu pai não morreu de delírios! Eu havia de ter tido filhos como os de todo o mundo! Esses são filhos teus, os quatro, teus!

Mazzini explodiu por sua vez:

— Víbora tísica! Isso é o que lhe disse, o que quero te dizer! Pergunta-o ao médico, pergunta ao médico quem tem a maior culpa da meningite de teus filhos: meu pai ou teu pulmão doente, víbora!

Continuaram cada vez mais com maior violência, até que um gemido de Bertita selou instantaneamente suas bocas. À uma da manhã, a ligeira indigestão havia desaparecido, como acontece fatalmente com todos os casais jovens que têm se amado intensamente uma vez sequer, a reconciliação chegou, tanto mais efusiva quanto mais ofensivos foram os ultrajes.

Amanheceu um dia esplêndido, e enquanto Berta se levantava, cuspiu sangue. As más emoções e a má noite passada tinham, sem dúvida, grande culpa. Mazzini a reteve abraçada um longo tempo, e ela chorou desesperadamente, porém sem que nenhum se atrevesse a dizer uma palavra..

Às dez decidiram sair, depois de comer. Como mal tinham tempo, ordenaram à empregada que matasse uma galinha.

O dia radiante havia arrebatado os idiotas de seu banco. De modo que enquanto a empregada degolava na cozinha a ave, dessangrando-a com parcimônia (Berta havia aprendido de sua mãe este bom modo de conservar a carne mais fresca), acreditou sentir algo como respiração atrás dela. Voltou-se, e viu aos quatro idiotas, com os ombros emparelhados um ao outro, olhando estupefatos a operação...Vermelho...Vermelho....

— Senhora, os meninos estão aqui na cozinha.

Berta chegou; não queria que jamais pisassem ali. E nem ainda nessas horas de pleno perdão e felicidade reconquistada, podia evitar-se essa horrível visão! Porque, naturalmente, quando mais intensos eram os êxtases de amor a seu marido e sua filha, mais irritado era seu humor com os monstros.

— Que saiam, Maria! Expulse-os! Expulse-os, lhe digo!

As quatro pobres bestas, sacudidas, brutalmente empurradas, foram para seu banco.

Depois de almoçar, saíram todos. A empregada foi a Buenos Aires, e o casal a passear pelas chácaras. Quando o sol baixou voltaram, porém, Berta quis saudar um momento suas vizinhas de frente. Sua filha escapou-se em seguida rumo a casa.

Entretanto os idiotas não se haviam movido todo o dia de seu banco. O sol já havia transposto o muro, começava a fundir-se, e eles continuavam contemplado os ladrilhos, mais inertes do que nunca.

De repente, algo se interpôs entre seu olhar e o muro. Sua irmã, cansada de cinco horas junto ao pai, queria observar por sua conta. Parada ao pé do muro, olhava pensativa o cume. Queria subir, isso não oferecia dúvida. Por fim decidiu-se por uma cadeira, sem fundos, porém faltava mais. Recorreu então a uma caixa de querosene e seu instinto topográfico fez-lhe colocar o móvel na vertical, com o qual triunfou.

Os quatro idiotas, com o olhar indiferente, viram como sua irmã lograva pacientemente dominar o equilíbrio, e como, na ponta dos pés, apoiava a garganta sobre o topo do morro, entre suas mãos delicadas. Viram-na olhar para todos os lados, e buscar apoio com o pé para elevar-se mais.

Porém o olhar dos idiotas havia se animado. Uma mesma luz insistente estava fixa em suas pupilas. Não afastavam os olhos de sua irmã, enquanto uma crescente sensação de gula bestial ia transtornando cada linha de seus rostos. Lentamente avançaram até o muro. A pequena, que tendo conseguido calçar um pé, ia já montar a cavalo no muro e a cair do outro lado, seguramente, mas sentiu-se segura pela perna. Debaixo dela, os oito olhos cravados nos seus lhe deram medo.

— Solta-me! Deixa-me! — gritou sacudindo a perna. Porém foi atraída.

— Mamãe! Ai, Mamãe! Mamãe, papai! — chorou imperiosamente. Tratou ainda de agarrar-se à borda, porém sentiu-se arrancada e caiu.

— Mamãe, aí! Ma... — Não conseguiu gritar mais. Um deles lhe apertou o pescoço e os outros arrastaram-na por uma só perna até a cozinha, onde essa manhã haviam dessangrado a galinha, bem submissa, arrancando-lhe a vida por segundos.

Mazzini, na casa em frente, acreditou ouvir a voz de sua filha.

— Me parece que te chama — disse-lhe Berta.

Prestaram atenção, inquietos, porém não ouviram mais nada. Contudo, um instante depois se separaram, e enquanto Berta ia deixar seu chapéu, Manzini avançou no pátio:

—Bertita!

Ninguém respondeu.

— Bertita! —elevou mais a voz, já alterada.

E o silêncio foi tão fúnebre para seu coração sempre aterrorizado, que a coluna se lhe gelou de um horrível pressentimento

— Minha filha! — correu já desesperado até os fundos. Porém ao passar em frente da cozinha, viu no piso um mar de sangue. Empurrou violentamente a porta entreaberta, e lançou um grito de horror.

Berta, que já se havia lançado correndo por sua vez ao ouvir o aflito chamado do pai, ouviu o grito e respondeu com outro. Porém ao precipitar-se na cozinha, Manzini, muito lívido, interpôs-se, contendo-a.

— Não entres! Não entres!

Berta conseguiu ver o piso inundado de sangue. Só pôde jogar seus braços sobre a cabeça e abraçar-se ao marido com um áspero suspiro.

Os imigrantes

O homem e a mulher caminhavam desde às quatro da manhã. O tempo, decomposto na asfíxiante calma que precede a tempestade, tornava ainda mais pesado o vapor nitroso do pântano. A chuva caiu por fim, e durante uma hora o casal, encharcado até os ossos, avançou obstinadamente.

A chuva parou. Os dois se olharam, então, com uma angustiante desesperança.

— Você tem força para caminhar ainda mais um pouco? — disse ele. — Talvez os alcancemos...

A mulher, lívida e com profundas olheiras, balançou a cabeça.

— Vamos — concordou, prosseguindo pelo caminho.

Porém, logo se deteve, interrompendo a caminhada, encolhendo-se, crispada em um galho. O homem, que caminhava adiante, virou-se ao ouvir o gemido.

— Não posso mais!... — murmurou ela com a boca retorcida e toda molhada de suor. — Ai, meu Deus!...

O homem, depois de olhar tudo ao seu redor, convenceu-se de que nada poderia fazer. Sua mulher estava grávida. Então, sem saber para onde dar o próximo passo, alucinado pela excessiva fatalidade, cortou folhas e ramos, estendeu-os no solo e deitou sua mulher em cima. Sentou-se numa das extremidades e colocou a cabeça dela sobre suas pernas.

Passou quinze minutos em silêncio.

Logo, a mulher estremeceu bruscamente e foi necessária toda a sua força para conter aquele corpo, que se projetava violentamente para todos os lados pela eclampsia.

Passado o ataque, ficou por um momento sobre a mulher, cujos braços ele prendia na terra com os joelhos. Por fim, restabelecido, afastou-se alguns passos, vacilante, esmurrou o ar à sua frente e tornou a colocar sobre as pernas a cabeça da mulher, estática, mergulhada agora em profundo torpor.

Houve outro ataque de eclampsia, do qual a mulher saiu ainda mais inerte.

Pouco depois, um outro. Porém, ao fim deste, a vida também findou.

O homem percebeu quando ainda estava montado sobre a mulher, reunindo todas as forças para conter as convulsões.

Ficou estarecido, com os olhos fixos na borbulhante espuma da boca, cujas bolhas sanguinolentas agora escorriam da cavidade escura.

Sem saber o que fazer, tocou a mandíbula dela com o dedo.

— Carlota! — disse, com uma voz branca, que não tinha entonação alguma.

O som das palavras fez com que ele voltasse a si. Recompôs-se e olhou para todos os lados com um olhar perdido.

— É muita fatalidade — murmurou.

— É muita fatalidade... — murmurou outra vez, esforçando-se, entretanto, para entender o que havia ocorrido. Vinham da Europa, disso não havia dúvida. Tinham deixado lá o seu primogênito de apenas dois anos. Ela estava grávida e iam a Makallé com outros companheiros... Estavam bem atrasados e sós, pois ela não podia caminhar normalmente... E em más condições, talvez... talvez sua mulher pudesse correr algum perigo...

Bruscamente, o homem se virou com um olhar enlouquecido:

— Morta. Aí!...

Sentou-se de novo, e voltando a colocar a cabeça morta da mulher sobre suas coxas, pensou por quatro horas no que faria.

Não chegou a concluir nada. Quando a tarde caiu, o homem, carregando a esposa sobre seus ombros, tomou o caminho de volta.

Margeavam outra vez o pântano. O matagal se estendia sem fim pela imóvel noite prateada e cheia de zumbidos de mosquitos. O homem, com a nuca inclinada, caminhou com passos iguais, até que a mulher caiu dos seus ombros, bruscamente. Por um instante ele continuou em pé, rígido, e caiu depois dela.

Quando despertou, o sol queimava.

Comeu algumas bananas de filodendro, embora desejasse algo mais nutritivo, pois sabia que, antes de poder depositar em solo

sagrado o cadáver de sua esposa, ainda passariam vários dias.

Colocou outra vez sobre os ombros o cadáver, mas suas forças diminuía.

Amarrando-o, então, com cipós entrelaçados, fez dele um fardo e avançou assim com menos fadiga.

Durante três dias, descansando e seguindo novamente, sob um céu branco de calor, devorado de noite pelos insetos, o homem caminhou e caminhou, sonâmbulo de fome, envenenado por miasmas cadavéricos, toda a sua missão concentrada em uma única e obstinada idéia: arrancar daquele país hostil e selvagem o corpo adorado de sua mulher.

Na manhã do quarto dia, viu-se obrigado a interromper a caminhada e só à tarde pôde prosseguir. Porém, quando o sol já se escondia, um profundo calafrio percorreu-lhe os nervos esgotados, e estendendo o corpo morto sobre a terra, sentou-se ao seu lado.

A noite já havia caído, e o monótono zumbido dos insetos enchia o ar solitário. O homem pôde senti-los tecer uma teia dolorida sobre seu rosto.

Do fundo de sua medula gelada ele não conseguia controlar os calafrios.

A lua ocre-tinguante surgiu finalmente por trás do pântano. O mato alto e rígido brilhava até o horizonte em fúnebre mar amarelado. A febre perniciososa subia rapidamente.

O homem olhou para a horrível massa mole que jazia ao seu lado, e cruzando os braços em torno dos joelhos fixou o olhar no pântano venenoso, em cujas distâncias o delírio desenhava uma pequena aldeia da Silésia, para onde ele e sua mulher, Carlota Phoening, regressavam felizes e ricos para buscar seu adorado primogênito.

A insolação

O CACHORRO OLD SAIU PELA PORTA e atravessou o pátio com passo firme e preguiçoso. Deteve-se no limite do pasto, tomou o rumo do monte, entrecerrando os olhos, o focinho inquieto, e se sentou tranqüilo. Via a monótona planura do Chaco, com suas alternâncias de campo e monte, monte e campo, sem mais cor do que o bege do pasto e o negro do monte. Este fechava o horizonte, a duzentos metros, por três lados da chácara. Em direção ao oeste, o campo se alargava e se estendia num vale, que entretanto a iniludível linha sombria marcava ao longe.

Naquela hora em que ainda era cedo, a distância, ofuscante de luz ao meio-dia, adquiria repousada nitidez. Não havia uma nuvem ou um sopro de vento.

Sob a calma do céu prateado o campo emanava tônica frescura que trazia à alma pensativa, ante a certeza de outro dia de seca, melancolias de um trabalho mais bem recompensado.

Milk, o pai do cachorro, cruzou por sua vez o pátio e se sentou ao lado dele, com um preguiçoso gemido de bem-estar. Ambos permaneciam imóveis, pois ainda não havia moscas.

Old, que olhava fazia tempo a encosta do morro, observou:

— A manhã está fresca.

Milk acompanhou o olhar do cachorro e se imobilizou com a vista fixa, piscando distraído. Depois de um tempo disse:

— Naquela árvore há dois falcões.

Desviaram a vista indiferente para um boi que passava e continuaram olhando as coisas por hábito.

Entretanto, o oriente começava a adquirir um tom púrpura e o horizonte tinha já perdido sua precisão matinal. Milk cruzou as patas dianteiras e, ao fazê-lo, sentiu uma leve dor. Olhou seus dedos sem mover-se, decidindo-se por fim a cheirá-los. No dia anterior havia

arrancado uma farpa e, à recordação do que havia sofrido, lambeu longamente o dedo enfermo.

— Não conseguia caminhar — exclamou em conclusão.

Old não compreendeu a que se referia e Milk acrescentou:

— Há muitas farpas.

Desta vez o cachorro compreendeu. E retrucou por sua vez, depois de um bom tempo:

— Há muitas farpas.

Um e outro calaram de novo, convencidos.

O sol saiu e, ao primeiro banho de sua luz, os pavões do monte lançaram ao ar puro o tumultuoso alarido de sua cantoria. Os cães, dourados ao sol oblíquo, semicerraram os olhos, dulcificando sua moleza com beatífico pestanejar. Pouco a pouco a dupla foi aumentando com a chegada dos outros companheiros: Dick, o taciturno preferido; Prince, cujo lábio superior, rasgado por um quati, deixava ver os dentes; e Isondú, de nome indígena. Os cinco fox terriers, estendidos e inebriados de bem-estar, dormiram.

Ao cabo de uma hora ergueram a cabeça; do lado oposto do bizarro rancho de dois andares — o inferior de barro e o superior de madeira, com corredores e varanda de chalé —, haviam sentido os passos de seu dono, que vinha descendo a escada. Mister Jones, toalha ao ombro, deteve-se um momento no canto do rancho e olhou o sol, já alto. Tinha ainda o olhar baço e o lábio pendente depois de seu solitário serão de uísque, mais prolongado do que os habituais.

Enquanto se lavava, os cachorros se aproximaram e lhe cheiraram as botas, abanando o rabo com preguiça. Como as feras amestradas, os cães conhecem o menor indício de bebedeira de seu dono. Afastaram-se com lentidão, para se estirar outra vez ao sol. Porém o calor crescente logo os fez abandonar a claridade pela sombra dos corredores.

O dia avançava igual aos precedentes de todo esse mês: seco, límpido, com 14 horas de sol calcinante que parecia conservar o céu em fusão e que num instante gretava a terra esfaqueada em crostas esbranquiçadas. Mister Jones foi à chácara, contemplou o trabalho

do dia anterior e retornou ao rancho. Em toda essa manhã, nada fez. Almoçou e subiu para dormir a sesta.

Os peões voltaram às duas para a capina, não obstante a hora de fogo, pois as ervas não abandonavam o algodoal. Atrás deles foram os cachorros, muito amigos do cultivo desde o inverno passado, quando aprenderam a disputar com os falcões os vermes brancos que o arado levantava. Cada cachorro se jogou sob um pé de algodão, acompanhando com seu arquejo os golpes surdos da enxada.

Entretanto o calor crescia. Na paisagem silenciosa e cegante de sol, o ar vibrava de todos os lados, maltratando a vista. A terra removida exalava bafo de forno, que os peões suportavam sobre a cabeça, envolta até as orelha; no lenço flutuante, com o mutismo de seus trabalhos de chácara. Os cachorros trocavam a todo momento de planta, à procura de sombra mais fresca.

Estendiam-se de comprido, mas a fadiga os obrigava a sentarem-se nas patas traseiras, para respirar melhor.

Reverberava agora a sua frente um pequeno descampado de argila que nem se tentara arar. Ali, o cachorro viu de imediato Mister Jones, sentado sobre um tronco, fitando-o fixamente. Old se pôs de pé abanando o rabo. Os outros também se levantaram, mas eriçados.

— É o patrão — disse o cachorro, surpreendido pela atitude dos demais.

— Não, não é — replicou Dick.

Os quatros cães estavam reunidos, grunhindo surdamente, sem tirar os olhos de Mister Jones, que continuava imóvel, olhando-os. O cachorro, incrédulo, começou a avançar, mas Prince lhe mostrou os dentes:

— Não é ele, é a Morte.

O cachorro se eriçou de medo e retrocedeu para o grupo.

— O patrão está morto? — perguntou ansioso. Os outros, sem responder, puseram-se a ladrar com fúria, sempre em atitude temerosa. Mas já Mister Jones se desvanecia no ar ondulante.

Ao ouvir os latidos, os peões haviam erguido os olhos, sem nada divisar.

Viraram a cabeça para ver se algum cavalo havia entrado na chácara e outra vez se curvaram.

Os fox terriers voltaram a passo rápido para o rancho. O cachorro, ainda eriçado, adiantava-se e retrocedia em curtos trotes nervosos e soube, pela experiência de seus companheiros, que quando uma coisa vai morrer, a morte aparece antes.

— E como sabem que esse que vimos não era o patrão vivo? — perguntou.

— Porque não era ele — responderam-lhe displicentes.

Logo viria a Morte, e com ela a troca de dono, as misérias, os pontapés!

Passaram o resto da tarde ao lado de seu patrão, sombrios e alertas. Ao menor ruído grunhiam, sem saber em direção a quê.

Por fim, o sol sumiu por trás do negro palmeiral do arroio e, na calma da noite prateada, os cachorros se puseram em redor do rancho, em cujo andar superior Mister Jones recomeçava sua vigília de Uísque. À meia-noite ouviram seus passos, em seguida, as botas caindo rio piso de tábuas; e a luz se apagou. Os cães então sentiram mais a próxima troca de dono e, sozinhos ao pé da casa adormecida, começaram a chorar. Choravam em coro, soltando soluços convulsivos e secos, como que mastigados, num uivo de desolação, que a voz caçadora de Prince sustentava, enquanto os outros tornavam a soluçar. O cachorro só podia ladrar. A noite avançava e os quatro cães mais velhos, agrupados à luz da lua, o focinho estendido e intumescido de lamentos — bem alimentados e acariciados pelo dono que iam perder —, continuaram chorando alto sua miséria doméstica.

Na manhã seguinte Mister Jones foi pessoalmente buscar as mulas, atrelou-as à capinadeira, e trabalhou até as nove. No entanto, não estava satisfeito. Além de a terra nunca ter sido bem rastreada, as lâminas não tinham fio e, com o passo rápido das mulas, a capinadeira saltava. Levou-a de volta e afiou as relhas; mas um parafuso, em que já havia notado uma falha ao comprar a máquina, se quebrou quando ele a montava. Mandou um peão à oficina próxima, recomendando-lhe cuidado com o cavalo, um bom animal, porém feroso. Levantou a cabeça para o sol de derreter do

meio-dia e insistiu para que não galopasse em nenhum momento. Almoçou em seguida e subiu.

Os cães, que durante a manhã não haviam se afastado de seu patrão um segundo sequer, deixaram-se ficar pelos corredores.

A sesta pesava, agoniada de luz e silêncio. Todo o entorno estava brumoso pela canícula. Ao redor do rancho a terra esbranquiçada do pátio ofuscava no sol a pino, parecia deformar-se em trêmulo fervor, que adormecia os olhos pestanejantes dos fox terriers.

— Não apareceu mais — disse Milk.

Old, ao ouvir a palavra aparecer, levantou vivamente as orelhas. Incitado pela evocação, o cachorro se pôs de pé e latiu, buscando o quê. Depois de um tempo calou, entregando-se com seus companheiros a sua defensiva caçada de moscas.

— Não veio mais — acrescentou Isondú.

— Havia uma lagartixa sob a raiz — recordou pela primeira vez Prince.

Uma galinha, de bico aberto e asas afastadas do corpo, cruzou o pátio incandescente com seu pesado trote calorento. Prince a seguiu preguiçosamente com os olhos e saltou de um golpe.

— Lá vem outra vez — gritou.

Pelo norte do pátio avançava sozinho o cavalo em que o peão havia ido.

Os cães se arquearam sobre as patas, ladrando com fúria contra a Morte, que se aproximava. O cavalo vinha de cabeça baixa, aparentemente indeciso sobre que rumo devia seguir. Ao passar em frente ao rancho, deu alguns passos na direção do poço e foi se desvanecendo progressivamente na luz crua.

Mister Jones desceu; não tinha sono. Dispunha-se a continuar a montagem da capinadeira, quando viu chegar inesperadamente o peão a cavalo. Apesar de sua ordem, tinha de ter galopado para voltar a essa hora. Mal se viu livre, concluída sua missão, o pobre cavalo, em cujos arquejos era impossível contar as palpitações, tremeu baixando a cabeça e caiu de lado. Mister Jones mandou o peão para a chácara, ainda de chapéu e rebenque, para não ter de despedi-lo, se continuasse a ouvir suas desculpas jesuíticas.

Porém os cães estavam contentes. A Morte, que buscava a seu dono, se havia conformado com o cavalo. Sentiam-se alegres, livres de preocupação, e por isso dispunham-se a ir à chácara atrás do peão quando ouviram Mister Jones que gritava para ele, pedindo-lhe o parafuso. Não havia parafuso: o armazém estava fechado, o encarregado dormia etc. Mister Jones, sem replicar, pegou o chapéu e saiu ele próprio em busca do utensílio. Resistia ao sol como um peão e o passeio fazia maravilhas contra seu mau humor.

Os cães saíram com ele, mas se detiveram à sombra do primeiro algodoeiro; fazia calor demais. Dali, firmes sobre as patas, o cenho contraído e atento, viam distanciar-se o dono. Por fim o temor da solidão foi mais forte e, com agoniado trote, seguiram atrás dele. Mister Jones conseguiu seu parafuso e voltou. Para cortar caminho, desde o início, evitando a poeirenta curva da estrada, seguiu em linha reta para a sua chácara. Chegou ao riacho e se embrenhou pelo matagal, o diluviano matagal de Saladito, que tem crescido, secado e revivescido desde que existem ervas rasteiras no mundo, sem conhecer fogo. A vegetação, arqueada em abóbada à altura de seu peito, se entrelaça em blocos maciços. A tarefa de atravessá-la já seria muito dura com o dia fresco. Mister Jones a atravessou, no entanto, bracejando entre o mato farfalhante e poeirento por causa do barro que deixavam as enchentes, assolado pela fadiga e pelas acres exalações de nitrato.

Saiu por fim e se deteve na linha divisória; era porém impossível permanecer parado sob esse sol e com esse cansaço. Caminhou de novo. Ao calor abrasador que aumentava sem cessar fazia já três dias, agregava-se agora a sufocação do tempo impiedoso. O céu estava branco e não se sentia um sopro de vento. O ar faltava, com angústia cardíaca que não permitia concluir a respiração.

Mister Jones se convenceu de que havia transposto seu limite de resistência. Há algum tempo lhe golpeava os ouvidos o latejar das carótidas.

Sentia-se zozzo, como se de dentro da cabeça lhe empurrassem o crânio para cima. Mareava-se olhando o pasto. Apressou a marcha para acabar com isso de uma vez... E em seguida voltou a si e se achou num local diferente: havia caminhado uns cinqüenta metros

sem dar-se conta de nada. Olhou para trás e a cabeça se perdeu em uma nova vertigem.

Enquanto isso os cachorros seguiam atrás dele, trotando com a língua toda de fora. Às vezes, asfixiados, detinham-se à sombra de um esparto; sentavam-se, precipitando seu arquejar, para em seguida voltarem ao tormento do sol.

Por fim, como a casa já estava próxima, apressaram o trote.

Foi nesse momento que Old. que ia na frente, viu, para além do alambrado da chácara. Mister Jones, vestido de branco, caminhando na direção deles. O cachorro, com súbita lembrança, voltou a cabeça para seu dono e o advertiu.

— A Morte, a Morte! — uivou.

Os outros haviam visto também e ladravam eriçados e por um instante acreditaram que ia se equivocar; porém, quando chegou a cem metros, se deteve, olhou o grupo com seus olhos celestes e seguiu em frente.

— Que o patrão não caminhe ligeiro! — exclamou Prince.

— Vai esbarrar nele! — uivaram todos.

Com efeito, a outra, após breve hesitação, havia avançado, não diretamente sobre eles como antes, mas numa linha oblíqua e aparentemente errônea, que no entanto devia levá-la exatamente ao encontro de Mister Jones. Os cachorros compreenderam que desta vez tudo chegava ao fim, porque seu dono continuava caminhando no mesmo passo como um autômato, sem se dar conta de nada. A outra já estava chegando. Os cães baixaram o rabo e correram de lado, ladrando. Passado um segundo, o esbarrão aconteceu. Mister Jones se deteve, girou sobre si mesmo e desabou.

Os peões, que o viram cair, o levaram apressados para o rancho, mas toda a água foi inútil; morreu sem voltar a si. Mister Moore, seu irmão por parte de mãe, chegou de Buenos Aires, passou uma hora na chácara, em quatro dias liquidou tudo, voltando em seguida para o sul. Os índios dividiram entre si os cachorros, que viveram daí por diante magros e sarnentos e iam toda noite com faminto sigilo roubar espigas de milho nas chácaras alheias.

O travesseiro de penas

Sua lua-de-mel foi um longo calafrio. Loura, angelical e tímida, o temperamento sisudo do marido lhe gelou as sonhadas fantasias de noiva. E no entanto ela o amava muito, às vezes com um ligeiro estremecimento quando, à noite, voltando juntos para casa, dava uma furtiva olhadela à alta estatura de Jordán, que na última hora não pronunciara uma só palavra. Ele também a amava muito, profundamente, mas sobre isso não dizia nada.

Durante os três meses – casaram-se em abril – viveram uma felicidade peculiar. Certamente ela teria desejado menos sobriedade nesse rígido céu de amor, uma ternura mais expansiva e menos controlada. Mas o impassível semblante do marido sempre a refreava.

A casa onde moravam também contribuía para seus calafrios. A brancura do pátio silencioso – frisos, colunas, estátuas de mármore – produzia a outonal impressão de uma palácio encantado. Dentro, o brilho glacial do estuque, sem uma única e superficial fissura nas altas paredes, corroborava a desconfortável sensação de frio. Na passagem de uma peça para outra, os passos ecoavam por toda a casa, como se um longo abandono lhe tivesse aguçado a ressonância.

Nesse singular ninho de amor, Alícia passou todo o outono. Lançara um véu sobre os antigos sonhos e vivia como dormecida na casa hostil, sem querer pensar em nada até a hora em que chegasse o marido.

Não surpreendia que emagrecesse. Teve um ligeiro ataque de influenza que acabou se arrastando, insidiosamente, por dias e dias.

Não melhorava nunca. Num fim de tarde pôde ir ao jardim, apoiada no braço do marido. Olhava para um lado e outro, indiferente.

Jordán, com ternura passou-lhe a mão na cabeça, e Alícia pôs-se a chorar, pendurada em seu pescoço. Chorou longamente todo seu espanto calado, redobrando o pranto à mínima carícia. Depois os soluços foram diminuindo e ela continuou abraçada nele, sem mover-se e sem nada dizer.

Foi esse o último dia em que Alícia se levantou. No dia seguinte amanheceu prostrada. O médico de Jordán veio vê-la e recomendou repouso absoluto.

— Não sei o que ela tem – disse a Jordán em voz baixa, já na porta da rua. – É uma fraqueza que não entendo. Sem vômitos, sem nada... Se amanhã despertar como hoje, manda me chamar.

No outro dia Alícia estava pior. Veio o médico e constatou uma anemia em progresso acelerado, completamente inexplicável.

Alícia não teve mais desmaios, mas era visível que caminhava para o fim. Durante o dia todo o quarto permanecia com a luz acesa e em silêncio. Corriam as horas sem que se ouvisse o menor ruído.

Ela dormitava.

Jordán passava o dia na sala, também com todas as luzes acesas.

Andava sem cessar de um lado para outro, com incansável obstinação, o carpete abafando-lhe os passos. De vez em quando entrava no quarto e continuava em seu mudo vaivém ao longo da cama, detendo-se um instante em cada extremo a olhar para a mulher.

Em seguida Alícia começou a ter alucinações. A princípio eram confusas, variadas, depois se fixaram no chão do quarto. Com os olhos desmesuradamente abertos, não fazia outra coisa senão fitar o tapete dos dois lados da cabeceira da cama. Uma noite, com o olhar fixo, abriu a boca para gritar, com as narinas e os lábios perlando suor.

— Jordán! Jordán! – clamou, por fim, rígida de espanto e sem deixar de vigiar o tapete.

Jordán acudiu e Alícia, ao vê-lo, deu um grito.

— Sou eu, Alícia, sou eu!

Ela olhou como perdida, logo para o tapete, tornou a olhar para o marido e, depois de um momento de de atônita confrontação,

acalmou-se. Sorriu e, tomando entre as suas a mão de Jordán, acariciou-a por uma longa meia hora, sempre tremendo.

Entre suas alucinações mais pertinazes, houve uma que era a de um antropóide no tapete, erguendo-se na ponta dos dedos e com o olhar cravado nela.

Os médicos voltaram a examiná-la, sempre em vão. Era uma vida que se acabava, dia a dia se dessangrando, hora a hora, sem que soubessem como e por que aquilo acontecia. Na última consulta, Alícia jazia em estupor enquanto lhe verificavam o pulso, um passando ao outro aquele braço inerte. Demoradamente a observaram em silêncio e depois passaram à sala.

— É um caso gravíssimo – e o médico de Jordán balançou a cabeça, desalentado. – Pouco ou nada se pode fazer.

— Era só o que faltava – desabafou Jordán, dedos tamborilando na mesa com violência.

Alícia se esvaía em subdelírios de anemia. Nas primeiras horas da tarde seu mal se atenuava, agravando-se com a chegada da noite.

A doença parecia não avançar durante o dia, mas no dia seguinte ela amanhecia lívida, quase em síncope. Parecia mesmo que que tão-só durante a noite sua vida escorria em novas vagas de sangue.

Ao despertar, tinha a sensação de estar esmagada na cama por um milhão de quilos. Desde o terceiro dia essa prostração não mais a abandonara. Mal podia mover a cabeça e não quis que trocassem os lençóis e a fronha. Seus terrores crepusculares avançavam agora sob a forma de monstros que se arrastavam até a cama e subiam laboriosamente pela colcha.

Perdeu a consciência. Nos dois dias finais delirou sem cessar à meia voz. As luzes continuavam funebremente acesas no quarto e na sala. No silêncio agônico da casa, ouviam-se apenas o delírio monótono que vinha da cama e os surdos passos de Jordán.

Alícia morreu por fim. A criada, entrando mais tarde no quarto para arrumar a cama vazia, olhou intrigada para o travesseiro.

— Senhor – chamou em voz baixa. – No travesseiro há manchas que parecem de sangue.

Jordán aproximou-se rapidamente. De fato, na fronha, em ambos os lados da concavidade deixada pela cabeça de Alicia, viam-se

manchas escuras.

— Parecem picadas – murmurou a criada, depois de um instante de atenta observação.

— Traz a lâmpada para cá.

A criada levantou o travesseiro e logo o deixou cair, pálida, trêmula.

Sem saber por quê, Jordán sentiu que seus cabelos se eriçavam.

— O que houve? – perguntou, rouco.

— Pesa muito – gaguejou a criada, sem deixar de tremer.

Jordán o ergueu. Pesava demais. Levaram-no para a mesa da sala e ali Jordán cortou a fronha e o envoltório interno. As penas à superfície voaram, e a criada, com a boca escancarada, deu um grito de pavor, levando as mãos crispadas aos bandós. No fundo, entre as penas, movendo lentamente as patas peludas, havia um animal monstruoso vivente e viscosa. Estava tão inchado que quase não se distinguia sua boca.

Noite a noite, desde que Alicia ficara acamada, aplicara aquela boca – aquela tromba, melhor dito – às têmporas dela, para sugar-lhe o sangue. A picada era quase imperceptível. A mudança diária da fronha havia impedido, a princípio, seu desenvolvimento, mas desde que a moça não pudera mais mover-se, a sucção fora vertiginosa. Em cinco dias e cinco noites ele esvaziara Alicia.

Esses parasitas das aves, diminuto no meio habitual, chegam a adquirir proporções enormes em certas condições. O sangue humano parece lhes ser especialmente favorável e não é raro que sejam encontrados em travesseiros de penas.

As meias dos flamingos

Certa vez as víboras deram um grande baile. Convidaram as rãs e os sapos, os flamingos, os jacarés e os peixes.

Como não andam, os peixes não puderam dançar, mas como o baile era na orla do rio, ficaram sentados na areia a aplaudir com o rabo.

Os jacarés, para irem bem enfeitados, tinham posto ao pescoço um colar de bananas e minavam charutos paraguaios. Os sapos tinham colado escamas de peixe em todo o corpo e caminhavam bamboleando-se, como se nadassem. E sempre que passavam, muito sérios, pela orla do rio, os peixes gritavam, troçando deles.

As rãs tinham perfumado todo o corpo e caminhavam sobre ambos os pés. Além disso, todas traziam pendurada, como um farol pequenino, uma candeia que balançava.

Lindíssimas, porém, estavam as víboras. Todas sem exceção usavam vestidos de bailarina da cor de cada uma delas. As víboras coloridas tinham uma saia pequenina de tule colorido; as verdes, de tule verde; as amarelas, de tule amarelo; e as jararacas, uma saia curta de tule cinzento pintada com riscas de pó de azulejo e cinza, por ser essa a cor das jararacas.

E as mais esplendorosas de todas eram as víboras de coral, que estavam vestidas com longuíssimas sedas finas, vermelhas, brancas e pretas, e dançavam como serpentinas. Quando as víboras dançavam e davam voltas apoiadas na ponta da cauda, todos os convidados aplaudiam furiosamente.

Só os flamingos, que nessa altura tinham as patas brancas e têm agora, como então, o nariz muito grosso e torto, só os flamingos estavam tristes, porque como têm pouca inteligência, não tinham sabido como enfeitar-se. Invejavam os trajes de todos e sobretudo o das víboras de coral. Sempre que uma víbora passava diante deles,

saracoteando-se e fazendo ondular as serpentinas de seda, os flamingos morriam de inveja.

Então, um dos flamingos disse:

— Já sei o que vamos fazer. Vamos calçar meias coloridas, brancas e pretas, e as víboras de coral vão apaixonar-se por nós.

E, levantando voo todos juntos, atravessaram o rio e foram bater à porta de uma loja da aldeia.

— Tan, tan! — bateram com as patas.

— Quem é? — respondeu o dono da loja.

— Somos os flamingos. Tem meias coloridas, brancas e pretas?

— Não, não há — respondeu o dono da loja. — Estão malucos? Não vão encontrar meias dessas em parte alguma.

Os flamingos foram, então, a outra loja.

— Tan, tan! Tem meias coloridas, brancas e pretas?

O dono da loja respondeu: — Como diz? Coloridas, brancas e pretas? Não há meias dessas em parte alguma. Vocês estão malucos. Quem são vocês?

— Somos os flamingos — responderam eles.

E o homem disse:

— Então são flamingos malucos, com certeza.

Foram então a outra loja.

— Tan, tan! Tem meias coloridas, brancas e pretas?

O dono da loja gritou: — De que cor? Coloridas, brancas e pretas? Só a pássaros narigudos como vocês é que passa pela cabeça pedir meias assim. Vão embora imediatamente!

E o homem jogou-os na rua com a vassoura.

Os flamingos percorreram assim todas as lojas e em toda parte os achavam loucos.

Foi então que um tatu, que tinha ido ao rio beber água, quis pregar uma partida aos flamingos dizendo-lhes, fazendo um grande cumprimento:

— Boas noites, senhores flamingos! Eu sei do que andam à procura. Não vão encontrar meias assim em nenhuma loja. Talvez haja em Buenos Aires, mas teriam de mandá-las vir pelo correio. A minha cunhada, a coruja, tem meias dessas. Vão pedir-lhe e ela vos dará as meias coloridas, brancas e pretas.

Os flamingos agradeceram-lhe e partiram, voando para a toca da coruja. E disseram:

— Boa noite, coruja! Viemos pedir-te meias coloridas, brancas e pretas. Hoje é o grande baile das víboras e se calçarmos tais meias, as víboras de coral vão ficar apaixonadas por nós.

— Com muito gosto! — respondeu a coruja — Esperem um segundo que eu volto já.

E partindo a voar, deixou os flamingos sozinhos; pouco depois, regressava com as meias. Mas não eram meias mas peles de víbora de coral, lindíssimas peles acabadas de tirar às víboras que a coruja caçara.

— Aqui estão as meias — disse-lhes a coruja. — Não se preocupem com nada a não ser com uma única coisa: dancem toda a noite, dancem sem parar um só instante, dancem de costas, de pernas para o ar, como quiserem, mas não parem um só instante, porque se o fizerem, em vez de dançar vão chorar.

Mas os flamingos, por serem tão tontos, não perceberam bem o grande perigo que aquilo representava e, loucos de alegria, calçaram as peles de víbora de coral, enfiando nelas as patas como se fossem meias. E, muito contentes, foram a voar para o baile.

Quando viram os flamingos com as suas lindíssimas meias, todos tiveram inveja. As víboras só queriam dançar com eles e como os flamingos mexiam constantemente as patas, as víboras não conseguiam ver bem de que eram feitas aquelas meias maravilhosas.

Mas a pouco e pouco, porém, as víboras começaram a desconfiar. Quando os flamingos passavam a dançar perto delas, baixavam-se até ao chão para verem melhor.

As víboras de coral, sobretudo, estavam muito inquietas. Não afastavam os olhos das meias e também se baixavam, tentando tocar com a língua nas patas dos flamingos, porque a língua das víboras é como a mão das pessoas. Mas os flamingos dançavam e dançavam sem parar, embora estivessem cansadíssimos e já não aguentassem mais. As víboras de coral, que perceberam isto, pediram então às rãs as suas pequenas candeias, que eram

pirilampos, e ficaram todas à espera de que os flamingos caíssem de cansaço.

Com efeito, um minuto depois, um dos flamingos, que já não podia mais, tropeçou no charuto de um jacaré, cambaleou e caiu de costas. A seguir, as víboras de coral acorreram com as suas pequenas candeias e iluminaram bem as patas do flamingo. E viram o que eram aquelas meias, deram um silvo que se ouviu na outra margem do Paraná.

— Não são meias! — gritaram as víboras — Sabemos o que são! Enganaram-nos! Os flamingos mataram as nossas irmãs e vestiram as suas peles como meias! As meias deles são de víboras de coral!

Ao ouvir isto, os flamingos, cheios de medo, porque tinham sido descobertos, quiseram voar; mas estavam tão cansados que não conseguiram erguer uma só pata. Então as víboras de coral lançaram-se sobre eles e, enroscando-se nas suas patas, desfizeram-lhes as meias às dentadas. Arrancavam-lhes as meias aos pedaços, furiosas, e mordiam-lhes também as patas, para que morressem.

Os flamingos, loucos de dor, saltavam de um lado para o outro, sem que as víboras de coral se desenroscassem das suas patas. Até que por fim, vendo que já não restava um só pedaço de meia, as víboras os deixaram partir, cansadas e comendo as sedas dos seus fatos de baile.

Além do mais, as víboras de coral estavam certas de que os flamingos morreriam porque pelo menos metade das que os tinham mordido eram venenosas.

Mas os flamingos não morreram. Correram para a água, sentindo uma dor fortíssima.

Gritavam de dor e as suas patas, que eram brancas, estavam agora coloridas pelo veneno das víboras. Passaram dias e dias e não deixavam de sentir um ardor terrível nas patas que estavam sempre cor de sangue porque estavam envenenadas.

Isto passou-se há já muito tempo. E ainda hoje os flamingos passam quase todo o dia com as suas patas coloridas dentro de água, tentando acalmar o ardor que nelas sentem.

Às vezes, afastam-se da orla e dão alguns passos em terra, para ver como estão. Mas as dores do veneno regressam logo a seguir e

correm para dentro de água. Por vezes o ardor que sentem é tão grande que encolhem uma pata e ficam assim horas a fio porque não conseguem esticá-la.

Esta é a história dos flamingos, que antes tinham patas brancas e agora as têm coloridas.

Todos os peixes sabem porquê e troçam deles. Mas os flamingos, enquanto se curam na água, não perdem uma ocasião de se vingarem comendo todos os peixinhos que se aproximam demasiado para fazer troça deles.

Em declive

O HOMEM pisou sobre qualquer coisa viscosa e, no mesmo instante, sentiu uma picada no pé. Saltou adiante e, rogando uma praga, viu uma jararacuçu que, enrolada, espreitava para novo ataque.

Lançou um rápido olhar ao pé onde duas gotinhas de sangue inchavam lentamente, e tirou a faca da cintura. A cobra sentiu a ameaça e escondeu ainda mais a cabeça dentro da própria espiral; mas a faca caiu-lhe sobre o lombo, deslocando-lhe as vértebras.

O homem abaixou-se sobre a mordedura, apanhou as gotinhas de sangue e, durante um instante, examinou-as. Uma dor aguda era provocada pelos dois pontinhos vermelhos e começava a envolver todo o pé. Imediatamente atou a ferida com o lenço e continuou o caminho pela vereda até o seu rancho.

A dor no pé aumentava, com a sensação lancinante duma inflamação e, de repente, experimentou duas ou três pontadas fulgurantes que, como clarões, irradiavam-se da ferida até à perna. Movia o tornozelo com dificuldade: uma seqidão metálica da garganta, acompanhada duma sede terrível, arrancou-lhe nova praga.

Chegou, finalmente, ao rancho atirando-se à roda dum moinho de açúcar. Os dois pequeninos pontos vermelhos tinham desaparecido numa inchação monstruosa do pé. A pele, esticada pela tensão, parecia a ponto de ceder. Quis chamar a mulher, mas sua voz se quebrava na rouquidão áspera da garganta ressequida. A sede o devorava.

— Dorotéa! articulou ele num estertor. Dá-me de beber!

A mulher acudiu, com um copo cheio, que o homem sorveu em três goles. Mas não sentiu nenhum gosto.

— Foi vinho o que pedi, não água, reagiu ele de novo. Dá-me de beber.

— Mas foi vinho, Paulino, protestou a mulher, assustada.

— Não, o que você me deu foi água. Quero vinho, já disse.

A mulher voltou correndo com o garrafão. O homem bebeu dois copos, um após outro, mas nada sentiu na garganta.

— Está bem seja como quiser!, murmurou ele então, olhando, lívido, o pé já brilhante da gangrena.

Na atadura apertada do lenço a carne inchava, parecendo uma monstruosa salsicha.

As dores sucediam-se, em contínuas manchas ardentes, que chegavam agora à virilha. A sequidão atroz da garganta, que a respiração parecia irritar ainda mais, aumentava igualmente. Quando quis se levantar, um vômito fulminante manteve meio minuto sua cabeça apoiada contra a roda de madeira.

Mas não queria morrer e, descendo até o rio, entrou na sua canoa. Sentou-se na popa e começou a remar até o meio do Paraná. Ali a corrente do rio que, nas proximidades do Iguassu, corre a seis milhas por hora, iria pô-la antes de cinco horas em Tacuru-Pucu.

O homem, com uma energia sombria, empreendeu chegar ao meio do rio, mas ali, as suas mãos entorpecidas deixaram cair o remo dentro da canoa e, depois de novo vômito, — de sangue, desta vez — lançou — um rápido olhar ao sol, que já desaparecia detrás da montanha.

A perna inteira, até o meio da coxa, não era mais do que um bloco informe e muito duro, que comprimia a roupa branca. Cortou as ataduras e abriu as calças com a faca: o baixo ventre desbordou, completamente inchado, com grandes manchas lívidas, e doía terrivelmente. O homem pensou que jamais poderia chegar sozinho a Tacuru-Pucu, e se decidiu a procurar auxílio com o seu compadre Alves, embora estivessem brigados há muito tempo.

A corrente do rio precipitava-se agora sobre a margem brasileira, e o homem pode aterrar com facilidade. Arrastou-se sobre a vereda em ascensão, mas, vinte metros depois, exausto, caiu estendido sobre o ventre.

— Alves! — gritou ele, enquanto ainda tinha forças ficou à escuta. Em vão.

— Compadre Alves! Não me negue este favor! — gritou novamente, levantando a cabeça sobre o solo.

No silêncio da floresta, não se ouviu nenhum ruído. O homem ainda teve forças suficientes para voltar à: canoa, e a correnteza, apoderando-se dela, levou a rapidamente em declive.

O Paraná corre, ali, ao fundo de uma imensa sepultura, na qual os ciprestes, altos, de cem metros, encadeiam-se funebremente. Sobre as margens bordadas de blocos negros de basalto ergue-se a floresta, também negra. Em frente, dos lados e atrás, a eterna muralha lúgubre ao pé da qual a água cheia de redemoinhos se precipita em turbilhões incessantes. A paisagem é agressiva; reina ali um silêncio de morte. Ao pôr do sol, no entanto, sua beleza sombria e calma reveste-se de uma e majestade única.

O sol já se havia posto quando o homem, meio deitado dentro da canoa, teve um violento estremecimento. E logo em seguida, com espanto, moveu pesadamente a cabeça; sentia-se melhor; apenas a perna é que ainda lhe doía. Mas a sede diminuía, e o seu peito, desembaraçado, se abria numa lenta aspiração.

O veneno começava a ir embora, não havia a menor dúvida. Ele se achava quase bom, e embora não tivesse forças para mover as mãos, confiava no desaparecimento da mancha vermelha para ficar inteiramente tranqüilo. Calculou que antes de três horas estaria em Tucuru-Pucu.

O bem-estar aumentava, e com ele vinha uma sonolência cheia de recordações. Não sentia mais nada, nem na perna nem no ventre. Seu compadre Geona ainda habitaria em Tucuru-Pucu? Talvez pudesse rever o antigo patrão, Mister Dougald, e o examinador.

Chegaria vivo? O céu, ao cair da tarde abria-se agora numa tela dourada, e as águas — elas também — estavam coloridas. Da margem paraguaia, já envolta pelas trevas, a montanha deixava cair sobre o rio seu perfil crepuscular, com eflúvios penetrantes de flores de laranjeiras e de mel selvagem. Um casal de araras cruzou o céu, muito alto e em silêncio, na direção do Paraguai.

Lá embaixo, sobre as águas cintilantes, a canoa deslizava rapidamente, voltando algumas vezes sobre si mesma, no turbilhão

de um redemoinho. — O homem que se achava no seu interior sentia-se de melhora em melhora, e pensava entrementes, no tempo exato que passara sem ver o seu antigo patrão Dougald. Três anos? Talvez não, não faria tanto tempo. Dois anos e nove meses e meio? Eis aí, isto sim, seguramente.

De repente, sentiu que estava gelado até o coração. Que poderia ser isso? E a respiração também...

Graças a Lorenzo Cabilla, examinador de Mister Dougald, havia conhecido uma sexta-feira santa de Puerto Esperanza ... Sexta-feira? ... Sim ... ou quinta-feira.

O homem estirou lentamente os dedos de sua mão. — Uma quinta-feira...

E cessou de respirar.

O filho

É um poderoso dia de verão nas Missões, com todo sol, calor e calma que a estação pode proporcionar. A natureza, plenamente aberta, sente-se satisfeita consigo mesma.

Com o sol, o calor e o calmo ambiente, o pai abre também o seu coração à natureza.

— Tenha cuidado, garoto — diz ao filho, condensando nessa frase todas recomendações, e o seu filho a entende perfeitamente.

— Sim, papai — responde a criança, enquanto pega a escopeta e carrega de cartuchos os bolsos da camisa, fechando-os com cuidado.

— Volte na hora do almoço — observa ainda o pai.

— Sim, papai — repete o garoto.

Equilibra a escopeta na mão, sorri ao pai, beija-o na cabeça e parte. O pai o segue por um instante com os olhos, e volta aos afazeres do dia, feliz com a alegria do seu menino.

Sabe o que o filho é educado desde a mais tenra infância no hábito e na precaução ao perigo: pode manejar um fuzil e caçar qualquer coisa. É alto para a idade, mas tem apenas treze anos. E parecia ter menos, a julgar pela pureza dos olhos azuis, ainda frescos de surpresa infantil. O pai não precisa desviar os olhos dos afazeres, porque segue com a mente a marcha do seu filho.

Já cruzou a picada vermelha e agora segue direto para o mato, através do caminho aberto entre as touceiras de capim.

Para caçar no mato — caça de pelo — é preciso mais paciência que o seu menino pode render. Depois de atravessar essa ilha de mato, o filho contornará os limites de cacto até o charco, procurando pombos, tucanos ou certo casal de garças, que Juan, amigo dele, descobrira há alguns dias. Somente agora o pai esboça um sorriso à lembrança da paixão cinegética das crianças. Às vezes, caçam

somente um jacu-touro, um surucú — até menos ainda — e regressam triunfantes: Juan à fazenda, com o fuzil de nove milímetros, que ele lhe deu de presente; o filho, à planície, com a grande escopeta Saint-Étienne, calibre 16, ferrolho quádruplo e pólvora branca.

Também com ele era assim. Aos treze anos, daria a vida para ter uma escopeta. Seu filho, daquela idade, já tem uma, e o pai sorri.

Todavia, não é fácil para um pai viúvo, sem outra fé ou esperança que não a vida de seu filho, educá-lo como ele o tem feito, livre em seu curto raio de ação, seguro de seus pequenos pés e mãos desde que tinha quatro anos, consciente da imensidão de certos perigos e da insuficiência de suas próprias forças.

Esse pai teve de lutar bravamente contra o que ele considerava seu egoísmo. Uma criança facilmente calcula mal, pisa no vazio e se perde um filho!

O perigo subsiste sempre para o homem em qualquer idade; mas sua ameaça arrefece se desde pequeno o filho é acostumado a contar apenas com as próprias forças.

Deste modo, tem o pai educado o filho. E, para consegui-lo, teve de resistir não apenas ao próprio coração, mas também aos tormentos morais; porque esse pai, de estômago e vista débeis, sofre, já há algum tempo, de alucinações.

Viu, transmudadas em dolorosa ilusão, as recordações de uma felicidade que não mais deveria brotar do nulidade em que se enclausurara. A imagem de seu próprio filho não escapou a esse tormento. E viu o garoto rolar, coberto de sangue, no momento em que percutia, no torno da oficina, uma bala parabellum; mas, na verdade, a criança apenas limava a fivela do cinturão de caça.

Um acontecimento terrível... Mas hoje, com o ardente e vital dia de verão, que parece uma herança do amor a seu filho, o pai se sente feliz, tranquilo e seguro do futuro.

Neste instante, não muito longe, soa um tiro.

— É a Saint-Étienne... — cogita o pai, ao reconhecer a detonação. Dois pombos a menos na mata.

Sem mais atentar ao ínfimo acontecimento, o homem se abstrai de novo em seu trabalho.

O sol, já muito alto, continua a subir. Para onde quer que se olhe — pedra, terra, árvores —, o ar rarefeito, como em um forno, vibra com o calor. Um profundo zumbido, que toca a plenitude, e impregna a atmosfera até onde a vista alcança, concentra nessa hora toda a vida tropical.

O pai consulta o pulso: doze horas. Então, levanta os olhos para a mata. Seu filho já devia estar de volta. Na mútua confiança que depositaram um no outro — o pai de têmporas prateadas e a criatura de treze anos —, não há lugar para mentiras. Quando o filho responde: “sim, papai”, cumprirá com a palavra. Ele disse que voltaria antes do meio-dia, e o pai sorriu ao vê-lo partir. Mas não voltou.

O homem retoma os afazeres, esforçando-se em concentrar a atenção em sua tarefa. É mesmo fácil, tão fácil, perder a noção do tempo dentro da mata, e sentar-se um pouquinho no chão, enquanto se descansa, imóvel, não é?

O tempo passou. São doze e meia. O pai sai da oficina e, ao apoiar a mão no balcão de mecânico, ressoa, do fundo de sua memória, o estampido de uma bala parabellum. Instantaneamente, pela primeira vez, já passadas três horas, dá-se conta de que, depois do tiro da Sain-Étienne, não ouviu nada mais. Não ouviu rolar o pedregulho sob um passo conhecido. Seu filho não voltou e a natureza se acha imóvel na margem do bosque, a esperá-lo.

Oh! Um caráter tranquilo e uma cega confiança na educação de um filho não são suficientes para afugentar o espectro da fatalidade que um pai de vista fraca vê erguer-se dos confins da mata. Distração, esquecimento, demora fortuita: nenhum desses insignificantes motivos, que podem retardar a chegada de seu filho, encontra acolhida naquele coração.

Um tiro... Só um tiro ecoou, e há muito tempo. Depois do estampido, o pai não mais ouviu um ruído, não mais viu um pássaro, sequer uma só pessoa cruzou a clareira para anunciar-lhe que, ao cruzar uma cerca, uma grande desgraça...

Sem chapéu e sem facão, o pai ganha caminho. Transpõe a clareira de touceiras, entra no mato e contorna o muro de cactos, mas sem achar o menor sinal de seu filho.

E a natureza continua estática. Mas quando o pai percorre as sendas conhecidas e, em vão, explora o charco, adquire a certeza de que cada passo que dá o leva, fatal e inexoravelmente, ao cadáver do filho.

Nenhuma censura a ser feita, é lamentável. Só a realidade fria, terrível e consumada: seu filho morreu ao cruzar uma cer... Mas, onde, em que lugar? Há tantas cercas ali, e é tão, tão sujo o matagal! Oh, muito sujo! Por pouco que ele se descuide ao cruzar os fios com a escopeta à mão...

O pai reprime um grito. Viu levantar-se no ar... Oh, não é o seu filho, não! E volta-se para outro lado, e para outro e outro ainda...

Nada se ganharia em ver a cor de sua pele e a angústia em seus olhos. Esse homem ainda não chamou pelo filho. Embora o seu coração clame por ele aos gritos, a boca continua muda. Sabe bem que o tão só ato de pronunciar o seu nome, de chamá-lo em voz alta, será a confissão da morte do filho.

— Meu garotinho! — escapa-lhe de repente. E se a voz de um homem enérgico é capaz de chorar, tapemos os ouvidos por misericórdia, ante a angústia que clama naquela voz.

Ninguém respondeu. Pelas picadas rubras de sol, envelhecido dez anos, segue o pai procurando pelo filho que acabara de morrer.

— Meu filho! Meu menininho! — clama ele num diminutivo que irrompe do fundo de suas entranhas.

Já antes, em plena felicidade e paz, esse pai sofrera uma alucinação, em que seu filho rolava com a fronte traspassada por uma bala de cromo-níquel. Agora, em cada rincão sombrio do bosque, ele vê chispas de arame. E, ao pé de um poste, com a escopeta descarregada ao lado de si, ele vê seu...

— Garotinho! Meu filho!

As forças que permitem entregar um pobre e alucinado pai ao mais atroz pesadelo também têm um limite. E o nosso sente que as suas forças se lhe escapam, quando vê repentinamente assomar, de uma vereda lateral, o seu filho.

Para um garoto de treze anos é bastante ver, a cinquenta metros, a expressão de seu pai sem facão, dentro da mata, para apressar o passo com os olhos úmidos.

— Garoto... — murmura o homem. E, exausto, deixa-se cair sentado na areia alvejante, cingindo com os braços as pernas de seu filho.

A criatura, assim cingida, fica de pé; e, como compreende toda a dor de seu pai, lhe acaricia lentamente a cabeça:

— Pobre papai...

Enfim, o tempo passou. Já eram quase três horas.

Agora juntos, pai e filho empreendem o regresso a casa.

— Por que você não se guiou pelo sol para saber a hora? — murmura ainda o primeiro.

— Eu me guiei, pai. Mas, quando ia voltar, vi as garças de Juan e fui atrás delas.

— O que você me fez passar, garoto!

— Paizinho... — murmura também o garoto.

Depois de um longo silêncio:

— E as garças... Matou-as? — pergunta o pai.

— Não.

Detalhe sem importância, afinal. Sob o céu e o ar incandescentes, a descoberto pela clareira de touceiras, o homem volta a casa com seu filho, sobre cujos ombros, quase tão altos quanto os seus, repousa o feliz braço de pai. Regressa encharcado de suor e, embora alquebrado de corpo e alma, sorri de felicidade.

Sorri de alucinada felicidade... Pois esse pai segue sozinho.

Afinal, ele não encontrou ninguém, e seu braço se apoia no vazio. Porque atrás dele, ao pé do poste, com as pernas erguidas, enredadas no arame farpado, seu adorado filho jaz ao sol, morto desde as dez horas da manhã.

O mel silvestre

Tenho em Salto Oriental dois primos — hoje já homens feitos — que, aos doze anos, e por decorrência das profundas leituras de Júlio Verne, meteram-se no profícuo desafio de abandonar a casa para viver na mata. Esta fica a duas léguas da cidade. Ali, viveriam primitivamente da caça e da pesca. Certo é que os garotos não se lembraram de levar consigo escopeta e anzóis; mas, de toda forma, a mata estava ali, com sua liberdade como fonte de felicidade, e seus perigos como encanto.

Infelizmente, no segundo dia, foram encontrados por quem os procurava. Estavam bastante atônitos ainda, não pouco debilitados e, para o grande assombro dos irmãos menores — iniciados também em Júlio Verne —, ainda conseguiam andar sobre os dois pés e ainda sabiam falar.

Mas a aventura dos dois “robinsons” teria sido mais adequada se tivesse por teatro outra mata menos domingueira. Aqui, nas Missões, as escapadas conduzem a limites imprevistos, e a eles foi impelido Gabriel Benincasa, justamente pelo orgulho que tinha de suas botas de tempestade.

Tendo Benincasa concluído os seus estudos de Contabilidade Pública, sentiu um fulminante desejo de conhecer a vida da selva. A isto não o induziu o seu temperamento, já que, devido à sua excelente saúde, Benincasa era um rapaz pacífico, gordalhão e de face rosada. Portanto, era suficiente lúcido para preferir um chá com leite e pasteizinhos a quem sabe que fortuita e infernal comida das matas. Mas, à semelhança de um solteiro ajuizado, que acredita ser o seu dever, à véspera do casamento, despedir-se da vida livre com uma noite de orgia em companhia de seus amigos, Benincasa, de igual modo, quis honrar a sua vida regrada com dois ou três

choques de vida intensa. Por esse motivo, subia ele o Paraná, a caminho de um obraje — estabelecimento de exploração florestal — com as suas famosas botas de tempestade.

Mal saíra de Corrientes, calçara as suas botas robustas, pois os jacarés da margens já esquentavam a paisagem. Apesar disso, o contador público cuidava muito bem de seu calçado, evitando os arranhões e os sujos contatos.

Deste modo, chegou ao obraje de seu padrinho, que, desde então, teve de conter a afoiteza de seu afilhado: — Para onde você vai agora? — perguntou, surpreso.

— À mata. Quero percorrê-la um pouco — respondeu Benincasa, que acabara de pendurar o winchester no ombro.

— Mas, infeliz! Você não vai conseguir dar um passo. Siga a picada, caso queira. Ou melhor: deixe essa arma e amanhã eu lhe mando um peão para acompanhá-lo.

Benincasa abdicou do passeio. Entretanto, foi até a beirada do mato, detendo-se ali mesmo. Intentou, vagamente, um passo adentro, mas prostrou-se, quieto. Enfiou a mão nos bolso e olhou detidamente aquele emaranhado inextricável, assoviando, baixinho, sopros incompletos. Depois de observar novamente, de um lado a outro, a mata, retornou bastante desiludido.

Entretanto, no dia seguinte, percorreu a picada central por uma légua. Benincasa não lamentou o passeio, embora o seu fuzil tenha voltado profundamente adormecido. Pouco a pouco, as feras viriam.

Na segunda noite, elas chegaram, embora tivessem características um tanto peculiares.

Benincasa dormia profundamente quando foi acordado pelo padrinho.

— Ei, dorminhoco! Levante-se, senão elas o comem vivo!

Benincasa sentou-se bruscamente na cama, deslumbrado pela luz de três lanternas de vento que se moviam de um lado para o outro na peça. Seu padrinho e dois peões lavavam o chão.

— O que foi? O que foi? — perguntou, pondo-se de pé.

Banincasa já havia sido instruído acerca das curiosas formigas a que chamamos tanoca. São pequenas, negras, brilhantes e marcham velozmente e em colunas mais ou menos largas. São essencialmente

carnívoras. Avançam devorando tudo o que encontram em seu caminho: aranhas, grilos, escorpiões, sapos, serpentes e qualquer ente vivo que não possa resistir a elas. Não há animal, grande ou forte que seja, que não fuja delas. A invasão doméstica supõe o extermínio absoluto de todo ser vivente, pois não há canto ou buraco profundo em que não se precipite a coluna devoradora. Os cães uivam, os bois mugem e a todos é imperioso abandonar a casa, sob pena de serem roídos, em dez horas, até o esqueleto. Permanecem no mesmo lugar um, dois, ou até cinco dias, conforme a sua abundância em insetos, carne ou gordura. E, tendo devorado tudo, partem. Mas não resistem à creolina ou substância similar. E como no obraje há sempre creolina, em menos de uma hora o chalé ficou livre da tanoca.

Benincasa observava, de pertinho, a placa lívida de uma mordedura no pé.

— Realmente, picam muito forte — disse, surpreso, erguendo a cabeça para o padrinho.

O padrinho, para quem a observação não tinha qualquer valor, não respondeu; ao revés, felicitou-se por haver contido a tempo a invasão. Benincasa reatou o sonho, mesmo que sobressaltado, toda a noite, por pesadelos topicais.

No dia seguinte, adentrou mata, desta feita empunhando facão, pois afinal compreendera que este lhe seria muito mais útil do que o fuzil. Mas é certo que o seu pulso não era nenhuma maravilha, e a sua habilidade, muito menos. De qualquer maneira trinchava os ramos, açoitava o rosto e talhava a bota. Tudo de uma só vez.

A mata crepuscular e silenciosa logo o enfadou. Dava-lhe a impressão — exata, de resto — de um cenário visto de dia. Da ativa vida tropical não há, nesta hora, mais que o teatro gelado. Nem um animal, nem um pássaro, quase nenhum ruído. Benincasa já retornava quando um zumbido lhe chamou a atenção. A dez metros, num tronco oco, pequenas abelhas aureolavam a entrada do buraco. Aproximou-se com cautela e viu, no fundo da abertura, doze bolas escuras, do tamanho de um ovo.

— É mel — disse a si mesmo o contador público, com íntima gula. — Devem ser bolsinhas de cera, cheias de mel...

Mas entre ele — Benincasa — e as bolsinhas interpunham-se as abelhas. Depois de um momento de descanso, pensou em fogo. Faria uma boa fumarada. Quis a sorte que, ao se acercar o ladrão, cautelosamente, com a folhagem úmida, quatro ou cinco abelhas pousassem na sua mão, mas sem picá-la. Em seguida, Benincasa colheu no ar uma delas e, pressionando-lhe o abdome, constatou que não tinha ferrão. Sua saliva, já leve, se refinou em melífica abundância. Maravilhosos e bons animaizinhos!

Num instante, o contador despreendeu as bolsinhas de cera e, afastando-se um bocadinho, para escapar ao pegajoso contato das abelhas, sentou-se numa raiz de árvore. Sete das doze bolas continham pólen, mas as demais estavam repletas de mel. Um mel escuro, de sombria transparência, que Benincasa experimentou gulosamente. Tinha o gosto de alguma coisa. De que seria? O contador não conseguia apurar. Certamente de resina de frutas ou eucalipto. Por igual motivo, o denso mel deixava na boca um ranço acre. Mas, em compensação, que perfume!

Benincasa, uma vez bem seguro de que umas cinco bolsinhas já lhe seriam úteis, pôs as mãos à obra. Sua ideia era simples: manter suspenso sobre a boca o favo gotejante. Mas, como o mel era espesso, teve, depois de haver permanecido meio minuto com a boca inutilmente aberta, de ampliar o buraco. Então o mel aflorou, adelgaçando-se em pesado fio até a língua do contador.

Um após o outro, os cinco favos se esvaziaram na boca de Benincasa. Foi inútil suspender os favos por mais tempo, sobretudo porque já espremera as bolsinhas até esgotá-las. Teve que resignar-se.

Entretanto, a posição da cabeça, virada para o alto, o deixara um pouco tonto. Pesado de mel, quieto e com os olhos bem abertos, Benincasa contemplou novamente a mata crepuscular. As árvores e o sol adquiriam posturas demasiadamente oblíquas e sua cabeça acompanhava o oscilar da paisagem.

— Que tontura estranha — pensou o contador. E o pior de tudo é que...

Ao levantar-se e intentar um passo, viu-se obrigado a cair de novo sobre o tronco. Sentia o corpo como chumbo, sobretudo as

pernas, como se estas estivessem imensamente inchadas. E os pés e as mãos formigavam.

— É muito esquisito, esquisito, esquisito! — repetiu estupidamente Benincasa, sem perscrutar o motivo daquela estranheza. Era como se houvesse formigas... A tanoca — concluiu.

E, de súbito, secamente, num espanto, faltou-lhe a respiração.

— Deve ser o mel! É venenoso! Estou envenenado!

E num segundo esforço para reerguer-se, os seus cabelos eriçaram-se de terror. Não podia sequer se mover. Agora a sensação de chumbo e o formigueiro subiam até a cintura. Por um instante, o horror de morrer ali, miseravelmente só, longe de sua mãe e de seus amigos, lhe coibiu qualquer meio de defesa.

— Vou morrer agora! Já, já, morrerei! Não consigo sequer mover a mão!

Constatou, em seu pânico, que não tinha febre nem ardor na garganta e que o coração e os pulmões conservavam o ritmo normal. Sua angústia mudou de forma.

— Estou parálítico! É a paralisia! E ninguém vai me encontrar!

Mas uma visível sonolência começava a apoderar-se dele, deixando-lhe intactas, todavia, as faculdades mentais, ao passo que a tontura se acelerava. Assim, acreditou notar que o solo oscilante tornava-se negro e se agitava vertiginosamente. Outra vez veio-lhe à memória a lembrança da tanoca, e em seu pensamento fixou-se, como uma suprema angústia, a possibilidade de que aquilo negro que invadia o solo era...

Ainda teve força para suplantar este último espanto, e, então, lançou um grito, um verdadeiro alarido, em que a voz de um homem recobra a entonação de uma criança apavorada: por suas pernas subia uma célere coluna de formigas negras. Em sua volta, a tanoca devoradora escurecia o solo, e o contador sentiu, sob a cueca, um rio de formigas carnívoras a subir.

Finalmente, dois dias depois, o padrinho encontrou, sem a menor partícula de carne, o esqueleto vestido com as roupas de Benincasa. A tanoca — que ainda zanzava pelo lugar — e as bolsinhas de cera deram-lhe claramente a explicação.

Não é comum que o mel silvestre contenha tais propriedades narcóticas ou paralisantes, mas pode-se encontrá-lo, ainda assim. Flores com iguais características abundam nos trópicos e o sabor do mel denuncia, na maioria dos casos, a sua condição: como o ranço de resina eucalipto que Benincasa julgou sentir.

À Deriva

O homem pisou algo brando e mole e, em seguida, sentiu a picada no pé. Saltou para frente, e ao se voltar com um palavrão, viu a jararacuçu que se recolhia sobre si mesma; preparava outro ataque.

O homem lançou uma rápida olhada a seu pé, de onde duas gotinhas de sangue engrossavam dificultosamente, e então sacou o facão da cintura. A víbora viu a ameaça, e fundiu mais a cabeça no centro mesmo de sua espiral; porém o facão caiu sobre ela, deslocando-lhe as vértebras.

O homem abaixou-se para olhar a mordida, limpou as gotinhas de sangue, e durante algum tempo contemplou. Uma dor aguda nascia dos dois pontinhos violeta, e começava a expandir-se por todo o pé. Apressadamente, amarrou o tornozelo com o lenço que trazia amarrado à cintura, e seguiu pela picada até seu rancho.

A dor no pé aumentava, e de repente, o homem sentiu dois ou três fulgurantes pontadas que como relâmpagos haviam-se irradiado da ferida, até a metade da panturrilha. Movia a perna com dificuldade; uma sede metálica na garganta, seguida de uma sede ardente, arrancou-lhe outro palavrão.

Chegou finalmente ao rancho, e abraçou a roda do moinho. O dois pontinhos violeta desapareciam agora na monstruosa inchação do pé inteiro. Parecia-lhe enfraquecida, e a ponto de ceder, de tão tensa. O homem quis chamar sua mulher, mas sua voz se quebrou num grunhido rouco de garganta ressecada. A sede o devorava.

__ Dorotea! – conseguiu lançar um grito. – Me dá cachaça!

Sua mulher correu com um copo cheio, que o homem sorveu de três tragos. Porém não havia sentido gosto algum.

__ Te pedi cachaça, não água! – rugiu de novo. – Quero cachaça!

__ Mas é cachaça, Paulino! – protestou a mulher, espantada.

__ Não, me deste água! Quero cachaça, te digo!

A mulher correu outra vez, voltando com o garrafão. O homem bebeu um atrás do outro três copos, porém não sentiu nada na garganta.

__ Bom, isto está feio... – murmurou então, olhando seu pé lívido e já com um brilho gangrenoso. Sobre a intensa atadura do lenço, a carne transbordava como uma pavorosa morcela.

As dores fulgurantes sucediam-se em relâmpagos contínuos, e chegavam agora à virilha. Além disso, a atroz sequeidão da garganta que o esforço parecia esquentar mais, aumentava. Quando pretendia encorpar-se, um fulminante vômito manteve-o meio minuto com a testa apoiada na roda de madeira.

Mas o homem não queria morrer, e descendo à costa, subiu em sua canoa. Sentou-se na popa e começou a remar até o centro do Paraná. Ali, a correnteza do rio, que nas imediações do Iguazu corre por seis milhas, o levaria antes de cinco horas a Tacurú-Pucú.

O homem, com fatigada energia, pode efetivamente chegar até o meio do rio; no entanto, ali suas mãos dormentes deixaram cair o remo na canoa, e por causa de um novo vômito – de sangue esta vez -, dirigiu um olhar ao sol que transpunha a montanha.

A perna inteira, até metade da coxa, era já um pedaço disforme e duríssimo que rompia a roupa. O homem cortou a ligadura e abriu a calça com a faca: a parte inferior desbordou inchada, com grandes manchas lívidas e terrivelmente dolorosas. O homem pensou que não poderia jamais chegar sozinho a Tacurú-Pucú, e decidiu pedir ajuda a seu compadre Alves, embora fizesse muito tempo estivessem intrigados um com o outro.

A correnteza do rio precipitava-se agora para a costa brasileira, e o homem pode facilmente atracar. Arrastou-se pela picada costa acima, porém a vinte metros, exausto, ficou estendido de costas.

__ Alves! – gritou com a força que pode; e prestou atenção em vão.

__ Compadre Alves! Não me negue este favor! – clamou de novo, levantando a cabeça do solo.

No silêncio da selva, não se ouviu um só rumor. O homem teve ainda forças para chegar até sua canoa, e a correnteza, apoderando-se dela de novo, levou-a à deriva.

O Paraná corre ali no fundo de uma imensa depressão, cujas paredes, com altura para lá de cem metros, estreitam funebremente o rio. Desde as margens cercadas de negros blocos de basalto eleva-se o bosque, negro também. Adiante, às costas, sempre a eterna muralha lúgrube, em cujo fundo o rio afunilado se precipita em incessantes erupções de água lodosa. A paisagem é agressiva, contudo, sua beleza sombria e calma cobra uma majestade única.

O sol havia já caído, quando o homem, estendido no fundo da canoa, teve um violento calafrio. E, de repente, com assombro, pôs na vertical pesadamente a cabeça: sentia-se melhor. Somente a perna lhe doía, a sede apagava-se, e seu peito, livre já, abria-se em lenta inspiração.

O veneno começar a ir-se, não havia dúvida. Achava-se quase bem, e embora não tivesse forças para mover a mão, contava com a vinda do orvalho para repor-se todo. Calculou que antes de três horas estaria em Tacurú-Pucú.

O bem-estar progredia e, com ele, uma letargia cheia de recordações. Não sentia mais nada na perna nem no ventre. Viveria ainda seu compadre Gaona em Tacurú-Pucú? Por acaso veria também seu ex-patrão, mister Dougald, e o encarregado de obras?

Chegaria repentinamente? O céu, a ponte, abria-se agora num resplendor de sangue, e o rio se havia avermelhado também. Da costa paraguaia, já em trevas, a montanha deixava cair sobre o rio sua frescura crepuscular, em penetrantes eflúvios de flores de laranjeiras e mel silvestre. Um casal de araras cruzou o céu muito alto e em silêncio até o Paraguai.

Lá embaixo, sobre o rio de ouro, a canoa derivava velozmente, girando de tempos em tempos sobre si mesma, ante a erupção de um remoinho. O homem que ia nela se sentia cada vez melhor, e pensava no tempo justo em que havia passado sem ver seu ex-patrão Dougald. Três anos? Talvez, não tanto. Dois anos e nove meses? Talvez. Oito meses e meio? Isso sim, certamente.

De repente, sentiu que estava gelado até o peito. Que seria? E a respiração...

Ao madeireiro de mister Dougald, Lorenzo Cubilla, havia conhecido em Puerto. Esperança em Sexta-feira Santa...Sexta-feira? Sim, ou quinta-feira...

O homem estendeu lentamente os dedos da mão.

— Uma quinta-feira...

E parou de respirar.

O Solitário

Kassim era um homem doente, um joalheiro de profissão, sem loja estabelecida. Trabalhava para grandes casas, sendo sua especialidade a montagem de pedras preciosas. Poucas mãos como as suas eram para trabalhos delicados. Com mais iniciativa e habilidade comercial, teria sido rico. Mas aos 35 anos, ele prosseguia com sua jóia, elaborada na oficina sob a janela.

Kassim, de corpo pequeno, o rosto pálido sombreado pela barba irregular, tinha uma mulher bonita e muito apaixonada. A jovem, de origem simples, havia aspirado um grande casamento com sua formosura. Esperou até os vinte anos, provocando os homens e suas vizinhas com seu corpo. Temendo ficar sozinha, finalmente aceitou Kassim.

Sem mais sonhos de luxo, no entanto. Seu marido, ainda sendo um hábil artista, era completamente desprovido de aptidão para fazer fortuna. Portanto, enquanto o joalheiro trabalhava dobrado sob suas garras, ela de cotovelos, mantinha sobre seu marido um lento e pesado olhar, para em seguida começar com a audiência visual na posição de espectadora, do que poderia ter sido o seu marido.

O quanto Kassim ganhasse, não era o bastante para ela. Aos domingos também trabalhava para ser capaz de lhe oferecer um suplemento. Quando Maria desejava uma jóia - e com quanta paixão desejava ela! - trabalhava de noite. Depois tinha tosse e pontadas na lateral, mas Maria tinha suas faíscas brilhantes.

Aos poucos, os afazeres diários com as gemas chegou a fazer-lhe amar os trabalhos do artesão, e seguia com ardor a íntimas delicadezas do encaixe. Mas quando a jóia estava concluída - deveria partir, não era para ela - caía na mais profunda decepção de seu casamento. Provava as jóias, parando diante do espelho. Finalmente

a deixava por ali e ia para seu quarto. Kassim se levantava ao ouvi-la chorando na cama, mas ela não queria escutá-lo.

_ Faço tudo que posso por ti - dizia ele por fim, tristemente.

Os soluços aumentavam com isso, e o joalheiro se acomodava lentamente em seu banco.

Essas coisas se repetiram tanto que Kassim já não se levantava para consolá-la. Consolá-la!? De que? O que não impediu que Kassim prolongasse suas noites a fim de obter um maior suplemento.

Era um homem indeciso, irresoluto e calado. O olhar de sua esposa agora se detinha com a mais pesada frieza, sobre aquela muda tranquilidade.

_ Grande homem que tu és! - murmurava ela.

Kassim, sobre seus encaixes de jóias, não parava de mover os dedos.

_ Você não está feliz comigo, Maria. - expressava depois de um tempo.

_ Feliz! E você tem coragem de dizer! Quem pode ser feliz com você? Nem a última das mulheres!... Pobre coitado! - concluía com um riso nervoso, deixando-o.

Kassim trabalhou naquela noite até às três da manhã, e sua mulher teve novas faíscas, que ela considerava um instante com os lábios franzidos.

_ Sim... não é uma tiara surpreendente?!... Quando a fizeste?

_ Desde terça-feira - olhava-a com descolorida ternura - enquanto dormias de noite...

_ Oh, você poderia ter dormido!... Enormes, os brilhantes.

Porque sua paixão eram as volumosas pedras que Kassim montava. Seguiu seu trabalho com louca fome de vê-las concluídas, e apenas usando a jóia, correu com ela para o espelho. Em seguida, teve um ataque de soluços.

_ Todos, qualquer marido, até o último, faria um sacrifício para agradar sua mulher! E você... e você... nem um vestido miserável pra usar eu tenho!

Quando é ultrapassado um certo limite de respeito para um homem, a mulher pode dizer ao seu marido coisas incríveis.

A mulher de Kassim chegou a esse limite com uma paixão, pelo menos igual a que sentia pelos brilhantes. Uma tarde, ao guardar suas jóias, Kassim notou que faltava um broche - cinco mil pesos em dois solitários. Ele procurou em suas gavetas novamente.

_ Você não viu o broche, Maria? Deixei ele aqui.

_ Sim, eu o vi.

_ Cadê? - ele virou-se surpreso.

_ Aqui!

Sua mulher, com os olhos de fogo e a boca sarcástica, ajeitou a posição do broche.

_ Fica muito bem em você - disse Kassim depois de um tempo. Vamos guardá-lo.

Maria riu.

_ Oh, não! é meu.

_ Está brincando?

_ Sim, estou brincando! É brincadeira, sim! Como dói pensar que poderia ser meu...! Amanhã eu devolvo. Hoje vou ao teatro com ele.

Kassim ficou pálido.

_ Você está agindo mal... eles poderiam vê-lo. Perderiam toda confiança em mim.

_ Oh! - respondeu ela enfurecida, batendo a porta com violência.

Chegando do teatro, ela colocou a jóia sobre o móvel. Kassim levantou-se e guardou a jóia em sua oficina com fechadura e chave. Ao retornar sua esposa estava sentada na cama.

_ Quer dizer que você tem medo que eu a roube! Que sou uma ladra!

_ Não me olhe assim... Você foi imprudente, nada mais.

_ Ah! E você confia?! Tudo pra você, pra você! E quando sua esposa pede por um pouco de mimo, e quer algo... me chamas de ladra! Canalha!

Finalmente adormeceu. Mas Kassim não dormiu.

Entregaram então a Kassim, um solitário para montar, o brilhante mais admirável que já havia passado por suas mãos.

_ Olhe Maria, que pedra. Nunca vi outra igual.

Sua mulher não disse nada; mas Kassim a sentiu respirar profundamente sobre o solitário.

_ Uma pedra admirável... - prosseguiu ele - custará nove ou dez mil pesos.

_ Um anel! - murmurou Maria finalmente.

_ Não, é de homem... Um alfinete.

Enquanto montava o solitário, Kassim sentia em suas costas trabalhadoras o quanto ardia de ressentimento e frustração por sua esposa. Dez vezes por dia interrompia o marido para ir com o brilhante diante do espelho. Depois o experimentava com diferentes vestidos.

_ Se você quiser fazer isso depois... - se atreveu Kassim - É um trabalho urgente.

Ele esperou a resposta em vão; sua mulher ia pra varanda.

_ Maria, podem te ver!

_ Toma! Aí está sua pedra!

O solitário, violentamente arrancado, rolou pelo chão.

Kassim, lívido, o pegou examinando-o, e em seguida levantou do chão olhando para sua esposa.

_ O que foi? Porque está me olhando assim? Fiz algo com sua pedra?

_ Não - disse Kassim. E então retomou sua tarefa, mas suas mãos tremiam tanto que dava pena.

Mas teve que levantar-se para ver sua esposa, que estava no quarto em plena crise de nervos. Seu cabelo estava solto e os olhos saltando das órbitas.

_ Dê-me o brilhante! - ela gritou - Dê-me! Nós escaparemos! Para mim! Dê-me!

_ Maria... - gaguejou Kassim, tentando libertar-se.

_ Ah! - rugiu sua mulher enlouquecida - Você é o ladrão, miserável! Você roubou a minha vida, ladrão, ladrão! E você pensou que não ia pagar por isso... corno! Aha! Olhe para mim... pensou que nunca tinha acontecido né? Ah! - e levou as duas mãos à garganta sufocada. Mas quando Kassim saiu, ela pulou da cama e caiu, tentando pegá-lo de um saque.

_ Não importa! O brilhante, me dê! Não quero mais do que isso! É meu, Kassim desgraçado!

Kassim a ajudou a levantar-se, pálido.

_ Você está doente, Maria. Depois conversaremos... acalme-se.

_ Meu brilhante!

_ Bem, veremos se é possível... acalme-se.

_ Dê-me!

Voltou a sentir um nó na garganta.

Kassim voltou a trabalhar em seu solitário. Em suas mãos havia uma segurança matemática, faltavam poucas horas.

Maria levantou-se para comer, e Kassim teve a gentileza de sempre com ela. No final da refeição sua esposa o olhou de frente pra ele.

_ É mentira, Kassim - lhe disse.

_ Oh! - respondeu Kassim sorrindo - não foi nada.

_ Te juro que é mentira! - insistiu ela.

Kassim sorriu novamente, tocando a mão dela com um carinho desajeitado.

_ Louca! Garanto que não me lembro de nada.

E se levantou para continuar seu trabalho. Sua esposa, com o rosto entre as mãos, o seguiu com o olhar.

_ E não me disse mais que isso... - murmurou ela para si mesma. E com uma profunda náusea por aquele pegajoso, mole e sem vida que era seu marido, ela foi para o quarto.

Ela não dormiu bem. Acordou tarde e viu luz na oficina; seu marido continuava trabalhando. Uma hora depois, ele ouviu um grito.

_ Me dê!

_ Sim, é para você; falta pouco, Maria - respondeu apressadamente, levantando-se. Mas sua mulher, depois do grito do pesadelo, dormiu novamente. Às duas horas da manhã Kassim deu por terminada sua tarefa; o brilhante resplandecia, firme e viril em seu encaixe. Com passos silenciosos, ele entrou no quarto e acendeu a vela. Maria dormia de costas, sobre a brancura gelada de sua camisola e cobertor.

Ele foi até a oficina e voltou. Contemplou um pouco seu seio quase descoberto, e com um sorriso descolorido abriu um pouco mais sua camisola.

Sua mulher não o sentiu.

Não havia muita luz. O rosto de Kassim adquiriu de repente uma imobilidade rígida, e suspendendo a jóia por um instante sobre o seio nu, afundou, firme e perpendicular como um prego, todo o alfinete para o coração de sua esposa.

Houve uma brusca abertura de olhos, seguida de um lento declínio das pálpebras. Os dedos se arquearam, e nada mais.

A jóia, sacudida pela convulsão do gânglio ferido, tremeu por um instante desequilibrada. Kassim esperou um momento; e quando o

solitário ficou por fim completamente imóvel, pôde então retirá-lo, fechando a porta atrás de si sem fazer barulho.

Passado amor

I

— Naquele meio-dia de maio, o que menos esperavam Aureliana e suas filhas era ver no portão o break que vinha do porto e dele descer o patrão Morán. As meninas corriam de um lado para outro, gritando todas a mesma coisa para a mãe, que por sua vez estava aturdida. Quando se lembraram de correr ao portão, Morán já havia entrado e sorria para elas o sorriso franco e aberto que era seu atrativo maior.

— O patrão... que bom... — não parava de repetir Aureliana, com timidez e carinho.

— Pensei em te escrever, avisando que chegaria a qualquer hora — disse Morán —, mas até o último instante não tinha certeza se viria. Como vão as coisas por aqui? Alguma novidade?

— Nenhuma, senhor. Mas as formigas...

— Ah, sim, as formigas, depois falaremos sobre elas. Por enquanto, prepara a água do banho. E não preciso de mais nada.

— Mas... não vai comer, senhor? Ai, não temos nada, mas Ester pode ir correndo no bolicho.

— Não, obrigado. Um café, talvez.

— Não temos café...

— Um mate, então. Mas não te preocupa, Aureliana. Com um breve assobio para uma das meninas, assobio cuja rudeza era compensada pelo afeto do olhar, Morán indicou a maleta que deixara no portão. E esperou que Aureliana trouxesse as chaves do chalé.

Fazia dois anos que não vinha. Na chegada, de uma curva ascendente do caminho, vira a casinha de pedras queimadas, a oficina, o vermelho vivo da areia, e não gostara do que vira. Agora, de costas para a porta descascada por dois anos de sol, a impressão inicial se confirmava: uma solidão opressora sob o silêncio daquele

grande céu impiedoso. O meio-dia em Misiones verte tanta luz sobre a paisagem que ela não chega a exhibir cores definidas.

Aureliana trouxe as chaves.

— Tens aberto as portas de vez em quando?

— Sim, senhor, todos os meses. E sempre tiramos a roupa para fora, recolhendo antes do sereno. O que nos incomodou mesmo foram as goteiras. São três ou quatro, não sei se o senhor se lembra...

— Sim, me lembro — disse Morán.

Largou a maleta e, entrando na casa, abriu as janelas. O sol inundou tão bruscamente as peças que, dir-se-ia, a solidão da mobília, surpreendida, ainda pôde esconder alguma coisa, oferecendo agora um aspecto muito diferente daquele de um momento antes.

Morán deu uma olhada em tudo, com uma expressão impassível. Na porta, com o chaveiro na mão, Aureliana fazia sinais às crianças para que ficassem quietas. Mas como o patrão disse que nem o mate ia querer, ela se retirou, seguida pelo tropel de meninas descalças.

II

— Morán queria trocar de roupa e também queria ficar só. Misiones! Tinha ido embora pensando em não retornar por muitos anos. Mas, com tão-só dois transcorridos, estava de volta, sem que ninguém — nem ele mesmo — esperasse.

Seu olhar vagava ainda pela casa. Era a mesma casa, naturalmente. E o que se escondera nalgum canto, no instante em que abrira as janelas, tinha sido, certamente, o espectro de sua felicidade.

Nos últimos dias do período em que vivera ali o quarto fora modificado, mas seus olhos, orientados e compelidos pela memória, viam a cama de casal no lugar onde agora reluzia um piso bem lavado. Embora nele não restasse marca alguma de seus passos, de

olhos fechados conseguiria refazer, sem errar um milímetro, o trajeto que fazia cem vezes por noite durante a doença de sua esposa.

Não, não estava a reviver aquele martírio: não tinha sido em vão que o sofrimento batera sem piedade nas partes mais sensíveis de seu coração. O amor de Morán já pagara seu tributo ao tempo e nada lhe devia. O que a casa parecia ter guardado, para lançar ao seu redor quando deixasse entrar a luz, era a massa de recordações ligadas a cada porta, a cada prego na parede, a cada tábuas do assoalho. E assomavam agora, num conjunto simultâneo e como fotográfico — não para amargurá-lo, apenas para lembrá-lo —, suas longas horas de dor.

Morán só conheceu a natureza aos trinta anos, mas, do mesmo modo que, diante de um quadro, alguém descobre sua vocação artística, ele descobriu sua tendência natural para a vida ao ar livre — livre de obstáculos para os olhos, para os passos, para a consciência.

Rompeu sem esforço com a vida citadina e instalou-se em Misiones para cultivar erva-mate, menos por expectativa de lucro do que por necessidade de ação, reduzindo suas ambições de riqueza ao ganho necessário para ser livre e nada mais.

Durante a construção de sua casinha de pedra, passou uma temporada em Buenos Aires, de onde voltou casado. Morán não podia ter escolhido uma criaturinha mais adorável e, ao mesmo tempo, menos afeita à vida que ele levava e amava sobre todas as coisas: Seu casamento foi um idílio quase hipnótico, com amor, com paixão, mas, afora isso, nada havia em comum entre eles. E como o destino tem um calendário inexorável, cortou aquele idílio quando fazia exatamente um ano que havia começado.

Quando Lucila engravidou, Morán quis levá-la a Buenos Aires, ou, pelo menos, a Posadas. De que recursos podia dispor um lugar como Iviraromí, cujas parteiras indígenas só falavam guarani e, depois de 150 anos da expulsão dos jesuítas, ainda rezavam suas ave-marias em latim?

Lucila não quis: aquilo que seu marido enfrentava em sua vida rude de homem, ela também podia enfrentar com sua força de mulher. Morán se orgulhou da coragem dela, mas argumentou,

suplicou, ela resistiu com um entusiasmo e uma fé de causar espanto. E o pior aconteceu. Depois de quinze dias de febre, letargia e pavorosas alucinações, abandonou a vida.

Morán ficou só, no meio de uma paisagem que parecia evocar sua mulher até nas últimas tramas do alambrado. E sua alma, então! Remorso, um sentimento de ter abusado dela, de tê-la obrigado a uma mudança criminosa de modo de vida, de ter imposto um martírio selvagem a uma menina de 18 anos, sob o pretexto do amor. Ali estavam as conseqüências.

Deixou a casa aos cuidados de Aureliana e subiu o Paraná até perto do Guayra. O peso de sua consciência o seguiu sem tréguas, entre assobios e tiros de winchester.

Incapaz de suportar na solidão o abatimento que a região inóspita mantinha e aguçava, tomou o vapor de Buenos Aires, passando ao largo do rio por Iviraromí, com a alma apequenada e suja.

Mas o tempo, que mitiga as dores, também leva consigo os dramas de consciência. Ao cabo de dois anos, em paz consigo mesmo, Morán estava regressando a Misiones.

III

— Após o banho, Morán pediu a Aureliana as chaves da oficina. As meninas vieram correndo outra vez.

— O patrão... — repetia Aureliana.

O aspecto dele, agora, era mais familiar, ela reencontrava o patrão que bem conhecia, de camisa arremangada até o cotovelo e botas — um homem de cuja aparência se podia dizer que “não admitia réplicas”. Nos seus primeiros tempos de serviçal da casa, Aureliana receava aquele ar, que não era de altivez, de orgulho, mas de uma impassível segurança. Era ele todo, semblante, postura, passos, a expressão acabada de um caráter forte. Brincava e ria como qualquer pessoa, mas, ainda que estivesse a rir, notava-se que o fazia por um motivo cabal, sem que o riso o fizesse perder um

átomo sequer de sua personalidade. Seu rosto de queixo forte, com traços duros de efígie antiga, diariamente bem barbeado, acentuava a impressão de energia. A característica de sua fisionomia, no entanto, era o contraste entre a dureza da expressão e a suavidade do olhar. Quem o via sorrir pela primeira vez não deixava de se assombrar: podia se esperar qualquer coisa daquele homem física e espiritualmente recortado no aço, menos a doçura do olhar quando sorria. Isso — e se se pensasse em como seriam terríveis aqueles mesmos olhos, se dominados pela ira — explicava em grande parte a singular sedução que Morán exercia sobre os que viviam em sua órbita de influência.

Aureliana, naturalmente, sentira essa atração, e deixara-se arrastar por ela de olhos fechados. Para ela, até certas rudezas de Morán, às vezes excessivas, eram indispensáveis e justas.

Também a sentiam as meninas. Imóveis e mudas quando o encontravam ou o ouviam dizer alguma coisa, não afastavam os olhos dele, à espera do menor indício de uma brincadeira. E tão logo a gravidade daquele rosto se dissolvia num sorriso, elas se alegravam, felizes: aquele instante fugaz compensava a circunspeção habitual do patrão.

Na oficina, e pela primeira vez desde que ultrapassara o portão, Morán sentiu-se em casa. Aquilo era seu, sem nenhuma mistura de afetos. Tudo o que havia ali dizia respeito a ele mesmo, e só a ele evocava. E sua alma, diante da mesa de carpinteiro, da bancada de mecânico, do forno, abria-se num sorriso parecido com o do rosto. Aquelas ferramentas, manchadas com seu suor, tinham esperado fielmente por ele e só por ele, enfileiradas em seus ganchos, prontas para começar de novo o trabalho.

Mas se os apetrechos de carpintaria estavam em seus lugares, o mesmo não se dava com as ferramentas, amontoadas num canto da bancada.

— Fui eu que botei ali, por causa das goteiras — explicou Aureliana.

— Mas não deixei umas latas para as goteiras?

— Deixou, sim, senhor, mas os ratões*, durante a noite, estavam tirando as latas do lugar. É uma rataria sem fim. Então peguei as

ferramentas e juntei ali.

Morán deu uma olhada no forro, cujos lambris, mais tarde revestidos de chapas vermelhas, traziam-lhe à lembrança não poucos aborrecimentos.

Com efeito, os ratos* — ou ratões, como se diz em Misiones — tinham seu refúgio no espaço entre os dois forros. A guerra sem quartel declarada por Morán contra os ratos sempre terminara de encontro àquela trincheira lá no alto, com extensões entre suas amostras de serapilheira tingida, seus papéis e cordas de amianto.

— Também falaremos sobre isso, mais tarde — disse Morán. — Põe de novo as latas onde estavam, amanhã arrumo as ferramentas. Agora vou dar uma volta no mato.

— E o mate, senhor?

— Não, obrigado. Não estou com vontade. Manda trazer café do bolicho e torra. Na volta tomo uma xícara.

E com os óculos escuros que costumava usar nas horas de excessiva luz, desceu a vertente da meseta, costeando o bananal, e entrou no mato. Gozava nervosamente a delícia de outra vez sentir sua mão grudada no cabo do facão.

Caía o sol quando Morán deixou o mato, testa suada, óculos na mão. Durante três horas sentira-se feliz, como um animal cativo devolvido à sua toca que, de pois de três horas de íntima fruição na obscuridade, levanta a cabeça para farejar a selva.

A natureza de Morán era tal que ele não sentia nada daquilo que uma separação de milhões de anos criou entre a selva e o homem. Não era um intruso, tampouco um espectador inteligente. Sentia-se como e era um elemento da própria natureza, sem ideias estranhas ao seu passo cauteloso no crepúsculo silvestre. Era um cincosentidos da selva, entre a penumbra indefinida, a umidade fraterna e o silêncio vital.

Reencontrara-se.

Subiu sem pressa a encosta dourada pelos últimos raios do sol. Ao chegar em casa viu, como no tempo em que era solteiro, a mesinha posta no meio do pátio arenoso, bem destacada, naquela hora, contra o denso bambuzal que lhe servia de fundo.

— Já aprontei a comida, senhor — disse a criada, saindo ao seu encontro. — Se quiser o café antes, a água está bem no ponto.

— Depois, Aureliana.

— Também está pronto o banho. Viu o erval, senhor?

— Não, não cheguei até lá. Muita macega?

— Barbaridade, senhor. Pura capoeira. Não se enxerga nenhum pezinho de erva.

— Também daremos um jeito nisso. Tirava a camisa molhada.

— Ah, ia me esquecendo — disse Aureliana —, esteve aqui Dom Salvador para lhe fazer uma visita.

— Quem? — deteve-se Morán, surpreso.

— Dom Salvador Iníguez. Não quis descer. Disse que vai voltar amanhã ou depois.

Morán encolheu os ombros e terminou de despir a camisa. Ainda não tinha pensado nos antigos conhecidos. Teria de reatar as relações de amizade às quais se sentira menos ou mais ligado nos dois anos de seu afastamento. Para ele, aqueles dois anos representavam dois séculos. Para seus amigos, no ambiente invariável da região, não teriam sequer transcorrido. E se resignou.

IV

— No dia seguinte, ao primeiro sinal da aurora, Morán já estava de pé. Quando saiu o sol, ele regressava de uma caminhada no mato, com as botas sujas de barro e as calças encharcadas até a metade da coxa. Ao sentar-se para almoçar, às dez, a oficina já se encontrava em perfeita ordem e todas as ferramentas afiadas.

É espantosa a ineficácia do tempo interposto entre um homem e sua obra aparentemente interrompida para sempre no passado, quando esse homem, em tal obra, empregou todas as forças de que foi capaz. Podia Morán ter-se ausentado por dez anos, podia, nesses anos, ter ficado sem nenhum contato com árvores, com um sopro de ar puro, uma madrugada, um formão. Colocado outra vez diante de

uma semente ou de uma ferramenta, seu impulso era cavar a terra e procurar a pedra de afiar.

Ao cair da noite do segundo dia, Morán encilhou seu cavalo e foi ao bar do povoado: afirmava definitivamente seu regresso com práticas sobre cultivos, desmatamentos, animais, madeiras e roçados — as matérias que o ligavam aos moradores de Iviraromí.

Entre seus amigos estava Salvador Iníquez — ou de Iníquez, como assinavam —, seu visitante do primeiro dia. Morán tinha um interesse especial por esse rapaz de 22 anos, chefe incontestado da família.

A família Iníquez era formada pela mãe viúva e os filhos Pablo, Salvador, Marta e Magdalena. Eles se estabeleceram na região à época do casamento de Morán, cuja esposa os tratava como amigos. Vinham do Chile, mas eram de origem, nacionalidade e alma peruanas, exceto a mãe, que era centro-americana.

A fortuna deles devia ser grande, a julgar pela dimensão de suas plantações de erva-mate. Outros motivos autorizavam essa suposição. A situação da família em matéria de conforto e criadagem, as aparências, o modo de agir e até o de cumprimentar, acusavam antigos e arraigados hábitos de riqueza.

Diziam-se nobres, descendentes dos primeiros conquistadores, mas encarnavam — o irmão maior, sobretudo — o tipo da família tropical, proprietária de fazenda e de negros, sem cultura alguma, conhecendo da vida apenas aquilo que se desenvolvia em sua superfície.

Por causa do caráter ambicioso e obstinado de Salvador, sua mãe o nomeara chefe da família, uma liderança aceita por todos, inclusive por Pablo, que era muito mais velho.

Alto e elegante como todos os Iníquez, de tez cetrina e cabeça pequena, Salvador personificava o filhote de águia de entranhas insaciáveis, cuja compreensão do dinheiro e dos homens se consubstanciava neste aforismo, proferido na ocasião em que alguém dera mau nome a um ato que praticara:

— A honra fica para a família — e continuara, impassível, seu jogo de xadrez.

Frio e calculista, não errava quase nunca em seus planos. Dizia-se que, em família, era um tirano. Mostrava-se muito cordial com os plantadores de erva da região, e ainda com os agregados à sua casta, como juízes de paz, comissários, bolicheiros, pessoas que um dia podiam lhe ser úteis. Mas tão logo lhe fosse pedido algo que afetasse sua bolsa ou seu negócio, transformava-se no filhote de águia, predador e sem piedade. Aqueles que, no princípio, tinham tentado qualquer coisa, perderam a esperança para sempre.

Morán não fazia parte de tal grupo. E já por seu modo de ser, já por respeito à sua cultura — um império fatal, mesmo no fundo da floresta —, Salvador sentia por Morán um afeto especial, que este correspondia com as reservas do caso.

Nos lugares distantes da civilização, os homens caráter forte chegam a se estimar. Salvador e Morán bem sabiam a profundidade do abismo que, ao menor choque, haveria de se abrir entre ambos, mas, nas fronteiras primitivas, o trabalho árduo e o calor induzem a alma à conciliação.

A presença de Morán no bar agradou a todos. Eram apreciadas pelos moradores sua dedicação ao trabalho e sua discricção à toda prova. Mas nas brincadeiras a que de bom grado se submetia, sempre se notava um abismo intransponível entre ele e os de Iviraromí, abismo que eles respeitavam, até por intuir que havia a mesma distância entre Morán e os Iníquez, apesar dos ares que estes assumiam.

No afeto de Salvador e sua família por Morán pesavam os conhecimentos adquiridos por este em seus três anos de observação e experiências constantes no cultivo da erva. Qualquer homem, com uma pá de corte e uma enxada, aprende em três anos mais agricultura do que a que pode lhe ensinar uma centena de textos com diagramas sobre a germinação a 1/1000. Somados ainda o faro silvestre de Morán e uma chispa de imaginação para entrever o que acontece debaixo da terra, tem-se o proveito que o jovem Iníquez esperava obter com seu abraço de boas-vindas.

— Escrevi para teu endereço de Buenos Aires — disse ele a Morán —, mas não recebi nem uma linha de resposta.

— Eu não estava num bom momento. Mas isso não impede que sintas um grande prazer em te ver.

— Obrigado. Faremos, certamente, grandes partidas de xadrez. E tua erva? Me disseram que está abandonada.

— Um pouco, não muito...

— Gostaria de ver o resultado. Vamos dar uma olhada amanhã?

— Pode ser. Assim já vejo como anda aquilo — assentiu Morán, ao mesmo tempo em que dizia consigo: “Agora sei por que, anteontem, foste lá me cumprimentar...”

Os parceiros de bar não eram gente fora do comum, mas um deles entendia de cana de açúcar, outro de abelhas nativas, aquele de caça no mato, aquele outro de guabiobas”: eram especialistas em todas as coisas que interessavam a Morán, cujo principal mérito naquelas práticas consistia na profunda e sincera atenção que prestava — o que acabava por vencer a reserva indígena do interlocutor.

Jogava-se muito o xadrez e os gracejos eram passáveis, mas o tema constante, a preocupação e a paixão era o cultivo da erva-mate, ao qual, em maior ou menor escala, todos estavam ligados.

V

— Na tarde seguinte, Salvador cavalgou até a casa de Morán, e ambos, a pé, foram ver o erval afogado num macegal inextricável.

Salvador olhou tudo, afastou com o rebenque a vegetação que ocultava os caules e perguntou a Morán se estava satisfeito com seu método.

— Depende — disse Morán. — Tu tens pressa de obter rendimentos de tuas plantas. Eu não.

— Mas, ainda que não se tenha pressa — observou Salvador —, só há um modo de cuidar: livrando as plantas das ervas daninhas.

— Quem sabe? Nem sempre o rápido crescimento do broto é sinal de saudável e longa vida — disse Morán, contemplando sua plantação.

Salvador nada objetou, não costumava fazê-lo quando Morán encarava a agricultura desse modo. Não acreditava no que ele dizia, mas tampouco considerava perdida a tarde, pois pudera ouvi-lo e ver seu erval.

Voltaram.

— Lá em casa estamos te esperando — lembrou Salvador, ao despedir-se. — Mamãe tem muita vontade de te ver.

— Ontem me disseram que Pablo volta de Lima casado. É verdade? — perguntou Morán, sem responder ao convite de Salvador.

— Sim, deve voltar no fim do julho. Então, vais lá amanhã? Mamãe quer que jantes conosco.

— Vou — disse Morán, depois de um momento. E após outra pausa: — Talvez fosse melhor eu passar um tempo sem ver ninguém... Mas vou, sem falta. Vocês costumam jantar tarde?

— Sim, mas a qualquer hora que vieres darás um grande prazer à mamãe e às meninas. Até amanhã, Morán.

— Até amanhã — respondeu Morán, subindo a passos lentos a colina, com o facão embainhado a tiracolo.

A lembrança da senhora de Iníquez era grata a Morán. Sem ter com ela maior intimidade, sentira-a próxima de si nos momentos mais difíceis de sua existência: ela acompanhara, durante um dia inteiro, a agonia de sua esposa.

Morán não recordava grande coisa daquele dia. Tinha passado as horas derradeiras sentado no chão contra uma árvore, ao sol, mas com a alma num mundo de atroz pesadelo. A senhora de Iníquez encarregara-se da casa e preparara o corpo para o velório. Morán só se lembrava concretamente de que, em certo momento, dissera não a um pedido da senhora, que queria colocar um crucifixo sobre o peito da morta.

A amargura de uma dor se irradia como uma mancha sobre aqueles que a testemunham, por isso a resistência de Morán ao convite de Salvador. Apesar de que — pensava Morán, ao entrar em casa — a devoção da dama, naquelas circunstâncias, era prova de bom coração. E prometeu-se que, no dia seguinte, iria de bom grado visitar os Iníquez.

O que havia de mais bonito na casa dos Iníguez era o living-room. Comunicava-se por três lados com os quartos. No outro, uma parede de vidro o separava da mata virgem. Dentro de casa predominavam as luzes e o conforto da civilização.

Morán, que jantava normalmente ao cair da noite, chegou às oito e meia, sem que ali nem se cogitasse de sentar à mesa. Os rapazes, pela hora que deixavam o trabalho, passando depois no bar, tinham imposto tal costume.

A senhora de Iníguez, alta e trajando uma eterna bata, possuía uma graça especial para erguer a cabeça, pequena como a de seus filhos. Recebeu Morán com um afeto tão sincero que o comoveu.

— Já havíamos dito a Salvador — exclamou, com os esses melosos e os agás um tanto aspirados de seu trópico —, se Morán não vier em seguida, não o perdoaremos. Senhor! Chegar aqui e não avisar o nosso Salvador! Agora o temos e vai nos prometer vir todas as semanas para jantar. Não é, Salvador?

— Já conversei com Morán — disse Salvador, secamente e sem voltar a cabeça, como desejando dar ponto final àquelas gentilezas.

Essas respostas esquivas e terminantes eram uma das modalidades com que o jovem Salvador impunha sua tirania no âmbito familiar.

— E tu, Marta? Esta é a nossa Marta, Morán, que cresceu um pouco mais depois que foste embora.

A jovem Marta, que passava no hall, sorriu para Morán sem timidez e sem perturbar-se. Era muito alta, mas de uma elegância tal para caminhar — peculiaridade dos Iníguez — que a estatura lhe assentava bem.

— E Magdalena? — perguntou Morán. — Certamente cresceu também.

— Ah, muito pouco. Mas ganhou mais corpo. — Onde ela está? — perguntou Salvador.

— Onde estaria? Com sua Adelfa, que desde que adoeceu não faz outra coisa senão chamar pela madrinha.

E a Morán:

— É uma negrinha órfã que nossa Magdalena recolheu. Deu-lhe o nome de Adelfa. Acreditas? Ela só vê pelos olhos da minha filha.

Faz duas horas que Magdalena está lá. Magdalena é muito boazinha.

— Sim, é muito bobinha — cortou Salvador.

— Por que dizes que ela é bobinha? Porque te lembras de chamá-la quando estás doente e te enfureces enquanto ela não chega? Não acredita nele, Morán. Ele é louco por Magdalena. Olha só, aí está ela. Filha, te lembras de Morán?

A jovem, que desde o corredor fixara o olhar em Morán, avançava na direção dele, tão à vontade quanto a irmã.

— Claro, mamãe — disse ela, com um sorriso franco e estendendo a mão.

— Como achas que ela está? — perguntou a mãe. — Muito bem — limitou-se a responder Morán. Sentaram-se à mesa, por fim.

Se fisicamente a família não havia mudado, o mesmo não se podia dizer da caçula dos Iníquez. Morán lembrava-se de uma garotinha magrela e comprida, encontrava agora uma mulher completa. E pensou: a crisálida se transformara em mariposa. Unicamente essa velha imagem podia expressar o que ocorrera com Magdalena.

— Me diz se não é um espanto — dizia a senhora a Morán, que observava Magdalena atentamente. — Te lembras dos D'Alkaine, que passaram dez dias conosco na época em que ainda estavas aqui? Vieram nos visitar no mês passado e não reconheceram minha formosa Magdalena. Ouviste só, filhinha? Morán, mesmo sendo quem é, não te reconheceria se te visse na rua.

— De fato — confirmou Morán, e virou-se para Salvador: — Como se chama o naturalista que ontem mencionaste?

— Ekdal. Halvard Ekdal. É norueguês ou coisa parecida.

— Conheço esse nome.

— Eles vieram do Sul. Viveram muitos anos nos lagos. Acho que vão se dar bem contigo.

— Certamente que sim — interveio a senhora. — Já havíamos comentado: que pena que Morán não está aqui para conversar com Ekdal, ele que é tão habilidoso.

— É casado? — perguntou Morán.

— Sim, com uma excelente mulherzinha. Acho que sabe tanto quanto ele. É um pouco estranha, não é, Marta?

— Pouco não, muito — disse a moça.

— E tu? — Morán voltara-se para Magdalena. — Também achas que ela é estranha?

— Gosto muito dela — respondeu Magdalena. — É uma pessoa boníssima.

— Mas montar a cavalo como um homem é algo muito estranho — objetou a irmã.

— É costume entre eles. E não é tão incomum...

— Aqui é. E aqueles borzeguins, quase tão grandes quanto os de seu marido...

— Não sei se há algum mal nisso. O que sei é que é muito boa com todos e conosco.

— Lá vem ela com sua bondade — disse Salvador. — Para ela, ninguém é ruim.

A moça sorriu.

— E eu? — perguntou Morán. — Na tua opinião, sou um homem bom?

Magdalena deixou de rir, olhando para Morán com surpresa. A mãe e Marta trocaram uma piscadela.

“O que há com essa gente?”, perguntou-se Morán, olhando insistentemente para Magdalena.

— Vamos, filhinha — disse a senhora, animando-a, como se anima uma criança a dizer algo engraçado. — Responde o que Morán te perguntou.

— Agora, na frente dele — apoiou Marta. Magdalena tornou a olhar para Morán com o mesmo ar de espantada surpresa.

— Ora, filhinha, não é preciso fazer esse ar de assombro. Não há mal nenhum, graças a Deus. Morán, sabes que és o herói da minha filhinha? O homem perfeito. Não é, Marta?

— É isso mesmo.

— Mamãe! — suplicou Magdalena.

— Sim, filhinha, não disseste isso umas cem vezes? Quantas vezes fizeste a defesa de teu grande amigo Morán?

— Minha defesa? — perguntou Morán, interessado. Fez-se um brusco silêncio. Ninguém sorria mais.

— Mamãe, chega de bobagens — disse Salvador. — Se é para isso que desejavam tanto a visita de Morán...

A senhora reagiu:

— E tu, por que isso agora? Vivemos aqui nesse fim de mundo, e quando nos permitimos um momento de expansão com um amigo tão provado como Morán, te saís com essa...

— Está bem, mamãe, as bobagens são minhas — assentiu o jovem, conciliador. E oferecendo a fruteira a Morán: — Tinhas uma teoria a respeito da plantação de bananas, se bem me lembro...

E a conversa, voltando ao terreno agrícola, sempre grato na região, fluiu sem parar até Morán despedir-se.

VI

— Durante uma semana Morán não saiu de casa. Aproveitou as noites frias para pôr em ordem certo setor de sua oficina, cujos frascos sem rótulo e boiões dessecados por dois verões consecutivos deram muito trabalho antes de retornar aos seus respectivos lugares.

Decidiu, por fim, visitar Ekdal, o naturalista, de quem já ouvira falar em Buenos Aires.

Achou-o em pleno mato, embora a distância entre a casa dele e o bar das ruínas" não passasse de uma quadra. Alguém tinha construído ali um chalé que podia ser considerado luxuoso, se comparado com as construções daquele tipo na região. Nele se instalara Ekdal com a esposa, jovem como ele e que, como já se sabe, usava borzeguins em suas caminhadas e montava como homem.

Eram noruegueses e achavam que Misiones era o lugar ideal para viver. O chalé tinha três peças. Uma lhes servia de living-room, a outra de quarto de dormir, e a terceira, menor, era repartida: metade laboratório, metade banheiro.

Fisicamente, o naturalista personificava o norueguês clássico: muito alto, muito louro e com um olhar infantil. A mulher, no entanto, tinha a tez cor de mate e cabelos e olhos negros. Causava

espécie ouvir aquela jovem de aparência tropical falando alegremente em norueguês.

Com meia hora de visita, Morán já agradecia ao destino por ter trazido Ekdal a Iviraromí. Morán sentia grande encanto pela ingenuidade nas mulheres e mais ainda nos homens. Ekdal, debaixo de sua vasta cultura, era a ingenuidade em pessoa. Aquilo que Morán possuía de sisudo e impenetrável para o comum das gentes, desvanecia-se diante de uma alma assim, dando lugar à candura infantil que guardava zelosamente sob seu duro aspecto.

Como Morán se interessava pelas ciências naturais, somou essa semelhança de gostos às afinidades de espírito mutuamente descobertas, e voltou para casa, na noite clara e fria, prometendo-se não desperdiçar aquela ocasião de aprender algo do muito que ignorava.

VII

— De fato, a amizade entre Morán e os Ekdal foi selada já no instante em que se conheceram. De dia, Morán passava longas horas entre os pensionistas zoológicos das mais diversas espécies com que Ekdal se entretinha. À noite, conversavam até cansar, à luz do álcool carbonado.

Naturalmente, também ali estava presente a influência da erva-mate, e o próprio Ekdal, embora fosse zoólogo, enfronhara-se no seu cultivo. O norueguês contou a Morán um caso ocorrido com os Iníquez, meses antes, numa de suas plantações.

Em certa tarde, conversando com o mais velho dos Iníquez, Ekdal aludira à possibilidade de que, qualquer dia, as sementeiras de erva — entre as quais se achavam na ocasião — viessem a ser atacadas por uma praga que ainda não se anunciara, mas cujos prejuízos seriam incalculáveis.

— Por que teríamos essa praga? — retrucara Pablo. — Essas sementeiras estão perfeitamente sãs.

— Porque é a lei natural, quando se acumulam elementos orgânicos em desproporção com seu regime de vida. Acho que deveriam preveni-la.

— Ah, sim? E como?

— Eu não saberia dizer, mas seria, decerto, como usualmente se previnem essas coisas. Cultivos de casos isolados, análises de laboratório, etc.

— E isso custaria, claro, um balaio de dinheiro... — Sem dúvida.

— E para prevenir uma praga da qual não temos nem sinal, gastaríamos quatro, oito ou dez mil pesos com químicos e... Ia dizer: naturalistas. Mas se contivera, rindo: — Em minha terra, conheci engenheiros-agrônomos com a bolsa cheia de tubos de ensaio e que não sabiam plantar uma cebola...

— É verdade — dissera Ekdal, tranquilo —, às vezes a gente encontra homens assim.

E sem falar mais no assunto, continuara sua caminhada com Pablo Iníguez, à sombra das coberturas que mantinham umidade constante nos dois hectares de sementeiras de erva-mate.

Em certa noite, um mês depois, o mesmo Pablo detivera seu cavalo diante do chalé de Ekdal, pedindo-lhe um remédio para manchas de fungos que tinham aparecido nas sementeiras. Ekdal respondera que a cal costumava ser eficiente no tratamento de fungos. Pablo se retirara, visivelmente satisfeito com o custo reduzido do remédio... e da consulta.

— E sabe o que aconteceu? — concluiu Ekdal. — Ele borrifou com cal as manchas e boa parte de seu contorno, como eu havia recomendado. Mas com cal viva! Cal viva sobre plantinhas de quatro dias!

Morán deu uma risada, com a satisfação que sempre tinha quando os Iníguez fracassavam ante fenômenos superiores à sua seca e árida inteligência. Contratar peões por duas colheres de banha rançosa e exigir-lhes o máximo de trabalho: esse era o forte dos rapazes.

— Todos eles são iguais — apoiou Inés, erguendo sua bela testa, realçada por duas mechas dos cabelos de ébano que ela conseguia

manter sempre úmidos. — Se não fosse por Magdalena, não valeria a pena tratar com essa gente. É a única que presta.

— Também tenho essa impressão — disse Morán.

— Teu conhecimento deles é anterior ao nosso, deves saber muito bem como eles são.

— Sim, mas Magdalena era uma criança quando fui embora, mal a conhecia.

— Ela se lembra muito bem de ti.

— Pode ser... Minha opinião sobre ela é igual à de vocês.

— Não é uma opinião nossa. Todos pensam assim.

VIII

— Se não todos, tinham a mesma opinião as três ou quatro pessoas com as quais Morán conversou nos dias subsequentes. Em Iviraromí não se falava nada sem que o nome dos Iníquez logo viesse à tona.

— Todos foram recortados pela mesma tesoura — dizia um —, mãe, filhos, a filha. Não dá para entender que Magdalena tenha saído da mesma ninhada dessas aves de rapina.

E outro: — A menor condensou aquilo de bom que deveria ter sido repartido entre os cinco membros da família. O resto é deles.

Esse conceito da caçula dos Iníquez também era forte entre os humildes.

— Como ela é boazinha — dizia uma excelente velha, que Morán consultava sobre variedades de mandioca. — Coração de ouro, é o que lhe digo. É a minha pombinha, Dom Morán. Os outros são filhos do diabo. Morán, portanto, já se achava suficientemente informado sobre Magdalena, quando, em certa noite, chegou à casa dos Iníquez para jantar, justamente no momento em que a família terminava de fazê-lo. Desculpou-se pela hora tardia: estava voltando, a cavalo e sem relógio, da confluência do Isondú. A noite o surpreendera no caminho.

— Ora, ora, Morán, te senta logo aí — disse a senhora. — E de castigo, vais comer mal. Imagina, se perder de casa desse jeito! E tu, Magdalena, filhinha, vai à cozinha e vê o que temos para oferecer.

Magdalena, com pressa, foi transmitir as ordens maternas. A empregada trouxe os pratos, mas quem serviu Morán foi Magdalena.

— Não incomodo? — perguntou Morán, olhando-a.

— De modo algum — respondeu a jovem. — É um prazer te servir.

Sustentava abertamente o olhar de Morán, que sorria.

— Filhinha — tornou a mãe —, Morán vai pagar com juro o que hoje fazes por ele. Morán, estivemos pensando que poderias lembrar a Magdalena o inglês que ela quase já esqueceu. Para essas coisas, é tão preguiçosa...

— Eu não sou preguiçosa, mamãe — riu-se a jovem, sentando-se numa poltrona, enquanto esperava tranquilamente que Morán terminasse de comer.

— Não, não és. Mas por que não queres retomar teus livros de inglês? É o que tenho dito sempre: tomara que minha Magdalena se case com um homem que só fale com ela em inglês.

Morán, que já ia se oferecer como professor, conteve-se.

— Depois falaremos sobre isso, Morán — disse a senhora —, agora estamos muito atarefados com a chegada do meu Pablo e sua mulher. Ai, que vontade que tenho de abraçá-los. Não sei se sabes, ela é nossa sobrinha. Quando pequeninha, perdeu a mãe e a irmãzinha num terremoto. Que horror aquilo, Morán! A pobre mãe morreu abraçada ao seu nenê, debaixo do berço, onde tinham ido parar com os tremores. E a criança, meu Deus, morreu sem batismo!

— Não te preocupa, mamãe — disse Magdalena —, ela está com os anjos.

Morán a olhou. Embora conhecesse o espírito religioso da família — cego, fechado e conventual na mãe —, não imaginava que uma jovem da época levasse tão longe e tão para trás no tempo a sua fé católica. O tom convicto de Magdalena o surpreendera.

— Acreditas nos anjos? — perguntou Morán.

— Acredito — ela respondeu.

Morán teria gostado de continuar, mas naquele instante entravam Marta e Salvador, que estavam voltando de uma rápida visita à casa de Ekdal. Pouco depois Morán se retirava, prometendo voltar em breve para ajudar na organização da recepção festiva a Pablo e sua esposa.

IX

— Mas Morán tinha um problema mais sério para resolver consigo mesmo. Até aquele momento ele não quisera pensar na comoção que a menor dos Iníquez lhe causara. Tinha de decidir-se, contudo. A imagem de Magdalena vinha à sua lembrança com uma frequência tal que, sem chegar a interromper o vaivém habitual da vida, acompanhava-o em todos os trabalhos a que se dedicava.

Sua conclusão mais categórica a respeito dos Iníquez era a de que Magdalena era um capítulo à parte. Inés Ekdal, os plantadores, a velha das mandiocas, todos estavam de acordo: Magdalena tinha o nome e o sangue dos Iníquez por uma ironia do destino.

Afora isso, o que mais o tocava eram os olhos de Magdalena, de uma formosura aveludada sem igual. Mas era no modo de olhar, na sua expressão intensa de espera e destino ainda não encontrado, que residia sua misteriosa sedução.

“O destino ainda não encontrado... esta é a questão”, dizia-se Morán, enquanto perfurava um moirão de alambrado. “Uma Iníquez não difundiria aquele aroma de bondade e nem olharia daquele modo, se o seu destino já estivesse traçado...”

Morán lembrou então — reviveu, como se daquela tarde não tivessem passado mil anos —, a interminável fixidez com que Magdalena olhara para sua mulher, quando, um dia antes da morte dela, ele a levara para fora, esperando que aquilo a ajudasse a respirar. E lembrou também o assombro com que Magdalena o seguira, quando, ao entardecer, ele erguera Lucila nos braços, carregando-a para dentro de casa.

Morán, depois, não tinha pensado mais naquilo, mas agora transportava aquela expressão da menina para os olhos da mulher atual, e ficava pensando, pensando, sem deixar de forcejar com a pua.

Ao mesmo tempo, recordava-se de Magdalena a confiar nos anjos. Para acreditar neles era preciso que se tivesse uma inteligência modesta, pura em sua cegueira. Assim era a de Magdalena, como já percebera noutras circunstâncias. E essa incompreensão serena, debaixo daquele coração de ouro, era mais do que bastante para enternecer um homem como Morán.

Noutra época, noutro ambiente mais afastado de seu drama sentimental, Morán teria prestado mais atenção àquilo que seu coração só se atrevia a sussurrar. Se nos momentos atuais sua consciência jazia tranquila, tão logo a provocasse haveriam de surgir, como borra remexida, aquelas graves acusações passadas contra si mesmo. Não se considerava incapaz de amar, mas de fazer-se amar. Por isso fechava os olhos às doces ilusões que, vagamente, começavam a refrescar sua alma.

X

— No curso de junho e julho, viu assiduamente os Iníquez, na casa deles ou na de Ekdal, que aqueles visitavam com frequência.

Nos focos de vida distantes da civilização, as gentes de casta privilegiada se unem forçosamente. Pode ocorrer que não se estimem, não se queiram, mas, para as indispensáveis atividades sociais, as aparências de cordialidade bastam.

Naquele inverno, os Iníquez, os Ekdal, Morán e outros se reuniram várias vezes, geralmente à tarde, quando saíam a caminhar nos frios e belos dias de sol, mas não raro à noite, na casa dos Iníquez, onde a presença de Morán se tornara fundamental. Para a senhora, sem ele não havia reunião completa. Sua chegada era esperada com impaciência, como se apenas o aparecimento daquele homem de passo firme e rosto bronzeado pudesse dar calor

à casa. E quando um mês depois, no dia da grande festa, Morán se distraiu em sua oficina e demorou-se além da conta, um negro dos Iníguez e um agente da polícia, um após o outro, vieram reclamar sua presença.

As lições de inglês não tinham começado. Os livros que Morán emprestava para Magdalena eram devolvidos com um comentário invariável: “Divino, fiquei encantada”. Até então, não haviam conversado a sós nem meio minuto, mas ele intuía as causas do súbito apreço de Magdalena às reuniões e aos passeios, e não escondia de si mesmo a aurora em que começava a despertar seu coração.

Numa daquelas noites, Morán permaneceu um pouco mais com a família, depois que os outros se retiraram, e foi surpreendido pelo ar de mistério com que Salvador e a mãe sentaram-se diante dele. Contraindo ligeiramente o cenho, mas, às primeiras palavras de Salvador, recobrou a impassibilidade habitual.

Salvador punha à disposição de Morán cinco mil plantinhas de viveiro, para que retomasse a plantação de erva-mate. Para os Iníguez, essas cinco mil plantinhas não representavam grande coisa. Para Morán, representavam muito, pois não tinha sementeiras. E mais: aquilo era um presente.

Morán agradeceu, como cumpria, aquela generosidade sem precedentes, mas recusou. Faltava-lhe terra preparada, faltava-lhe ânimo — alegou qualquer coisa.

“Devem gostar muito de mim”, dizia consigo, ao cruzar a noite gelada na volta para casa. Atrás dele, na distância, brilhava nas trevas uma parede de vidro iluminada. “Se as coisas continuarem desse modo”, concluiu, abrindo o portão, “tudo pode acontecer.”

XI

— Aproximava-se o 30 de julho, quando chegariam Pablo e sua mulher. A expectativa do banquete com que os Iníguez festejariam o

retorno de Pablo parecia ter agitado também os moradores mais humildes, pois naquele

inverno dois ou três bailes foram realizados em datas mais ou menos patrióticas, no salão do bar, com o patrocínio dos plantadores jovens da região.

Os que conheciam o temperamento reservado de Morán se surpreenderam com a presença dele em tais festas, e mais ainda com sua animação ao lado da menina dos Hontou, que por sua vez parecia ter perdido, na companhia de Morán, seu característico orgulho de casta.

Os Hontou pertenciam a uma antiga família paraguaia que, nos primeiros anos das plantações de erva-mate, instalara-se em Iviraromí. Sempre tinham sido pobres. Os três rapazes trabalhavam por dia nos ervais, as duas moças e a mãe cultivavam um quarto de hectare e, compenetradamente, lavavam a própria roupa. No entanto, jamais haviam abandonado o ar de pessoas de casta. Conservavam peculiaridades da aristocracia rural, muito visíveis na seriedade dos varões para tratar e trabalhar, na arrumação da casa, na multiplicidade de pequenas indústrias domésticas que supriam quase todas as necessidades, no sentimento do lar e de independência que foi perdido quase integralmente pela classe operária do Nordeste.

Compunham a família Dona Asunción, a mãe viúva, e os filhos Roberto, Etién, Miguel, Eduvigis e Alicia. Ignorava-se o que queria dizer Etién. Provavelmente Etienne, em remotos tempos.

A casinha dos Hontou era frequentada pelos amigos dos rapazes, também por funcionários e jovens plantadores que, indo por Alicia, terminavam se contentando com a irmã mais velha. De Alicia, os pretendentes desalentados diziam que pateava como uma mula, por causa da terminante brevidade de suas negativas, que não deixavam esperança alguma. Comentavam-se algumas coisas a respeito dela, sabe-se lá se com fundamento. O certo é que não era presa fácil.

Morán, por seu modo de ser, por seu amor ao trabalho e as árduas tarefas solitárias que o equiparavam a qualquer peão, gozava de simpatias gerais entre as classes pobres. Conscientes da distância que as separava dele, eram-lhe gratas por fazer com que se

esquecessem disso — e essa circunstância, ao invés de diminuir o respeito que lhe tributavam, inspirava nelas um carinhoso afeto.”

No passado, Roberto e Miguel tinham trabalhado no pequeno erval de Morán. Conheciam-se, portanto. E os Hontou estimavam Morán mais do que todos na região. Assim, não era de se estranhar o prazer que Alicia sentia ao seu lado.

Dois anos antes ela era já muito bonita. Agora, sua sedução era quase irresistível e isso acentuava a altivez de sua fisionomia quando se sentia observada.**

Mas, como ocorre com frequência em rostos altivos, nada era comparável à sua doçura quando sorria — doçura da boca, das faces, dos olhos rasgados. Acariciava, entregava-se toda em ternura ao sorrir. E era tão vivo esse encanto que Morán quase não ouvia o que ela falava e tinha de sorrir também.

— E então, Dom Morán — disse Roberto Hontou ao despedir-se, já de madrugada, para levar as irmãs em casa —, vamos ver se agora o senhor aparece.

— Vou aparecer — disse Morán. E para Alicia: — E tu? Queres que eu vá?

A moça, de perfil para Morán e com uma expressão sobranceira, voltou-se, fitando-o.

— Eu não... — mas seu sorriso doce dizia sim.

A neblina era forte e gelada. Morán retirou-se pouco depois e, a cem metros, foi alcançado por Salvador.

o frio mordida as orelhas e eles apressaram o passo.

— Te vimos com Alicia — disse Salvador. — Hoje ela estava diferente.

— Parece muito orgulhosa — observou Morán.

— Demais. E pateia como uma mula.

Morán sorriu dentro da gola erguida do capote.

Salvador, decerto, falava por experiência própria...

Mudaram de assunto e um instante depois Morán prosseguiu sozinho a caminho de casa, ainda muito agitado com a lembrança de Alicia.

Mas não foi vê-la no dia seguinte, nem no outro, nem ao longo da semana. Na tarde posterior ao baile veio à sua casa Adelfa, a

negrinha recolhida pelos Iníguez, trazendo um livro remetido por Magdalena. Morán o abriu e encontrou um bilhete. Magdalena devolveu o romance “encantador”, embora não tanto quanto as horas que ele teria passado no bar...

Se em Iviraromí as classes humildes se ocupavam do que acontecia nas castas superiores, estas, por sua vez, ocupavam-se do que acontecia com aquelas. A senhora de Iníguez, sobretudo, na sua condição de protetora de negros, interessava-se por tudo que dizia respeito às famílias dos peões. Era evidente que Salvador tinha comentado em casa o baile da noite anterior.

O tom da carta era de brincadeira, mas Morán percebeu que escondia um sentimento e ficou satisfeito. Naquela mesma noite foi à casa dos Iníguez e, ao primeiro olhar de Magdalena, notou que ela também esperava vê-lo.

Pelo resto da noite, no entanto, mantiveram seus comportamentos habituais. Morán, homem feito e com mais de um drama em sua vida, satisfazia-se com a ilusão de ser o “homem perfeito” de Magdalena. Não desejava mais, tampouco queria saber mais. Quando, na conversa, ambos coincidiam numa opinião, quando se surpreendiam um junto do outro ou, numa recorrida geral de rostos, seus olhares se encontravam, um brilho inequívoco denunciava os mútuos sentimentos, mas Morán se sentia feliz demais com o que já tinha para exigir qualquer progresso.

Nessa noite, também os Ekdal estavam na casa dos Iníguez, a iminência da festa estreitava os laços sociais. Na saída, Morán acompanhou o casal, conversando sobre os preparativos.

— Sabes como será a iluminação de que tanto se fala? — perguntou Inés Ekdal.

— Doze lanterninhas chinesas, penduradas no caminho do portão para a casa. Doze lanterninhas! Uf! Que gente!

— É interessante — disse Morán.

— Achas? Isso porque és homem e não observas os detalhes...

— Inés — murmurou Ekdal. A jovem pôs-se a rir.

— Ora, Halvard, não estou dizendo nada demais. Não vou ficar cega a respeito deles só porque gosto de Magdalena. E tem mais, elas costumam rir de mim por que, quando estou de sapatos, cuido

para não pisar no barro... Doze lanterninhas de trinta centavos cada uma, Morán! Ai, vou me divertir a valer.

— Muitos convidados?

— Todos os que frequentam a casa. E outros mais de Guazatumba, para que fiquem deslumbrados...

— Os rapazes vão reclamar de tantos gastos...

— Tomara — disse Inés, contente, agarrando-se ao ombro do marido para saltar uma poça d'água.

XIII

— Chegou, por fim, o 30 de julho. O dia todo Morán passou no mato. De volta ao chalé, ainda não tinha acabado de vestir-se quando vieram chamá-lo.

De longe, viu as míseras lanterninhas nos dois lados do caminho, a quinze ou vinte metros uma da outra. E viu também, ao dobrar a esquina da quinta, umas quantas mulheres humildes com os filhos nos braços, que admiravam, à distância, as sombras projetadas na parede de vidro.

O atraso de Morán não causou nenhum transtorno. O banquete só começaria às onze, quando chegassem os recém-casados.

— Vê só o tino da senhora — disse Inés Ekdal, ao ouvido de Morán. — Pablo e sua mulher vão chegar cansadíssimos, depois de vinte dias de viagem contínua,

e ela inventa uma festa para vinte convidados que a noiva não conhece. Para terminar de matá-la, um banquete à meia-noite. E com a cara que a pobre deve estar... Tenho pena dela!

Inés poderia ter ido mais longe em sua profecia: a jovem esposa desmaiou durante o banquete. Mas a festa não se interrompeu, prolongando-se até seis da manhã.

Caía um chuvisco gelado quando os convidados se retiraram. Andando com largas passadas, Morán recordava não mais do que três coisas daquelas luzes e daqueles risos: o olhar de Magdalena, quando ela apareceu no hall e prontamente o descobriu entre vinte

e tantas pessoas misturadas; o fato de tê-la ao seu lado na mesa; a felicidade por ter conversado com ela a sós durante dez minutos — uma conversa genérica, sem rumo —, ambos com as cabeças apoiadas na parede de vidro.

XIV

— A alegria de amar possibilita que se encontre distração em temas aborrecidos e, ao mesmo tempo, estimula o enfrentamento de situações que, noutras circunstâncias, exigiriam uma atitude mais prudente.

Morán não concordava em tudo com Ekdal, mas sentia tal estima pela boa fé daquele homem para pensar, trabalhar e viver que, muitas vezes, dava-lhe razão apenas para não correr o risco de magoá-lo.

Muito mais viva era sua intimidade com Inés, animada por mexericos sociais que, normalmente, não o interessariam, mas que agora interessavam, já que, de alguma forma, se relacionavam com as inquietudes de seu coração.

Inés, por sua vez, não podia falar com ninguém, exceto seu amigo, com a liberdade de pensamento e de opiniões peculiar à sua origem nórdica e à sua educação: a mesma educação que a fazia ir ao encontro de Morán com um sorriso que começava no caminho e não terminava antes de apertar-lhe a mão — ainda que Ekdal não estivesse em casa.

— Vem tomar chá amanhã — disse-lhe Inés, numa dessas ocasiões. — Os Iníquez também vêm.

Não teria passado despercebido a Inés o entendimento entre Magdalena e Morán, na noite do banquete. Mas ela não era do tipo que faz insinuações para provocar uma confissão. Como Morán nada disse, ela nada comentou.

— Não vou faltar — disse Morán. — E Ekdal?

— Foi deitar-se um pouco, está muito cansado. Trabalhou desde cedo com nem sei quantos animais.

— Não foram baratas, presumo.

— Oh, não, dessa vez não — disse Inés, sorrindo.

O gracejo se explicava: Ekdal encarregara todos os peões e crianças de Iviraromí de recolher quantos animais encontrassem. Por cada cem baratas do mato, por exemplo, pagava vinte centavos. E as baratas, abundantes debaixo de cada pedra ou de cada tronco apodrecido, chegavam aos milhares, todas iguais, ao chalé do naturalista: tinha ele a paciente esperança de encontrar uma barata, talvez a de número 10.000.000, cuja espécie ainda não estivesse catalogada.

Morán se levantou.

— Fica um pouco mais — pediu Inés. — Mas Ekdal está dormindo...

— Não, não estou — interveio este, da peça ao lado. — Estou apenas descansando.

— Vamos sair um pouco, Halvard — avisou Inés ao marido. E a Morán: — A noite está agradável.

Levando cadeirinhas de vime, foram sentar-se junto ao cercado do tapir, um areal sem jaula que, à luz da lua, brilhava como um pequeno deserto.

A noite, realmente, era aprazível, silenciosa. A vinte metros de ambos se erguia o mato numa sombra densa, só atravessada por escassos raios lunares, que se filtravam obliquamente nas frondes, desciam pelos troncos e iam desenhar no solo manchas de luz gelada. Nenhum movimento no mato, no ar, no homem e na mulher sentados. Pareciam ter vida apenas a lua, como dilatada pelo silêncio, e, com as sombras de Inés e Morán projetadas adiante, muito juntas, o páramo de areia absorvendo sua luz. Dois fantasmas de um grande, antigo e eterno amor poderiam perfeitamente ter marcado encontro ali.

— E pensar que há pessoas que, neste momento, estão num teatro... — murmurou Inés.

— É verdade — disse Morán.

Ficaram mais uma hora ali, conversando.

— Não falta — recomendou Inés, quando Morán se despediu.

— Não, não vou faltar.

Quem faltou no dia seguinte não foi Morán, foi Magdalena.

XV

— Ele prontamente percebeu o motivo daquela ausência: a família não queria que Magdalena o encontrasse — o que ficou comprovado naquela mesma tarde, pela barreira de reserva que a família opôs à sua amizade.

“Adeus, simpatia da senhora”, disse consigo Morán, ao recordar sua condição de favorito. “Agora sou o diabo.”

Não imaginava quão próximo estava da verdade. Nos primeiros tempos, tivera a impressão de que os Iníquez lhe ofereciam Magdalena. As revelações algo insólitas dos sentimentos da jovem, as alusões ao possível marido que ensinasse inglês, o lugar que lhe haviam destinado no banquete... isso e outras coisas. Mas estava equivocado. Ele, Morán, não era considerado pelos Iníquez como um pretendente grato.

Aquela inesperada oposição teve o dom de revelar toda a intensidade de seu amor, que antes estivera correndo o risco de dormir eternamente nos suspiros do conformismo. Ao ser-lhe negada Magdalena, ele, que estava seguro de que a recusa era prerrogativa apenas sua, sentiu pela primeira vez o medo de perdê-la.

O destino não é cego. Suas resoluções inexoráveis obedecem a uma urdidura ainda inalcançável para nós, a uma harmonia superior oculta nas sombras, da qual ainda não podemos nos dar conta. Morán já vivera bastante e Magdalena tinha apenas 17 anos. Mas ele suspeitava de que o destino tinha aberto um caminho exclusivo para os dois e os compelia nessa direção.

Com tal convicção, tanto na hora do café como durante o passeio que se seguiu, não perdeu a calma, nem demonstrou ter notado qualquer modificação no comportamento dos Iníquez. E como queria saber até que ponto chegava aquela oposição, anunciou à senhora sua visita no dia seguinte — para jantar, por certo.

E o fez.

Bastou-lhe entrar na casa e olhar ao redor para perceber que a atmosfera, no que lhe dizia respeito, estava totalmente mudada. Ao perguntar por Magdalena, responderam-lhe que viria em seguida, mas ela só apareceu na hora da janta, quando Morán já não mais esperava vê-la.

Um olhar fugaz foi suficiente para que ambos se sentissem isolados de tudo e de todos, nutridos por uma só e luminosa esperança.

Morán não era homem de suportar uma desfeita como aquela. Salvador sabia disso e não se enganou nem um segundo com a aparente calma de Morán.

“Gente cachorra”, desabafou Morán, quando saiu. “Um dia vão me pagar, todos eles, pelo mau pedaço que hoje tive de passar.”

XVI

— No dia seguinte, Morán passou várias vezes pela estrada, esperando ver Magdalena. Não a viu. E como apostar nas probabilidades dava sempre errado quando seu coração estava em jogo, dirigiu-se naquela noite, a galope, à casa dos Hontou.

Desde a noite do baile não tornara a ver Alicia. No impulso do estado de espírito em que se achava, durante duas horas foi tão amável, tão terno, que Alicia não conseguiu recuperar a altivez habitual: a inesperada felicidade vertia em caudais de seus olhos e sorrisos.

Ao cair da tarde do outro dia, Morán visitou rapidamente os Ekdal, na vã esperança de encontrar Magdalena. À noite foi outra vez à casa dos Hontou, com o beneplácito dos rapazes, que lhe apertaram a mão e se retiraram, e a proteção evidente de Dona Asunción, que sorriu amorosamente para o casal e também se retirou.

Morán passou sete dias completos sem ver Magdalena, e Alicia absorveu, transformado em paixão, o despeito que enchia o coração

dele.

Morán não mentia a si mesmo quando, na companhia de Alicia, sentia que se abriam convulsivamente as afetas de seu nariz. Alicia, para ele, encarnava o desejo, da garganta aos tornozelos. A moça notava essas reações. Mas como o amor e o desejo se expressam pelas mesmas palavras, Alicia, feliz por tê-lo ao seu lado, fechava os olhos àquela confusão.

— Tu não me amas — dizia Morán, desalentado. Alicia só permitia que ele lhe tomasse a mão. E não respondia.

— Se me amasses — ele insistia —, serias boazinha comigo.

Alicia o repreendia, num tom amoroso que não escondia sua tristeza:

— Talvez eu não saiba te amar, Máximo. Decerto é por isso que vais procurar entre os Iníquez quem pode te amar melhor.

Um homem com os sentidos tensos, ao lado de uma mulher desejada intensamente, tem seu coração bloqueado, jacente como debaixo de uma lápide.

— Eu amo só a ti — ele disse, abraçando-a. Alicia livrou-se do abraço.

— Não, não me amas, amas outra. Mas pouco me importa. Eu te amo com toda a minha alma, Máximo, e sabes bem que isso é verdade.

— Mas se me amas — e ele estendeu de novo o braço —, por que resistes tanto?

Outra vez ela se esquivou. Morán, contrariado, ia dizer algo, mas conteve-se. A primeira palavra, no entanto, estava lançada:

— Outro...

Alicia o fitou longamente, confiando-lhe todo o amor que pode expressar um rosto. E com um altivo e amargo sorriso, com um orgulho tão doloroso quanto nobre e amante, disse:

— Mas não eras tu!

Morán recolheu a mão, inerte. Um instante depois se retirava, jurando voltar.

XVII

— Mas não voltou. A impossibilidade de ver Magdalena exasperava seu pessimismo e ele mesmo sabia que, nessas condições, sua companhia era intolerável. “Outra mais”, dizia-se. “Quanto mais maduro um homem, mais facilmente se deixa enganar por uma ranhenta...”

Assim ia pensando na tarde em que, dobrando a esquina da quinta, avistou Marta e Magdalena vindo lentamente pelo caminho crepuscular.

Subitamente, na rapidez com que se passa de uma atroz injustiça a uma louca revelação, desejou ser a terra que os sapatos de Magdalena pisavam. Ia passar por elas e confiou às contingências do encontro a atitude que deveria tomar.

Ao avistá-lo, Marta sorriu ligeiramente. Morán sorriu também e encaminhou-se diretamente para elas, que se detiveram, esperando-o.

As palavras trocadas naquela breve conversação sumiram de sua memória, sem que jamais pudesse recobrá-las. O que ficou, presente e eterno, foi o instante em que Magdalena, aproveitando-se de uma distração de Marta, disse rapidamente, em voz baixa:

— Não me deixam sair mais. Esta noite te espero na janela, a última a contar do saquão.

— A que hora? — Às nove.

Morán cumprimentou as irmãs e seguiu seu caminho. Mas suas mãos! Seus passos! Seus lábios mordidos de solitária felicidade!

“Te espero.” Não dissera: “Está bem, senhor Morán, farei o que me pede”. Tomara a iniciativa: “Te espero”. Jamais Morán tinha visto materializar-se em vida e felicidade, como nessas duas palavras, o ideal de virgem espontaneidade que amava na mulher sobre todas as coisas. Era preciso mais do que amar com secreta paixão um homem para ser capaz de lhe dizer, olhando-o nos olhos: “Te espero”. E quem dissera isso recém abria as pestanas para a luz, não tinha mais do que 17 anos. Ignorava tudo da vida, menos o impulso de seu coração tão puro, que a levava a ter tal grau de intimidade com um homem com o qual falava quase que pela primeira vez.

Somente uma mulher de corpo imaculado e alma sem mancha podia expressar-se assim.

“Aí está teu destino”, pensou ele, com ternura, “raros são no mundo tua sede de bondade e o insondável anseio de teu olhar, Magda minha, luz da minha vida.”

XVIII

— Às nove em ponto daquela noite, Morán estava saindo do mato. Atravessando uma picada lamacenta, aproximou-se da quinta janela, contando do saguão.

— Não me deixam ir à sala quando vens aqui — sussurrou Magdalena. — Na tua última visita fiquei chorando até a hora da janta.

— Como poderemos nos ver?

— Não sei... Aqui, de vez em quando. Mas é perigoso. Eles pensam que vim fechar a janela.

— Minha querida — murmurou Morán, muito baixo.

Magdalena, que falava voltando-se frequentemente para dentro, deteve diante dos olhos dele seu rosto de amor, confiança, beleza e juventude. E sorriu.

— Me amas muito? — Morán quis saber.

— E tu?

— Imensamente!

O rosto dela tornou-se grave, enquanto seus olhos voltavam a adquirir aquela profundidade de um destino que ainda se ignora.

— E me amarás sempre?

A expressão de Morán traduzia sua alma. — Sempre te amarei.

Passou-se um instante. Ela sorriu, por fim, e como a mão de Morán tremesse na tela de arame sobre a grade, Magdalena estendeu a sua. E ele beijou os dedos dela. A jovem recuou.

— Não posso ficar mais...

— Escuta...

— Não, podem nos ver. Amanhã...

— Escuta, só quero te dizer que te adoro.

Magdalena deteve-se um instante, com um sorriso de felicidade. E fechou a janela.

XIX

— Na noite seguinte chovia e o céu de vez em quando se abria em fulgores de luz crua. Magdalena estava assustada.

— Vai logo. Pablo está no escritório e pode nos ver. Não trouxeste o capote? Vai ficar doente...

— Mas precisamos combinar: se nos descobrirem, como vamos nos comunicar? Como posso te escrever?

— Não sei... Ai, estou tão nervosa... Vai logo, pelo amor de Deus!

— Amanhã, então?

— Não sei se vou poder... Eles estão desconfiados. Vai!

— Me dá tua mão.

Morán beijou-lhe os dedos, os traços dela se distenderam naquela suavidade sem defesa e doce da mulher que, do alto, vê o homem que ama curvado sobre suas mãos.

Mas, bruscamente: — Vai, vai, ele está vindo!

Morán olhou e viu um homem alto parado na porta do escritório. Ao afastar-se da janela, ouviu os passos de Pablo — só podia ser ele —, que o seguiam.

O primeiro impulso de Morán foi cruzar a picada em três saltos e entrar no mato. Antes de fazê-lo, contudo, pôde avaliar todas as consequências de uma fuga. Magdalena estivera a conversar com alguém: negar era impossível. Mas com quem? Pablo não podia saber. Se Morán não fosse claramente reconhecido, Pablo poderia supor que Magdalena falava com outro, um peão, talvez. E só de pensar nesse sacrilégio, Morán se entregou. Continuou costeando o mato, sempre seguido por Pablo, ambos à espera de um relâmpago mais demorado que permitisse o reconhecimento. E assim aconteceu. Pablo parou. Morán, agora mais tranquilo, entrou no mato.

XX

— Acabava Morán de levantar-se, na madrugada do outro dia, quando, à meia luz da aurora, viu chegar a negrinha Adelfa. Trazia uma folha de papel, arrancada de uma caderneta.

Pablo nos viu ontem à noite — dizia Magdalena — Passei a noite em desespero. Pablo sentiu-se mal do coração, mamãe estava como louca, Marta e Lucía choravam. Se não te amasse tanto, não sei como teria suportado tanta dor. Mas fica tranquilo. Confia na tua Magda. Quando puder te escreverei de novo, mas não sei se será possível. Mamãe deu ordens severíssimas a todos. Não te inquieta. Tem paciência e venceremos.

Morán respondeu. Às dez chegava outra carta, não pela negrinha, que os Iníquez tinham seguido e obrigado a confessar, mas por um peão do estabelecimento. Magdalena informava sobre a tremenda excitação que reinava em toda a casa, recomendando outra vez que ficasse tranquilo.

E chegou outra carta ainda, ao anoitecer, pela velha das mandiocas, pois o peão também fora descoberto e, na mesma hora, despedido.

Durante três dias, Morán não deixou de receber notícias nas horas mais inesperadas. Os mensageiros se sucediam, um atrás do outro, todos comprados pela menina Magdalena, e todos eles logo descobertos. Morán chegou a achar graça da astúcia diabólica de que se valia aquela virgem para comunicar-se com ele.

Desnecessário dizer que Morán cruzava e recruzava a estrada, a cavalo, a pé, com a esperança sempre frustrada de ver seu amor. Não sofria excessivamente por isso, a revelação do amor de Magdalena era demasiado recente e o mantinha embriagado. Com seus 17 anos, ela lhe dava conselhos de serenidade! Logo a ele! “Não te inquieta... Fica tranquilo...”

A sinceridade, a cordura, a profunda inconsciência de um ser puro alimentavam o amor daquela criança. Como não haveria de

amá-la? Como não haveria de sentir-se grato ao destino por semelhante privilégio? Sua pequena Magda! E como eram profundas, misteriosas, as leis do destino: um homem como ele, de caráter duro e sofrido, era o homem que Magdalena escolhera para oferecer sua pureza e sua fervorosa fé no amor!

XXI

— Causou assombro em Iviraromí que Salvador e Morán já não se falassem, limitando-se a breves cumprimentos. Esse fato, somado à lembrança do lugar preferencial que ocupava Morán no afeto dos Iníquez, e também aos mexericos dos criados, fez com que todos soubessem da tormenta que se desencadeara sobre a casa dos peruanos.

Inés Ekdal foi uma das primeiras a saber da mudança. Morán, de resto, confiou-se inteiramente a ela.

— Como fico contente — disse Inés. — Seria horrível que uma criatura como Magdalena tivesse de passar o resto da vida sufocada por essa gente. Imagina só o ódio que deve estar sentindo a mãe! Tu, Morán, pensavas dissimular o que sentias quando estavas com Magdalena. Mas, sem querer, revelavas tudo, como uma criança. E agora, o que vais fazer?

— Não sei. O que sei é que me sinto profundamente ligado a ela. E não imagino o que possa nos separar. — Bem, quanto aos sentimentos dela não tenho dúvida. Não me disse nada, mas eu sei. Mas como vocês vão se comunicar?

Morán contou-lhe do desfile de mensageiros, todos eles sucessivamente interceptados. E que na casa dos Iníquez, desde o dia anterior, havia ordens terminantes de não se permitir que nenhum estranho se aproximasse de Magdalena.

— Terei de descobrir uma saída. Até amanhã, Inés. À noite passarei aqui para uma rápida visita.

— Até amanhã. Sabes de uma coisa? Dás a impressão de ter não mais do que vinte anos...

Morán sorriu.
— Graças a Deus.

XXII

— Preocupado com a falta de comunicação que os ameaçava, Morán imaginou um meio de resolver o problema: um pedaço de pau qualquer, alisado e sujo até adquirir o aspecto inofensivo daqueles paus que se encontravam pelo chão em todos os lugares, e muito mais na quinta dos Iníquez, que era lindeira com o mato. A diferença era que estaria furado, oco, e poderia conter uma carta enrolada. Um pouco de barro nas extremidades completaria seu trivial aspecto. Também estudou as madeiras que mais se adequavam e escolheu o tartago.

Naquela mesma tarde chegava a última carta de Magdalena, através de outro mensageiro totalmente inesperado. Morán respondeu, indicando o moirão da cerca em cuja base, à noite, deixaria o tubo (convinha chamá-lo assim), e avisando que o recolheria na noite seguinte com a resposta.

Pensou também num gesto, numa palavra conveniente que, pronunciada diante de Magdalena, indicasse a presença de um aliado. Planejou um modo de lhe escrever, aos cuidados da própria família: petitórios dirigidos à senhora por uma pobre mulher qualquer, cujo sentido oculto Magdalena decifraria. Imaginou ainda a figura de um limão impressa no dorso de uma carta supostamente circular, estudando minuciosamente tal procedimento, de modo que a carta parecesse vinda de Buenos Aires, de Lima ou do fim do mundo, e chegou a resolver satisfatoriamente as dificuldades do caso." Depois foi descansar, tranquilo: se seu coração tinha vinte anos, seu espírito os cumprira já fazia muito tempo.

— Conheces a última dos Iníquez? — perguntou Ekdal a Morán, à noite.

— Não, mas não me surpreenderia se tivesse algo a ver com Pablo e seu revólver.

Aludia ao costume aristocrático de Pablo de encostar o revólver na cabeça de um peão, quando o pobre se equivocava ao fazer o transplante de um pezinho de erva.

Agora, no entanto, era Salvador. Decidindo, pela primeira vez, usar a enxada para carpir as veredas do erval, e alegando desconhecer a dimensão e, por isso mesmo, o custo do trabalho, fixara um preço irrisório: algo em torno de quinze pesos por hectare. Os peões ficaram desanimados e Salvador conversara com eles, um por um, do alto do cavalo:

— Vamos fazer uma experiência. Se vocês perderem, será só por esta vez. Teremos serviço de enxada por muitos anos e então o preço será outro.

Tal argumento, reforçado pela elegância do patrão, sempre de luvas, convencera os peões.

Esse serviço de enxada, na época, não custava menos do que quarenta pesos por hectare. Os peões ganharam em fome e miséria da família o que haviam perdido no trabalho. Fora apenas uma experiência, claro, mas Salvador, satisfeitíssimo consigo mesmo, economizara quatro ou cinco mil pesos nos gastos do estabelecimento.

— Ouvi essa história do próprio Salvador — disse Mal. — Ele se vangloriava de sua esperteza. Gostaria de saber de que espécie são os deuses que velam pela alma desse rapaz.

— Esses nós já conhecemos — disse Morán —, mas há outros deuses que em seguida vão mostrar serviço. Conheces o erval de Menheir, reputado como o melhor de Misiones?

— Não, mas gostaria de conhecê-lo.

— Qualquer dia iremos juntos até lá. A plantação de Menheir, extraordinariamente luxuriosa há cinco anos, próspera ainda hoje, será um desastre dentro de dez anos. Para preparar esse desastre velam outros deuses dos Iníquez. Outro dia falaremos sobre esse assunto.

— Isso mesmo, deixem a erva em paz — apoiou Inés. — Viste Magdalena, Morán?

— Não. Não duvido que a mantenham presa.

— Enquanto todos rezam... Só há uma coisa que não gosto em Magdalena: seu fanatismo.

— Magdalena não é fanática.

— Por Deus e pela Virgem, não, mas pela mãe, sim, pela família, pelos costumes que decorrem da falta de cultura dessa gente. Magdalena é a criatura mais santa que até hoje conheci. No entanto, eu não ficaria muito contente de te ver casado com ela.

— Por quê?

— És um deus para ela, mas a mãe é outro deus. Cuidado, Morán.

Morán ficou pensativo. Não era a primeira vez que aquele conflito acudia à sua mente. Se para Magdalena, como dizia Inés, ele era um deus, para a senhora ele era um diabo, sem metáfora. Por seu temperamento, por sua áspera liberdade, por sua cultura, por sua falta de crenças, Morán encarnava, para a mãe, a ciência e a perdição ateias. Isto é, o inferno. Como amigo, pudera gozar do favor da fanática dama. Mas era coisa muito diferente ser admitido na família e, assim, condenar as almas de todos. Isso quanto à senhora. Já os filhotes de águia viam em Morán a ameaça de um cunhado que jamais se submeteria às suas vontades.

— Sim — disse ele —, também já pensei nisso. há motivos superiores...

— Não poderias viver sem ela? É isso?

— Ou, ao menos, sem esperança de que fosse minha. Tens ideia do que seja alguém entrever a redenção de si próprio e de todos os desalentos que se abatem sobre sua vida? Assim é Magdalena para mim.

— E tu, para ela, és o ideal e o sentido de sua vocação. — Acredito que sim. Mas se Magdalena fosse inteligente, a metade do que és, Inés, não me amaria como me ama.

— Certíssimo, Morán — e a jovem pôs-se a rir. — Por sorte, o coração e a vida de Magdalena são inteiramente teus. Acho mesmo que desde que nasceu. Acreditas no destino, Morán?

Os traços do rosto dele se tornaram mais marcados. — Se não acreditasse, já teria me afastado do caminho dela.

Das jaulas do zoo surgiu Ekdal com um quati debaixo do braço. No outro, uma cobra pendurada pela cola. — Quando tiveres um tempo para mim — disse a Morán —, vamos estudar a resistência do quati ao veneno da cobra. Uma hora atrás fiz com que este fosse mordido pela jararaca que aqui está. E ele está tão bem quanto eu e tu.

— Com prazer, Ekdal, quando eu estiver mais tranquilo. Nos dias que correm as cobras estão me assustando. — Isso porque estás construindo teu paraíso — disse Inés, e riu, lançando para trás, como era seu costume, a formosa testa.

XXIII

— A correspondência clandestina prosseguia sem tropeço e assim Morán mantinha-se a par da atmosfera na casa dos Iníguez. Por causa da severa vigilância, não podia deixar seu tubo ao pé do moirão durante o dia.

Levantava-se, então, às três da manhã, e nas mais negras trevas que se podem deparar nas noites de temporal, ia quase às cegas depositar sua carta, certificando-se do caminho tão-só pelo chapinhar de seus pés no barro.

Ainda que tivesse o dom de acordar na hora em que quisesse, sem errar um minuto, Morán passou uma manhã na oficina consertando seu velho despertador. E produzia singular efeito, naquelas altas horas e naquele remoto esconso do mato, ouvir a estridente campainha e logo ver sair um homem da seriedade de Morán, com o capote escorrendo água, levando um tubinho com uma terna carta de amor.

Nem sempre encontrava resposta. Más horas aquelas, como as de certa noite em que, com o tornozelo inchado e dolorido, foi até a casa dos Iníguez em vão e regressou mancando horrivelmente, com uma cara que as meninas de Aureliana jamais gostariam de ver. Mas não cessavam aí suas vicissitudes: mais de uma vez deteve-se à janela de seu idílio, com a louca esperança de que Magdalena

aparecesse. Não a viu nunca. Em troca, ouviu o murmúrio entoado com que a senhora e as filhas, todas as noites, rezavam o terço.

“Inés tem razão”, dizia-se, “a religião não tocou o coração de Magda, mas sepultou sua vontade. No dia em que tiver de se decidir entre a mãe e eu, estou perdido.”

Em breve veria seu temor em parte confirmado. Uma manhã chegou Adelfa com duas cartas de Magdalena. Numa delas, anunciava que dentro de um instante teria de lhe escrever por imposição da mãe. Na outra, pedia devolução de toda a correspondência e se despedia dele para sempre. Sem dizer palavra, Morán entregou as cartas, numa pilha desordenada.

Apesar da advertência prévia de Magdalena, sentiu-se desgostoso. A religião a esmagava e já lhe impusera um duplo jogo: enganar sua mãe com ele e a ambos com sua consciência.

— Tinhas razão — disse Morán naquela noite a Inés, depois de colocá-la a par das novidades.

— Vamos para fora — sugeriu a moça.

Evitando a umidade, foram sentar-se no meio do caminho aberto pelas rodas dos carros, que naqueles dias transportavam galhos verdes de erva.

— Não é essa a questão — disse Inés. — Magdalena ainda não teve chance de trazer à luz sua personalidade. A primeira dificuldade a toma de surpresa. Deixa que se acostume à luta, ainda que seja vencida no começo.

— Mas foste tu mesma que receaste por mim...

— E continuo receando. Mas experimenta nos dar, a mim e a ela, a oportunidade de provar. Entre vocês, latinos, é tão obscura e perigosa a educação da mulher... — e olhando Morán nos olhos, acrescentou: — Te dá conta de como é grande o medo da senhora, levando-a a sequestrar a filha? — Acho que sim.

— Um instinto de paixão e sacrifício como o de Magdalena, no ambiente em que se desenvolveu, resistindo violentamente à deformação, não conhece ao lado do homem amado outro lugar senão seus braços. Queres saber o que eu fazia quinze dias antes de me casar? Passava três dias com Halvard, nós dois sozinhos, numa excursão de verão.

— Não creio que a mãe dela consentisse...

— Nem ela nem ninguém, com essa religião latina. — É o sangue, Inés.

— Não, é a religião. Aqui, a primeira coisa que se nota nas mulheres é a abolição do senso de responsabilidade, que se dissolve na hipocrisia. Educa tua Magda. Podes fazer dela uma grande mulher. Se para a mãe és um diabo, para a filha és um deus... um deus para salvar.

— Assim fosse — disse Morán, mal-humorado.

— Vamos, Morán! Não vês que esse conformismo também é religioso?

Morán não respondeu. Via em sonhos sua Magda criada noutro ambiente, educada de outra maneira. Que felicidade, então, teria sido a sua, com o estímulo dela! E que doçura de compreensão e descanso para sua mente, sob as mãos de uma mulherzinha como ela! Reeducá-la... Inés dizia bem. Magdalena tinha apenas 17 anos! Bruscamente, passou do desalento mais negro à mais clara esperança.

— Inés — e tomou-lhe as duas mãos —, que defeitos tens?

— Eu? Estou cheia deles. Só que não percebes... por causa de teu sangue e de tua educação latina.

— Eu não sou latino.

— Isso é o que pensas. És latino até a medula. Vamos voltar — disse ela, recolhendo a cadeirinha de vime. — Está esfriando bastante.

Em casa, Ekdal trabalhava. Morán se retirou pouco depois, levando de sua conversa com Inés um mundo de ilusões.

XXIV

— Uma semana depois, exasperados pela resistência de Magdalena, os Iníguez a levaram para Buenos Aires. Morán soube um dia antes, pela própria Magdalena.

Fica tranquilo — ela escreveu —, poderão fazer de mim o que quiserem, mas nunca conseguirão que deixe de te amar. Foi isso que eu disse para mamãe. Não me escreve. Eu o farei por todos os correios que vierem, e se chegar um sem que recebas carta, podes ficar certo de que morri, mas não de que te esqueci. Tem confiança na tua Magda, querido, e não te preocupa. Logo voltarei e seremos felizes.

Nessa noite, Morán fez de tudo para ver Magdalena. Montou guarda na janela até altas horas, desejando em desespero vê-la e beijar-lhe as mãos. Uma só vez a avistou, passando na penumbra. A vigilância devia ser extrema para que ela não parasse um instante junto à grade. E ante a ideia de que a família inteira estava à espreita, os olhos e o rosto de Morán se ensombreceram com seus mais duros traços de batalha. Lembrou a palidez de Pablo, no dia seguinte à noite em que fora surpreendido por ele, parando-o no meio da estrada para lhe devolver um mapa em nome de Salvador. E, sentiu, ao mesmo tempo, como era profundo, tenaz, triunfante, seu amor pelo rebento puro e passional daquela velha árvore carcomida de misérias, cálculos e fanatismos.

Da janela da oficina, viu passar o break levando ao porto a senhora de Iníquez e as duas filhas, acompanhadas de Salvador. Seguiu com os olhos o carro que descia o caminho, perdendo-se atrás da curva do mato e reaparecendo por instantes, cada vez mais longe, em duas falhas do arvoredo. Viu partir o vaporzinho, viu-o desaparecer atrás dos areais que cercavam a costa alcantilada, e ficou sozinho, imóvel, mergulhado numa doce melancolia.

XXV

— A agência dos correios de Iviraromí, na época, pertencia um pouco a todos. Eram os plantadores que retiravam dos malotes suas correspondências urgentes. Des de algum tempo antes, Morán tivera o cuidado de chegar sempre cedo à agência, quando os sacos ainda não tinham sido abertos. Ajudava na distribuição, o que lhe permitia

escamotear todas as cartas de Magdalena dirigidas aos seus irmãos, mas que traziam o endereço sublinhado. Tais cartas estavam escritas como se fossem para o destinatário oficial, e se tivessem chegado a tais mãos nada teria sido descoberto. Mas Morán sabia que eram dirigidas a ele mesmo, tinham sido escritas com o pensamento nele, com detalhes e expressões para ele — e isso lhe bastava. Chegavam, claro, outras cartas de Magdalena, mas essas, sem endereço sublinhado, Morán deixava que seguissem para os destinatários.

XXVI

— Morán aproveitou esse mês para fazer alguns trabalhos que negligenciara. Antes de qualquer coisa, promoveu uma limpeza em seu erval, por considerar que os dois anos em que abandonara as plantas às suas próprias forças eram suficiente descanso.

A opinião de Morán sobre o cultivo da erva-mate, tal como era praticado, não era muito otimista. Entendia que estavam forçando as tenras plantinhas a crescer, a assumir rapidamente proporções que, na verdade, podiam alcançar em seu desenvolvimento natural, sem pressa, passo a passo, evitando perigos incidentais, acostumando-se à luta pela sobrevivência, adquirindo a sabedoria da natureza, a fim de chegar mais tarde às grandes lutas da seca e do sol com o organismo adaptado, suficiente e enxuto.

As novas plantações prosperavam, sem dúvida, e o viço extraordinário das jovens plantas conquistava os compradores. Mas aquela exuberância só era obtida à custa de excessivas exigências, tirando-se das plantas, em oito ou dez anos, as reservas de toda sua existência.

Morán já havia observado, em plantações de apenas doze anos, ervas que, pelo tronco achaparrado, pelas deformações, pelos cânceres nos nós, pela perda da casca, pelos tecidos necrosados, apresentavam todos os sintomas da decrepitude. Em apenas dois lustros de sol, de insensata remoção de terra, de podas estimulantes

e exaustivas, uma árvore de crescimento cauteloso, destinada a viver cem anos, fora transformada num arbusto rugoso, a deteriorar-se de senectude aos doze anos.

Os ervais da região sul, plantados na mísera terra do campo aberto, eram os porta-estandartes desse exuberante desenvolvimento infantil. De momento, plantações desse tipo produziam fartas colheitas, mas Morán se perguntava, com pessimismo, o que restaria, em breves anos, daqueles ervais ferozmente exigidos e pessimamente alimentados.

Em Iviraromí as condições variavam, pois a terra de mato e suas grandes reservas de troncos caídos no próprio erval garantiam por longos anos a nutrição das plantas. Não obstante, enquanto se continuasse a asfixiar a erva à razão de mil pés por hectare, a estimular o viço através da poda, a exaurir as plantas pelo esforço da reposição, enquanto se arrancasse sistematicamente a própria vida delas, vale dizer, suas folhas, sem deixar que uma só viesse ao chão para tonificar a terra cansada e faminta, Morán duvidava de que as infinitas pragas típicas do esgotamento permitissem que algum erval viesse a alcançar os trinta anos de vida."***

— Esses são os deuses que velam pelo futuro do jovem Salvador — dizia Morán a Ekdal, enquanto conversavam sobre a matéria. — Se lhe dissermos para não forçar as plantas, rirá do mesmo jeito que riu Pablo, quando o aconselhaste a prevenir as epidemias.

Numa dessas tardes, estando Morán em seu erval, chamou-o um assobio de Inés, que da orla do mato abanava para ele, sorrindo. Estava a cavalo, junto do alambrado, com seus trajes de mocinha do faroeste.

— Bom dia, Morán. Já estás indo embora?

— Não.

— Então espera um pouco, quero dar uma olhada no teu famoso erval.

Com jovial desenvoltura desceu do cavalo, passou sem problemas pelo arame farpado e ultrapassou aos saltos os grandes troncos caídos.

— Ufa, há troncos demais na tua plantação. Bem, agora me explica o que tens feito.

Morán mostrou suas plantas, chamando a atenção de Inés para os caules.

— Muito bem formados. Mas não são finos demais para a idade? Já vi outros mais grossos...

— Sim, como são mais grossas as pessoas obesas. Minhas plantas são sãs.

E para se fazer entender melhor, confiou a Inés as razões que possuía para estar satisfeito com seu erval.

— Entendo — disse ela. — Mas me parece que encaras isso tudo de um ponto de vista muito pessoal. Estás fazendo filosofia, não agricultura.

— Eu? Não, é que sou agricultor, não comerciante.

— Os Iníquez, creio eu, apenas querem obter rapidamente o rendimento de seu dinheiro.

— Eu também quero. Mas trato minhas plantas com carinho. Quando Salvador estava derrubando mil hectares de mato para destapar o erval, disse-lhe que respeitasse as palmeiras, cinco ou seis por hectare não lhe tirariam o sol. Ele respondeu que as palmeiras podiam ser bonitas, mas não rendiam um centavo, e que mais valia uma folhinha de erva do que aqueles penachos inúteis. Sabes no que gastará Salvador, quando fizer fortuna com seu erval? Na reposição, por alto custo, e sob o pretexto de decoração artística, das palmeiras que cortou. Arte, os Iníquez! Mas assim é o mundo.

Inés ficou calada um instante.

— Acho — disse, por fim — que eles procedem como é devido num negócio...

— E de acordo — cortou Morán, ao mesmo tempo em que atirava um pedaço de pau num tucano que passava voando — com as leis biológicas tão caras a Inés Ekdal...

— És um bobo, Morán...

— E tu estás longe de sê-lo, Inesita...

Puseram-se a rir e voltaram juntos, a passo, pelo caminho, que ali subia entre duas muralhas de mato, ela silenciosa, a cavalo, ele a pé ao seu lado, com a camisa encharcada de suor.

XXVII

— Quase no fim daquele mês, Morán foi avisado por Aureliana da presença de duas mulheres no portão.

— O que elas querem?

— Folhas de eucalipto. São as Hontou.

Morán largou a ferramenta que estava usando. De fato, eram Eduvigis e Alicia.

— E então, Dom Morán — disse Eduvigis. Faltavam-lhe dois dentes, mas ela escondia muito bem a falha, sorrindo de lábios fechados. — Nós também queremos folhas de eucalipto. Por que não tem ido lá em casa?

— Ando muito ocupado.

— Ocupado mesmo? — e ela piscou o olho. — Bem, vou colher umas folhas, se me permite...

Alicia e Morán ficaram a sós. A moça o olhou por um longo momento.

— Eu estava te esperando, Máximo... — Ando muito ocupado — repetiu.

Alicia semicerrou os olhos, voltando a cabeça para o lado. Ao vê-la com o corpo de frente e o rosto de perfil, Morán tornou a sentir o frêmito do desejo que, sem querer, ela sempre despertava nele.

— Estão altos os ramos? — perguntou a Eduvigis. — Queres que te ajude?

— Não, obrigada, já colhi o suficiente.

Alicia voltou-se outra vez para Morán, com um débil e sofrido sorriso.

— Não me queres mais?

— Claro que quero — ele rugiu, já incapaz de conter-se.

Se nesse instante a imagem de Magdalena aparecesse diante dos olhos de Morán, ele não a teria visto, encoberta pelo fulgor de felicidade, de alívio, de dor recompensada, que os olhos de Alicia irradiavam.

— Quando vais me ver?

— Hoje mesmo — ele murmurou. Eduvigis já chegava e estendia-lhe a mão. — Então... esperamos vê-lo logo, Dom Morán. —
Certamente.

“Até a noite”, disseram os olhos de Alicia. “Sim, meu desejo”,
garantiram os dele.

Mas Morán não foi. Há sacrifícios da carne que só um homem é capaz de entender.

XXVIII

— Com seu erval em forma, Morán pensou em construir uma quinta canoa, pois as duas primeiras jaziam no fundo do Paraná e as duas últimas tinham desaparecido durante a noite, deixando na praia tão-só um pedaço de corrente cortado a machado. Planejou e desenhou o fundo e as guardas de acordo com as inovações descobertas no uso de dirigíveis e lanchas de carreira, e até pôde contar com o auxílio de Ekdal, que apareceu em certa manhã com cinco filhotes de furão nos bolsos de sua roupa branca, e depois, numa tarde, apareceu de novo com sua mochila de geólogo, para examinar as pedras de ferro mangânico que as meninas de Aureliana usavam para quebrar cocos. Ekdal não entendia muito de fazer canoas, e pouco de remar, mas prometia acompanhar Morán em suas aventuras pelo rio, planos que, enfim, não chegaram a se concretizar.

A construção de uma canoa por um só homem é tarefa demorada. Durante quinze dias Morán não saiu de casa, nem mesmo à noite. Em troca, Ekdal e Inés foram duas ou três vezes tomar chá com ele, sem que Aureliana precisasse se preocupar com nada além da água fervida: Inés preparava o chá e provia a mesa de biscoitos feitos por ela mesma.

Na última tarde:

— Sabes que Magdalena chega na próxima semana? —
perguntou Inés a Morán.

— Sei.

— Imagino que, para ti, o tempo custe a passar.
— Não. Estou tranquilo.
— Pode ser que Halvard volte com elas de Posadas. Ele vai até lá segunda-feira.
— Se precisares qualquer coisa de Posadas... — ofereceu-se Ekdal.
— Obrigado. Nos veremos antes.
— Amanhã? — sugeriu Inés. — Por que não amanhã? São espantosos esses homens com suas canoas.
— Está bem, amanhã.
Morán ficou só, torcendo para trás seus dedos ancilosados pela pressão constante das ferramentas. E logo voltou para a oficina.

XXIX

Ekdal, na segunda-feira, tinha ido a Posadas, e na quarta a canoa estava pronta: calafetada, lixada e pintada. Satisfeito com sua obra, à noite Morán foi ao bar. Chegou a passar pela casa de Mal, para cumprimentar Inés, mas desistiu, não queria dar lugar a falatórios, por causa da ausência do marido. Alegrou-se, contudo, no dia seguinte, ao ver chegar Inés, a cavalo, retribuindo a visita frustrada.

— Ontem à noite ouvi teus passos. Quando saí, tinhas sumido.
— Achei melhor...
— Foi o que imaginei. Tu e teus compatriotas sul-americanos... Fizeste bem, claro, de teu ponto de vista. Mas eu sou diferente, Morán, e aqui estou para te visitar.

Saltou do cavalo, mais uma vez encantada com a paisagem que se descortinava da casa do amigo.

— Quando comprei esta meseta — explicou Morán — e a porção de mato que ali vês, todo mundo achou graça, porque aqui, tirando a linda vista, só havia pedras. “Se não tivéssemos visto como ele trabalha”, diziam em’ Iviraromí, “pensaríamos que Morán é um poeta. Quem, senão ele, daria mil pesos por aqueles páramos?” Agora todo mundo quer minhas pedras para construir, e de graça,

porque são pedras. Montserier, que não quis pagar novecentos pesos por esta mesma terra, indispensável para unir num só bloco seus dois mil hectares, esteve aqui no mês passado. Disse que qualquer dia será obrigado a comprar minha propriedade para dar à sua mulher, por causa da vista do rio... Inés, não tens hora certa para comer, tens?

— Não, não tenho — riu a jovem, mostrando sua fresca e saudável dentadura.

— Então Aureliana vai nos servir o que tiver. Morán apenas tomou café, mas Inés comeu alegre e fartamente.

Três dias depois a visita se repetia, e no quarto dia chegavam a Iviraromí, de lancha, a família Iníquez e Ekdal.

XXX

— Na mesma noite da chegada, Morán montou guarda na janela até a meia-noite, mas Magdalena não apareceu.

Num dia anterior à sua partida, Magdalena pedira a Morán que deixasse os tubos ao pé do último moirão da quinta, a cinquenta metros da casa. Ele nunca soube como Magdalena, naquela atmosfera inquisitorial, conseguia ir caminhando até lá, como se abaixava sem despertar suspeitas, e como escondia os tubos, depois de recolhidos. Alguns deles eram bem grossos, Morán não escrevia com brevidade à sua amada.

Voltando Magdalena, Morán passou a deixar suas cartas entre oito e nove da noite, ao mesmo tempo em que recolhia as respostas. Escreviam-se todos os dias. Morán lia a carta no bar, escondida em sua caderneta de fórmulas e apontamentos, e ali mesmo, isolado numa mesinha, escrevia a nova carta. Não raro desconfiava de que, lendo e escrevendo no bar, noite atrás de noite, talvez estivesse a intrigar os frequentadores, entre os quais se contavam, às vezes, Pablo e Salvador. Mas estes — pensava — dificilmente descobririam os secretos caminhos de sua

correspondência. Quanto aos demais, não se preocupava com o que pudessem pensar.

Uma noite, ao abrir uma carta, Morán ficou imóvel. Magdalena, convencida de que ele a enganava com Inés Ekdal, dava tudo por terminado. “Custei a me convencer. Preferia morrer a acreditar nisso. Agora não tem mais remédio.”

Morán impressionou-se vivamente com o que estava por trás daquele rompimento. Os ciúmes tinham sido inoculados por familiares, sem dúvida, mas aquilo provava uma vez mais a influência fatal que a família continuava a exercer sobre o coração puro e o espírito débil da filha menor. Ah, libertá-la deles, reeducá-la, transformar em alto e claro juízo o último preconceito que maculasse sua bondade... Mas como fazê-lo, se ela estava submetida à tortura diária da insídia, da espionagem, do desprezo, do inferno?

Naquela noite não escreveu no bar. Saiu sozinho e, pelas picadas lôbregas, foi até o rio branco de lua. Quando chegou em casa, mortificado, amargo, ouviu dentro de si a voz de Inés, que dizia: “Ajuda-a a lutar, Morán”.

Bruscamente, como costuma ocorrer com as dores criadas pelo próprio coração e que vão-se acumulando, sem descanso, para afogar uma luz que não se quer ver surgir, Morán passou da descrença mais exasperante à mais cândida fé. Escreveu mentalmente, quase palavra por palavra, a carta que enviaria no dia seguinte. E dormiu feliz.

XXXI

— Morán enviou a carta e não obteve resposta. Escreveu outra, e outra mais, sem que sua mão nervosa encontrasse, ao pé do moirão, algo mais do que o pasto úmido. Tampouco conseguia ver Magdalena. Inés, que estava a par da situação — mas não do motivo —, comentou:

— Estou estranhando o comportamento dos Iníquez. Ontem passaram por aqui, me cumprimentaram, mas não se aproximaram.

— Como está Magdalena?

— Parece pior. Não tem um aspecto feliz. Pobre criança! Precisas ser tolerante, Morán. Não deves julgá-la sem saber o que está acontecendo. Ela está sozinha, sem sequer te ver, hostilizada dia e noite, e muito provavelmente sendo enganada.

E depois de uma pausa:

— Não tens por aí alguma distração que possa ter chegado aos ouvidos dela? Se bem me lembro, houve uma noite em que estavas com uma das meninas Hontou...

— Não as vejo faz tempo.

— Melhor. Não terias perdão, estando comprometido com Magdalena.

— Até amanhã — disse Morán, bruscamente. — Não estou me sentindo bem.

Tampouco viu Magdalena ao voltar. E às oito da noite estava outra vez com Alicia.

Como em outras ocasiões, rolaram da alma de Morán, para Alicia, toda a ternura, toda a paixão que estavam reservadas para Magdalena. A moça, arrebatada, fechava os olhos. E mesmo sabendo que as flechas amorosas tinham outro alvo, expunha o enlevado coração, porque era Morán quem as lançava.

Nas cinco noites que se seguiram, Morán não faltou uma só vez. Também como em encontros passados, a excitação se expressou na mesma linguagem do amor. E Alicia, paradoxalmente, só encontrava forças para resistir em sua própria felicidade.

“Daria qualquer coisa para que me quisesse menos”, dizia-se Morán, com seus cinco sentidos confluentes e aguçados num só desejo. E ante o rugido da fera que a extenuava até o martírio, Alicia reagia:

— Não, não, Máximo. Eu te amo, sabes bem, mas assim não, assim não quero...

Dona Asunción passava às vezes por ali e, ao vê-los juntos, sorria, encantada:

— Case com essa menina, Dom Morán. Alicia vai ser uma boa esposa.

O olhar de Alicia, atento e triste, procurava o de Morán. Mas Morán, ainda que ardesse de desejo, não queria enganá-la, prometendo o que não podia cumprir. De outra parte, o despeito que o levara à casa de Alicia começava a abandoná-lo. Na quinta noite ele se retirou abatido e com os nervos despedaçados: como os cães de matilha, os sentidos não satisfeitos roem até o osso. Não voltaria mais. Nada disse a Alicia, mas ela adivinhou:

— Não vais voltar, amas ainda outra pessoa.

Ele não respondeu. Alicia, ao sentir sua mão quase solta na de Morán, continuou:

— Sou uma pobre moça e nada posso pretender. Mas juro, por Deus, que nem a Iníquez nem ninguém vai te amar como te amo. E no dia em que...

Voltou o rosto e levou a mão à boca para abafar um soluço.

XXXII

— Morán não voltou, pois a carta de Magdalena — enfim! — enlouqueceu-o de contentamento. Com nenhuma outra mulher Morán teria demonstrado a terna paciência de que deu provas naqueles tristonhos dias. Para sua Magda — aquela criança de 17 anos que lhe dissera: “Tu sofreste demais na vida, agora precisas ser feliz” —, para aquela virgem que era sua, que lhe pertencia de corpo e alma, embora ainda não tivesse sido sua concretamente, a impaciência primordial de Morán se transformava em grave contemplação e suavíssima esperança.

Eram felizes de novo, ainda que o amor estivesse sendo submetido a testes cada vez mais duros. Tinham de valer-se de espertezas que, sendo nele aceitáveis, nela se manifestavam como uma revelação.

Numa tarde em que Morán, a cavalo, passou diante da casa, viu Pablo e um dos negros recorrendo o alambrado e observando atentamente o chão. À noite, quando Morán ia atravessar a picada

para deixar sua carta, deteve-se: do saguão, Pablo esquadrinhava a orla do mato.

No lugar onde estava, Morán não podia ser visto. Pablo avançou rente à casa e em seguida ao longo do alambrado, sem afastar os olhos da picada. Sem dúvida, suspeitava da presença do outro.

Morán não se movia, protegido pelas sombras do mato. Mas viu-se obrigado a mudar de tática, quando Pablo, convencido de que dali não podia ver o inimigo, avançou até o meio da picada, abaixando-se para distinguir a silhueta de Morán contra o céu mais claro. Por várias vezes repetiu o estranho movimento, deitando-se no chão e logo se levantando, e Morán, para não ser visto, fez a mesma coisa.

Não entrava nos cálculos de Pablo aproximar-se do suspeito: desejava apenas comprovar sua presença. Decepcionado, entrou em casa. Morán, ainda agitado com aquela caçada imprevista, foi embora, com planos de voltar mais tarde. Assobiava alegremente, enquanto atravessava o mato, mantendo-se na trilha graças aos repentinos relâmpagos de sua lanterna.

XXXIII

— Aconteceu, por fim, o que a qualquer momento podia acontecer: Magdalena foi surpreendida recolhendo um tubo. Morán soube em seguida, pela presença em sua casa da pessoa mais insuspeita — para os Iníquez e para ele mesmo — de prestar-se a uma intriga assim. O visitante deixou sobre a mesa, como por esquecimento, uma carta de Magdalena, que dizia:

Nos descobriram. O que faremos? Impossível deixar os tubos naquele lugar. Não poderei passear mais pelo alambrado. Que tormento, meu amor! Não posso escrever mais. Mas não te desespera, meu querido.

Como ela pedia — ou impunha —, Morán permaneceu tranquilo. Mas quando, seis dias depois, caminhando com Ekdal pela estrada, viu a senhora de Iníquez e as duas filhas, que olhavam o crepúsculo

com os cotovelos apoiados no alambrado, deixou Ekdal surpreso ao fazer um inesperado relato, sem antecedentes que o justificassem:

— Então aconteceu o que era de esperar, pois não ignoras a maneira de ser de Berthelot. Pegou o tubo de ensaio e o lançou ali mesmo, na estrada, deixando estupefatos os presentes.

Já ultrapassavam as três mulheres e Morán se calou. Ekdal ainda o olhava e ele riu. Ninguém entendera uma só palavra daquele breve relato do gesto do tal de Berthelot. Mas Morán sabia que Magdalena tinha compreendido.

De fato, indo de noite, a cavalo, à casa dos Iníquez, Morán passou a jogar os tubos a cem metros do lugar habitual. Magdalena os recolhia no dia seguinte, sem que jamais se soubesse como.

XXXIV

— Dia a dia Morán via sua amada avançar pela senda da independência e da vontade. Algo tinha contribuído para isso: os Iníquez, vendo que não resultava em nada romper com os Ekdal, promoveram a reaproximação. Morán pôs Inés a par de certos números e palavras cabalísticas que, enunciados como por acaso diante de Magdalena, davam-lhe ciência da cumplicidade do interlocutor. A jovem ficou belamente pálida na tarde em que Inés, falando com seu marido diante dos Iníquez, contou que havia encontrado “24” ovos de certa cobra... Magdalena, quase espantada, fitou Inés, e esta, quase imperceptivelmente, piscou-lhe um olho.

Quando Inés terminou de contar a Morán sobre a animação em que Magdalena andava agora, ele comentou, entusiasmado:

— Desta vez Magdalena vai ser minha.

— Ela é tua — disse Inés —, mas precisas tê-la.

— Eu a terei.

— Acredito. Ah, Morán, não podes imaginar os tormentos que têm sido impostos a essa pobre criança. É preciso que tenha uma vontade de ferro — essa vontade que, na tua opinião, ela não tem — para resistir à pressão de todos os dias, todas as horas, todos os

minutos. Não, violência não. Mas, se fala com um irmão, ele não responde. Se fala com a cunhada, ela não ouve. Se se aproxima da mãe, a mãe começa a chorar. E ninguém diz nada a ela! Sabes muito bem que Magdalena tem veneração pela mãe. Imagina o que significa viver assim, dia após dia, e de noite a chorar na cama... E há no mundo um senhor Morán que aperta os dentes porque Magdalena, rindo, não troca a família por ele...

— Sou um miserável — apoiou Morán.

— Nem tanto. Mas afrouxa os dentes, Morán. Não reprova tanto. Nenhuma mulher, com a educação como a de Magdalena, teria resistido tanto.

— Tu és um encanto, Inesita.

— E para que sigas pensando que sou mesmo um encanto, te direi que Magdalena te espera depois de amanhã na janela, às nove em ponto. Em algumas noites andaste por lá a cavalo, não é?

— Sim, mas o deixava no mato.

— Ouviram quando ele relinchou. — Uma vez só.

— Bem, é melhor ir sempre a pé. Já vais embora? Se me deres um chá menos horrível do que aquele da última vez, iremos hoje à tarde à tua casa.

— Vou pendurar Aureliana e suas filhas numa árvore para que aprendam a servir Inesita Ekdal.

XXXV

— A entrevista de Morán com Magdalena teve a brevidade de um relâmpago. E o que Morán viu diante de si foi o espectro atravessado de dor de sua Magda, que desde tanto não via. Era, sem dúvida, a mesma e bela criança, mas seu olhar, agora, era demasiado profundo. A própria alegria de vê-lo surgia em seu rosto como um sorriso forçado, inerte, que mal podia vencer o ríctus do constante sofrimento.

— Minha adorada — murmurou Morán, procurando entre as grades os dedos dela e levando-os à boca. Magdalena, apesar do

escasso tempo de que dispunham, sentia-se feliz demais para falar. Retirou, por fim, a mão, e olhando-o, como se olha do fundo de uma dor para um porvir que pode ocultar uma dor maior, perguntou:

— Vais me amar sempre como me amas agora?

— Sim.

— Não vais me abandonar nunca?

— Não, meu amor.

— Era o que eu queria ouvir. Não posso ficar mais. No moirão da esquina há um buraco que não se vê do lado de dentro. Põe os tubos ali. Agora vai.

— Magda.

— Não, vai!

E a janela se fechou devagar, ao mesmo tempo em que se ouviam passos no interior e Morán, em quatro saltos, internava-se no mato.

XXXVI

— Ekdal — disse Morán, dez dias depois —, tenho o maior interesse em falar com Salvador, e temo que não aceite se eu solicitar o encontro diretamente. Mas acho que não se oporia se tu o convidasses para conversar comigo em tua casa. Poderias me fazer esse favor?

— Com prazer. Quando poderia ser esse encontro?

— Hoje ou amanhã, tanto faz.

— Então amanhã.

Durante o chá que, no dia seguinte, reuniu Salvador e Morán na casa de Ekdal, nem um nem outro deixou transparecer a animosidade que se criara entre ambos. Mas quando, debruçados na mureta do tapir, ficaram a sós, suas expressões se agravaram.

— Eu acredito, Salvador — começou Morán —, que vale a pena conversarmos, por isso pedi esse encontro. Vocês não ignoram os sentimentos que Magdalena e eu temos um pelo outro. Sabem que nada nem ninguém poderá nos separar. Apesar disso, continuam

fazendo uma oposição feroz, como se eu fosse o último dos miseráveis...

— Não é isso...

— Um momento. Já me perguntei mil vezes qual o motivo dessa oposição. Considerarei uma por uma as razões que vocês podem ter para proceder assim, e não encontrei nenhuma que pudesse ser considerada uma razão de peso. Minha posição, primeiro. Não sou rico, mas também não sou pobre. Vocês não ignoram que posso sustentar uma família e que Magdalena se sentiria feliz com o que posso oferecer...

— Não é isso...

— Meu temperamento: tu mesmo, numa noite em que jantava em tua casa, me defendeste da acusação de ter um caráter inflexível...

— Também não é isso...

— A diferença de idade. É grande, sem dúvida. Mas, por si só, não justificaria uma rejeição tão radical. Minha falta de fé: bem, eu diria que tua mãe...

— Não, não — conseguiu interrompê-lo Salvador —, não é nenhum desses motivos em particular. É o conjunto. Em casa estamos convencidos de que Magdalena jamais seria feliz contigo. Mas ela é livre.

— Livre? Chamas de liberdade a enorme pressão que exercem sobre essa pobre moça?

— Não lhe falamos nada...

— Nisso consiste a pressão. Vive com a família, mas, para vocês, é como se ela não existisse.

— Ela é livre, pode fazer o que quiser. — Inclusive casar-se?

— Sim.

Morán ficou um momento calado. E logo: — E o preço dessa liberdade?

— Insistes nessa palavra... Para nós, ela estará morta, só isso. Ela é livre para se casar quando quiser. Tem sua parte na propriedade perfeitamente separada.

Morán, que naquele instante colocara seus óculos de sombra para proteger-se do sol de frente, sorriu: — Suponho que não

estejas querendo me insultar... — De modo algum. Mencionei esse pormenor apenas para te demonstrar que Magdalena pode casar-se quando quiser. Mas que não conte mais conosco.

Morán viu naquela conversa apenas uma coisa: Magdalena, enfim, era sua. Enternecido, a contragosto, pelo afeto que, no passado, sentia por Salvador, disse: — Devo considerar que nossa amizade também termina para sempre?

— Sim, enquanto minha irmã viver.

XXXVII

— Feliz! Morán sentia-se feliz, com a maior alegria que pode dar sentido à existência de um homem: a posse imediata de uma criatura cuja vida não tem outro destino senão o de se constituir no grande amor desse homem. Incerteza sobre o débil caráter de Magdalena, desalento ante seus duplos jogos de consciência, tudo isso tinha sido um remoto exagero de sua sede doentia de refletir e analisar. Sua Magda! Pura e espontânea, alento e calma de seu viver! Que vontade de abraçar seus joelhos e pedir-lhe perdão, entregando-lhe tudo aquilo que um homem, por uma única vez na vida, entrega sem reservas nessa atitude!

Mas não podia perder um instante.

“Estou decidida a tudo”, ela tinha escrito, “sei que Deus perdoará o que faço.”

Ekdal fora à casa dos Iníguez em nome de Morán.

— Estão dispostos — disse ele —, mas não querem que vejas Magdalena antes da cerimônia. Insistem nisso. — Que seja — assentiu Morán —, embora eu desse mil anos para vê-la. Deixaste claro que eu desejava me casar na segunda-feira próxima?

— Sim.

— E que embarcaríamos em seguida?

— Também. Eles parecem contar com isso.

— Imagino que sim. Bem, vou indo. Ainda preciso arrumar algumas coisas.

XXXVIII

— Se em circunstâncias normais o abandono de um lugar já preocupa um mês antes da viagem, imagine-se a tensão que enfrentava Morán para aprontar tudo em três dias. Trabalhos pela metade que precisavam ser terminados, sob pena de ver-se a propriedade transformada em ruínas; os alambrados; as plantas; o destino de um cavalo, de uma vaca, de um cachorro, durante as calamidades que assolavam a região, como as enchentes e as secas intermináveis; ordens gerais que deviam ser cumpridas de qualquer maneira; ordens particulares para certos casos; previsões para até depois de um ano do presumido regresso, se se queria evitar problemas no caso de um imprevisto; dívidas a saldar; dinheiro a obter... enfim, a soma de inquietudes que acompanham fielmente as viagens.

Morán resolveu tudo em três dias. Se quisesse, teria resolvido em dois, ou mesmo em um, pois caçara as dificuldades como uma ave de rapina.

Aureliana o ajudou a resolver as questões internas, ainda que se aturdisse com as cobranças do patrão. E quando, às seis da tarde do terceiro dia, Morán não teve outra coisa para pensar senão em sua felicidade, um só remorso, obscuro mas constante, pesava sobre ele.

Em Iviraromí, onde vivera todo o inverno de seu drama de amor, a notícia do casamento tinha corrido como um rastilho de pólvora e chegado aos ouvidos dos Hontou. No dia anterior, à noitinha, Morán tivera de refrear bruscamente o galope de seu cavalo, pois um menino se atravessara no caminho.

— Queres falar comigo?

— É Alicia, dos Hontou. Mandou dizer que quer falar com o senhor.

Um homem não se sente com a consciência tranquila quando uma mulher, ao mandar chamá-lo, faz com que se lembre de seu

juramento de amor eterno. Morán hesitou um momento. E respondeu, antes de partir novamente:

— Diz a ela que irei vê-la dentro de três ou quatro dias.

Ora, em dois dias iria embora, mas, com essa resposta enganadora, pensava enganar também sua consciência. Mais tarde, quando, de banho tomado, conversava com Aureliana sobre questões pendentes, viera de novo o menino com uma carta de Alicia.

Máximo, ouvi dizer que vais embora e quero te ver antes disso. Pelo que mais queres nesse mundo, vem aqui hoje à noite. Só quero te ver, nada mais. Vem, Máximo, vem hoje!

Morán, que com aquela promessa só havia ludibriado parte de sua consciência, irritara-se consigo mesmo ao pensar no sórdido engodo.

— O que digo? — insistira o menino.

E ele respondera:— Nada.

XXXIX

— O senhor devia levar o capote — recomendou Aureliana, ao ver Morán já montado no cavalo.

Ele deu uma olhada em toda a volta do céu. A oeste, depois do rio, grossos cúmulos de base escura subiam como em erupção, uns sobre os outros, gretados

de bruscas comoções de luz lívida. Nem as folhas se moviam. Em todos os outros pontos o céu estava limpo, mas com um ligeiro véu de asfixia. As galinhas se recolheram muito cedo. O temporal não ia demorar.

— Não é preciso — disse Morán —, volto em seguida para jantar. O carreiro encontrou os bois?

— Sim. E disse que ao meio-dia vai estar aqui.

— E Floriano, veio?

— Também. Em três dias ficam prontas as tábuas.

— E o roçado do bananal?

— Ai, me esqueci disso...

— Então trata de lembrar.

Ordem por ordem, detalhe por detalhe, Morán ia cuidando de tudo. Na vila, procurou duas ou três pessoas e ainda foi conversar com o responsável pelo Registro Civil, que parecia tão entusiasmado com o casamento quanto o próprio noivo. E quando se viu livre de todas as preocupações e de todos os esquecimentos possíveis, passou pela casa de Ekdal, trocando com ele meia dúzia de palavras. Mais tarde, teriam de conversar longamente sobre a cerimônia do dia seguinte.

— Já está tudo pronto? — perguntou Ekdal.

— Está. Sou neste instante o homem mais feliz do mundo. Até daqui a pouco, Ekdal.

Ao dobrar a esquina do mato, encontrou-se com Inés, que saíra a caminhar.

— Já vais embora?

— Já, mas volto em seguida.

Tão logo partiu a galope, ouviu Inés gritar: — Não te esquece do que me prometeste.

— O que foi? — perguntou Morán, parando.

— Teu retrato.

— Claro, Inesita.

Olharam-se por um instante, rindo, e se despediram com o braço erguido, numa saudação indígena.

XL

— No coração humano não há uma pulsação misteriosa que faça prever o acontecimento fatal que vai aniquilá-lo. Nada no céu, nem nas coisas que se vêem, nem na terra que se pisa, adverte o homem de que o universo inteiro desabarà sobre ele. O homem segue seu caminho, feliz e admirado de existir, grato às coisas que o contemplam, ao perfume das flores do mato que o arrebatam, certo

de poder sorrir a sós, se quiser, pois ninguém como ele redimiou e garantiu sua vida por meio de um grande e imenso amor.”

Quem sorria a sós, regressando à sua casa, era Morán. Mas deixou de sorrir ao avistar a silhueta de um homem à espera no portão. E ao reconhecer o visitante, pôde então prever, por fim — já com a flecha da morte cravada em seu coração —, a catástrofe que o aguardava. O negro mais velho dos Iníquez, emissário oficial da família, entregou-lhe uma carta.

— Tem resposta? — perguntou Morán.

— Acho que não — disse o negro. — Todos foram para o campo.

Morán ficou olhando para os objetos inanimados que o cercavam, indiferentes, puros, eternos. Recostou-se no tronco de uma palmeira e abriu a carta.

Tudo o que já fizemos e tudo o que possamos fazer é inútil — dizia Magdalena — estou convencida de que para nós não há salvação. Esta carta não me foi ditada por ninguém. Me esquece e adeus.

Ao terminar de ler, não se moveu. Que podia fazer, senão tomar consciência, sob um céu de tormentos, do vazio sem limites de sua existência? As ilusões de um homem com têmporas prateadas vivem não só de seu futuro, mas de seu presente e seu passado, pois, com suas raízes, elas impregnam sua personalidade. E essas raizinhas, quando arrancadas, deixam no corpo morto um sabor mais amargo do que o fel.

“Para nós não há salvação.” Com essa frase Magdalena expressava toda a luta de sua vontade. Valendo-se da religião — o terror do inferno, a condenação da alma —, a família dera sua cartada decisiva no jogo contra Morán. Fingir consentimento, assim fizera Salvador. Induzindo Morán a precipitar os acontecimentos, induzira-o também a cair na armadilha. Jamais os Iníquez haviam concordado com o casamento. Forçando Magdalena a decidir-se entre Morán e o espectro da mãe arrastada às chamas do inferno por causa de seu procedimento, fizeram com que se entregasse e, afinal, escrevesse aquela carta por sua conta.

Morán esperara do amor o impossível. Agora se rendia. Afastou-se sem pressa da palmeira, passou a mão na testa como quem

arrancasse dali um pesadelo, e foi desencilhar seu cavalo, que o aguardava no escuro, com as orelhas imóveis e alertas. O sonho tinha terminado.

XLI

— Não vai jantar, senhor? — perguntou Aureliana, que o seguia, prevendo más notícias no silêncio dele.

— Não, obrigado.

Alguém vinha subindo pelo caminho, em direção à casa. Ao ouvir passos no cascalho, Morán teve a sensação de um novo choque no mesmo lugar sensibilíssimo do golpe anterior.

— Não estou para ninguém — disse a Aureliana, indo para o galpão com o cavalo.

Um instante depois retornava Aureliana, cautelosa.

E... desencilhar seu cavalo, que o aguardava no escuro, com as orelhas imóveis e alertas. O sonho tinha terminado.

XLI

— Não vai jantar, senhor? — perguntou Aureliana, que o seguia, prevendo más notícias no silêncio dele.

— Não, obrigado.

Alguém vinha subindo pelo caminho, em direção à casa. Ao ouvir passos no cascalho, Morán teve a sensação de um novo choque no mesmo lugar sensibilíssimo do golpe anterior.

— Não estou para ninguém — disse a Aureliana, indo para o galpão com o cavalo.

Um instante depois retornava Aureliana, cautelosa.

— É...

— Que vá para o diabo — explodiu Morán.

Ao passar por trás da oficina, viu a silhueta imóvel do novo visitante, no meio do pátio, e dirigiu-se resolutamente para lá. Não era o mensageiro que temia. Era Miguel Hontou.

— Boa noite, Dom Morán — disse Miguel, tirando o chapéu.

Morán conhecia o sorriso desajeitado e tímido com que os Hontou estendiam a mão para um patrão. Mas a atitude de Miguel pareceu-lhe mais tímida e desajeitada ainda, e ele conteve sua irritação.

— O que há, Miguel?

— Queria lhe dizer que Alicia...

Os punhos de Morán se fecharam. Alicia de novo!

— ...é finada já.

— Quê? — Morán saltou.

— Morreu...

— Morreu como? De quê?

— Se envenenou.

Houve um pesado silêncio. No seu íntimo, para além da vida presente, Morán sentiu como se duas mãos decepidadas sacudissem seu coração — ou o lugar onde deveria estar seu coração. Pobre criança!

— Mãe quer que vá vê-la, Dom Morán...

— Mas claro! Que barbaridade! — murmurou, condensando nessas palavras seu aniquilamento diante daquilo que devia e podia ter sido evitado.

Pouco depois chegaram ambos à casa dos Hontou. Roberto saiu ao encontro de Morán, com o mesmo e tímido sorriso forçado de seu irmão menor.

— Veja só, Dom Morán...

— Que barbaridade — repetiu Morán. — Mas como isso aconteceu? Quando foi?

— Faz meia hora, não mais. Mas o senhor se molhou na chuva, Dom Morán. Se quiser uma roupa seca...

— Não, não é nada. E Dona Asunción?

— Está lá dentro, com ela. A pobre velha, Dom Morán. Gostava de Alicia muito mais do que de nós. Pobre mãe. Venha, Dom Morán...

Ao entrar na peça, Morán não quis olhar para Alicia, no catre, só olhou para a desgraçada mãe. Sentada num bauzinho, com as mãos entre os joelhos, ela se balançava lentamente para frente e para trás. Não viu Morán entrar. Mas quando ele tocou em seu ombro, ela ergueu os olhos e, reconhecendo-o, levou as mãos ao rosto.

— Minha filhinha, Dom Morán — soluçou, como quem pede contas.

— Dona Asunción... — Morán pôde murmurar, sentindo-se o último dos homens.

— Minha filhinha, Dom Morán... Eu sempre lhe dizia: case com ela... O senhor gostava de outra mulher, eu sei... Minha menina, tão boa que ela era... E ela o queria tanto, Dom Morán...

Enxugou os olhos e, apertando nas suas as mãos de Morán, prosseguiu, sempre olhando para o corpo da filha: — Eu não acreditava que ela o amasse tanto... Eu a via triste, calada... calada até comigo... Ontem mandou lhe chamar, o senhor não veio. Ela sabia que ia se casar, mas só ontem soube que ia embora e então lhe escreveu. Eu acho, Dom Morán... o senhor é um homem, sabe o que faz... mas eu acho que, se o senhor tivesse vindo, ainda que por um momentinho, minha pobre filhinha ainda estaria viva...

Há sofrimentos cuja essência não se pode analisar, pela diversidade tumultuosa de seus motivos. Mas quando essa dor está constituída toda ela de remorsos, e esse remorso está ligado a uma persistente fatalidade, pode-se esperar qualquer dúvida desse homem, menos a de sentir-se — outra vez e de novo — um assassino.

Morán deixou o quarto.

— Vou em casa, Miguel. Estou muito molhado.

— Sim, é melhor. Muito obrigado por ter vindo. Roberto! Dom Morán já vai.

Roberto e Etién vieram cumprimentá-lo, agradecidos. Sob chuva torrencial, que batia no pasto fazendo barulho, como se batesse diretamente na terra, Morán voltou a galope para casa. Um pequeno quadro de luz brilhava sob o beirado da oficina, Aureliana ainda não se deitara.

Quando Morán entrou no galpão, ela estava à sua espera.

— Deixe que desencilho o cavalo. Que chuva!

— Obrigado. Depois prepara uma xícara grande de café e leva ao meu quarto.

E tiritando, como se tivesse andado mil anos no gelo, atravessou o pátio cheio d'água, mudou de roupa e jogou-se na cama, tapando-se com os cobertores.

Quando, meia hora depois, Aureliana chamou da porta, ele se levantou e bebeu o café em três goles.

— Aureliana — disse, com a mão no ombro dela —, não vou mais me casar. Vou embora amanhã, no vapor ` , de carreira. Ao meio-dia, quando vier o carreiro, manda-o carregar a bagagem e levá-la até a lancha. As ordens que te deixo são as de sempre. Não sei quando vou te escrever. Se acontecer alguma coisa, me escreve, o endereço está num papel ali na mesa. Isso é tudo. Agora vai te deitar — concluiu, com um débil sorriso, dando-lhe um tapinha no ombro.

— Patrão... — começou ela, e logo parou. — Vai.

— Está bem, senhor. Mas, detendo-se ainda: — Deixo o cavalo preso?

— Ah, sim, ia me esquecendo. Vou a cavalo para o porto. Depois manda uma das meninas buscá-lo.

— E... quando o senhor volta?

— Não sei. Pode ir, Aureliana.

XLII

— Mas sabia. Da amurada do vapor, que sem apitar e sob chuva pesada também parecia fugir para sempre de Misiones, Morán contemplava, acima do mato brumoso, a vila da erva-mate, com a febre de lucro que enchia toda a região, e que para ele só significava dois amores, sob os quais, como sob o capote que vestia, ele mesmo jazia, morto. E não só ele... Oferecera, entregara, confiara sua vida dolorosa à felicidade, mas a religião, mais forte do que um grande e puro amor, negara-lhe essa redenção. E se, de olhos

fechados, cego, não soubera reconhecer uma outra felicidade, agora já não podia fazê-lo: também ela estava morta.

Cruzando mais os braços sobre a amurada, Morán contemplou, até perder de vista, o lugar que abandonava. Tinha invocado cem vezes o Destino, como se invoca uma invencível divindade. Dali por diante podia ficar tranquilo: o seu já estava cumprido.

FIM

** A presença de ratos é frequente nos textos de Quiroga. Num deles ("Los cazadores de ratas") os ratos não aparecem, mas impõem condições à permanência de suas inimigas, as cobras, num sítio onde se instala uma família. Num artigo da série intitulada De la vida de nuestros animales, Quiroga descreve peculiaridades dos roedores de Misiones: "O rato do campo é um belíssimo animal, que pouco lembra o infecto, escuro e pelado rato da cidade (...) e na sua caça às mariposas (alegram) as cenas no interior (das casas)".*

*** Nesta passagem há uma mudança de discurso: do ficcional ao "científico", um recurso para retardar o desenlace, abandonar a enfadonha história das cartas, e também uma forma que o autor encontrou para discutir suas mais pessoais obsessões. Já no Quadro V há uma breve conversa entre Morán e Salvador, sobre o mesmo assunto. Outra pode ser localizada nos quadros VII e XXII, onde Morán dialoga apaixonadamente com Ekdal sobre as formas de cultivar essas plantas. Quiroga escreveu dois artigos sobre o cultivo da erva-mate, que conhecia bem, pois o praticava desde 1911, e neles desenvolve, com mais detalhes, as ideias que aqui condensa. Num deles há interessantes referências à aplicação de cal viva em plantas de dez dias, como também ocorre na novela.*

**** Quiroga foi o protótipo do antiburguês, desde a ostensiva boêmia juvenil até a dedicação ao trabalho manual em estado quase*

puro. Conheceu de perto os peões das madeiras, dos algodoeiros no Chaco. seu conto autobiográfico "El mármol inútil"), a madeira e erva-mate em Misiones ("Los pescadores de vigas", "Los mensú", "Una bofetada" e outros). Expôs sem afetação a exploração dos trabalhadores (como no estupendo "Los precursores", que nunca publicou em livro), mas subsistiram nele certos conflitos de consciência, agravados pela surpreendente comprovação de que era tido como apenas um patrão. Ao contrário do que declara nesta passagem e sugere em outras, os peões de San Ignacio não o viam como um igual. Foi o que ele, sombriamente, comunicou ao amigo Martinez Estrada, em carta de 13 de julho de 1936: Eu tinha entendido sempre que os peões me viam com muita simpatia, por trabalhar ombro a ombro com eles, mesmo sendo um patrão (..). Um dia (..), estando eu com a enxada e o picão, disse-me um peão que entrava: "Deixe esse trabalho para os peões, patrão". Há poucos dias, passaram quatro peões cortadores de erva, e vendo-me na mesma atividade, gritaram: "Não precisa de gente, patrão?" E o tom era velhaco. (..) São tão insensíveis que, ao invés de ver em mim um irmão, sentem-se roubados.

O caso de “Passado amor”

PABLO ROCCA

A novela *Passado amor*, na obra de Horacio Quiroga, é diferente de sua incursão anterior ao gênero, “História de um louco amor”. Comparado com o resto de sua produção, é um texto desconcertante. E não deixa de ser curioso, por causa de sua posição cronológica e também porque, de algum modo, sintetiza todas as virtudes e os defeitos do narrador, transformando-se na chave de abóboda de seu ciclo escritural, na peça que possibilita uma recapitulação de sua experiência narrativa e uma releitura de sua obra.

A propósito, deve-se lembrar de que é um relato da maturidade, escrito aos cinquenta anos e quase ao final de sua carreira, quando já era grave a crise do realismo — e mais ainda a dos temas sentimentais —, e as vanguardas, que Quiroga não conheceu a fundo, sacudiam na Europa as estruturas narrativas que contribuiriam para a fundação da nova escola latino-americana.

Quarenta e dois brevíssimos capítulos compõem a história, que é relatada por um narrador onisciente, de terceira pessoa, e se desenrola num estreito marco físico e temporal (Iviraromí, em Misiones, numas poucas semanas).

Como é corrente em tudo que escreveu, também aqui há um possível traço autobiográfico. Em dezembro de 1915, sua primeira mulher, Ana Maria Cirés, suicidou-se em Misiones, onde viviam com dois filhos pequenos. Quiroga mudou-se outra vez para Buenos Aires, onde, dez anos depois da tragédia matrimonial, conheceu Maria Elena Bravo. Com essa jovem que tinha a idade de sua filha, de uma beleza deslumbrante — a julgar pelas cinco ou seis fotografias da época em que se conheceram —, ele se casou em julho de 1927. A tal período corresponde a redação de *Passado amor*.

Ocorreu, portanto, nova paixão por uma quase adolescente. Era natural que, nessa altura de sua vida — e com a agravante da diferença de idade do casal (quase trinta anos) —, ele se sentisse ameaçado por certos temores e obsessões. Não é por casualidade que voltam à sua literatura a solidão, o fracasso e, sobretudo, Misiones. Ressurge o imperativo de instalar-se naquele paraíso sempre buscado, o mesmo que se transformara em seu inferno particular. Em fins de janeiro de 1932, o mistério da selva o engole novamente, com a nova esposa e a filha recém-nascida.

Passado amor, publicado em 1929, teve para Quiroga um duplo efeito psicológico: auxiliou-o a exorcizar o passado, a selar o luto, e fez aflorar, no plano de sua consciência, o projeto do regresso, a tenaz aposta de voltar ao lugar da dor. De vencê-lo ou ser definitivamente vencido, como por fim aconteceu.

Observe-se a correspondência com a novela: Máximo Morán regressa a Misiones (viúvo, homem maduro, mas ainda moço) e encontra o amor de Magdalena Iníguez, uma adolescente filha de vizinhos.

A trama, segundo Emir Rodríguez Monegal, parte “de uma circunstância autobiográfica, suas relações frustradas com Ana María Palacio (1925)”. Talvez seja um erro deixar-se guiar por transferências mecânicas da vida para a obra. Em lugar desse axioma redutor, poder-se-ia optar por uma síntese entre a fracassada tentativa amorosa referida pelo crítico e a também infrutífera luta juvenil para conquistar María Esther Jurkowski (recriada em *Una estación de amor* e na peça teatral *Las sacrificadas*). E também a guerra que, outrora, tivera de travar para casar-se com sua primeira mulher, e, ainda, a recente relação (seguramente algo escandalosa para os contemporâneos) com Maria Elena Bravo. Mas é preciso que se estabeleça um limite epistemológico que iniba a identificação, como num espelho, entre o ato da vida e o ato ficcional, que é alcançado, ou com a árdua experiência, a atenta observação do homem maduro devotado aos encantos femininos, ou talvez com a simples evidência perturbadora do amor.

Todas essas possibilidades têm, nas emoções mais secretas de Quiroga, um estranho fio que as liga: encontram sua representação, sua misteriosa e profunda síntese, em versos do poeta italiano Gabrielle D'Annunzio, sempre mal citados:

*Lontano come un grande, passato dolore
Grande come un passato, lontano amore*

Enquanto durou a tormentosa paixão por Maria Esther Jurkowski (1904-1906), Quiroga aludiu a esses versos uma meia dúzia de vezes, uma delas enquanto projetava ou redigia *Historia de um louco amor*. Tornou a evocá-los como “extraordinários, e tão meus” trinta anos depois, quando se processava sua separação da segunda esposa. *Passado amor*, como se depreende, é uma livre transposição de tais versos, porque a frase que o segue sempre se aproxima da definição mais pessoal e íntima de Quiroga para o amor.

Quem descobriu a impropriedade da citação foi Roberto Ibáñez, que apontou, com sua sempre atenta erudição:

“Talvez porque sempre se valesse só de sua memória, modificou o fervor do original e, ao mesmo tempo, sem reparar na divergência métrica dos versos copiados, apresentou-os como o final de um soneto” (...) Esses versos, sem as deformações perceptíveis na transposição de Quiroga, devem ser os que coroam (...) a oitava — e penúltima — estrofe de 1 “Nell estate dei morti” (em *Poema paradisíaco*):

“e il cielo era lontano,
come un grande aurore passado,
un grande lontano dolore”

Deve-se notar que os erros registrados na citação podem ter outra causa que não a pouca destreza técnica ou formal de Quiroga, tão distante da poesia — ele mesmo um poeta medíocre em sua fase modernista. A memória do escritor atribui ao substantivo “dor” as qualidades de “distância”, grandeza no passado, e ao substantivo “amor” — núcleo do segundo verso por ele reconstruído — outra vez

o passado e a grandeza. Os versos “tão seus” o são, com efeito, mas, tal como foram compostos por D’Annunzio, não têm o pretendido significado: é o “céu” que é “distante, como um grande amor passado” e como uma “grande distante dor”. A omissão do céu, único sujeito das duas frases, muda o sentido dos versos evocados, atribuindo o sentimento de perda ao amor, enfatizando o passado e, neste, a perda dolorosa.

Seja como for, na novela se congregam os antigos temas, as velhas manias do narrador. Na atmosfera missioneira, no escasso tempo físico em que o relato se desenvolve, acompanha-se a história de um homem (Morán) que perde sua jovem esposa, um solitário algo intratável, um patrão de cidade que domina tanto os segredos da erva-mate como os rituais da conversação intelectual ou dos jogos galantes. Envolvido num triângulo amoroso menos mórbido do que o de História de um louco amor — aqui ele não se vincula a duas irmãs —, desperta o amor de Magdalena e a paixão de Alicia, uma atraente e desejada moça do lugar. Trata com mães celestinescas e abjetas que tanto o adulam como o odeiam. Mas não são apenas esses modelos clássicos da obra de Quiroga que voltam à cena. Retornam também o trabalho inclemente sob o “sol abrasador” da região, a exploração, a miséria, a ignorância e a submissão do peão ante “a inviolabilidade do patrão”, tal como escrevera no conto “Os desterrados”. Retorna também a morte. Uma moldura realista que pretende abranger todos os temas que já havia abordado. Em grande medida o consegue.

Como o fizera desde seus primeiros intentos narrativos, aqui também se entrecruzam os códigos léxicos e as modalidades da língua, o “culto” ou canônico citadino e o dialeto regional, alternados com um critério paradigmático. Os diálogos se recortam na história com total eficácia, mas reaparecem alguns de seus piores vícios lingüísticos, como a repetição incessante do verbo “concluir” e seus derivados.” O narrador quer dar à história um valor quase documental (“conforme deixamos entrever”, “conforme temos dito”), ao mesmo tempo em que interpola seus conhecimentos de naturalista e de agricultor. Mas o núcleo da história, como já indica o título, é o amor.

Passado amor, refere o título. É o primeiro vocábulo que transforma o descritivo do título num ato verbal subjetivo, numa enunciação. Passado pode funcionar como particípio do verbo passar, indicando uma etapa já cumprida na cadeia temporal, e como adjetivo determinativo anteposto ao substantivo amor, núcleo semântico da frase. Nesta última função se enfatiza a idéia de fim. Ao mesmo tempo — e já desde título — o termo passado antecipa que a narração se refere a um fato acontecido, terminado.

A voz do narrador fala de uma ação ausente, passada, mas o tempo interior do relato transita pelas atuais vicissitudes amorosas das três personagens, e não por um passado amor que a morte aniquilou, antecedente apenas lembrado. Tantas interpretações de sentido decorrem dos paralelismos que se articulam na ação. O destinatário e a fonte do amor é um homem, Máximo Morán, que dois anos antes perdera sua esposa quase adolescente. Mantém um problemático romance com Magdalena, sempre atrapalhado por interferência alheia. Recusa o amor de Alicia, que por isso se suicida. O amor passado, o primeiro amor, cobre o destino do protagonista como uma longa sombra. Tentando escapar dela, vê-se envolvido num complicado enredo com duas mulheres que impressionam seus sentidos. Quando todo o infortúnio parece terminado, quando a dor passada é superada, a felicidade volta a ser perdida. E como antes, só resta espaço para a solidão e para a fuga.

Entre seus aproximadamente 170 relatos curtos — cálculo impreciso do próprio autor —, 29 são contos “de amor”, para usar o primeiro elemento da tríplice divisão que empregou em seu exitoso livro de 1917 (*Cuentos de amor, de locura y de muerte*). Somando-se a esses contos suas duas novelas, constata-se que não menos do que uma quinta parte das páginas que escreveu tem no amor seu centro de gravidade. Essa persistência se origina não só em seus desejos, em seus projetos literários ou em projeções de seu componente anímico: é uma prova de suas relações com o mercado para o qual escrevia.

Há pelo menos quatro cartas, com distintos correspondentes, e bem separadas no tempo, nas quais comenta sua necessidade de escrever para a imprensa periódica, fazendo um levantamento

obcecado do dinheiro que receberia como fruto dessas transações. Uma preocupação — e uma pose — que sempre o empolgou.

Numa carta a César Tiempo, de 1935, vangloria-se de sua antiga capacidade de sedutor, de seu já perdido êxito com as mulheres e também de seu atual fracasso comercial:

(..) Recebida a tua de 29 de março. Idem os muitos exemplares de *Más allá*. Creio que tenho o bastante para o resto da vida. Hoje, não sou tão pródigo. Antes, só as mulheres levavam a metade... Não é de estranhar que *Más allá* venda tão pouco.

Atiçado pela psicologia mediana daquelas jovens pequeno-burguesas, tinha sacrificado seu rigor estético. Mas nem tudo resultou em riqueza psicológica, nem se quer em fidelidade ao estatuto do cotidiano ou do "real". Em *Passado amor* há um desses lugares comuns bem marcados: a pureza virginal da menina que não se macula com pensamentos impuros (Magdalena), contraposta à sensualidade da carne acobreada de uma mulher igualmente ingênua, mas analfabeta e pobre (Alicia). Se esta última é uma personagem convincente, a outra não é. Entre elas, um noivo bem quiroguiano: bem mais velho do que a noiva, ateu, indócil, de caráter atípico.

Prejudicado por um ir e vir de cartinhas amorosas, em meio ao seqüestro injustificado que uma família de Misiones faz de sua filha menor, para evitar que se comunique com o noivo, o relato frustrou-se num setor fundamental.

Esse resultado adverso se atenua tão somente quando crítica lúcida, embora um tanto "jacobina", às regras das normas éticas de famílias católicas tradicionais. O êxito pouco comum nas novelas da época, cujas mesmas críticas desabavam no panfleto. Calam fundo suas observações sobre as normas sociais de comunidades ruralizadas, sobretudo a apreciação do papel secundário que a sociedade nativa rio-platense atribuía às suas mulheres pacatas e papa-santos. A este modelo mediatizado da "mulher latina" ele opõe a liberalidade e a soltura de uma norueguesa, Inés Ekdal, personagem, por certo, algo infeliz, por causa de sua função doutrinária, como veículo de nível ideológico na estruturação da mensagem. É que aquele "solitário e brioso anarquista" — tal como

Quiroga se autodefinia na época — não podia deixar passar uma oportunidade de um julgamento social que, antes, apenas esboçara em seus contos “de amor”.